

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — Joaquim Ferreira

REDACTOR E ADMINISTRADOR — José Augusto Gomes

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composto e impresso na

Typographia do *Jornal de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, semestre - 600

Número avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

ALERTA! CIDADÃOS ALERTA!

O governo hespanhol expediu aos governadores provinciales a circular que em seguida transcrevemos sobre conspiradores portuguezes:

«A v. ex.^a e aos governadores das demais provincias da fronteira portugueza recommendo, debaixo das suas mais estreitas responsabilidades, que, sem escusa nem protesto, nem contemplação de nenhuma ordem:

Impeça que qualquer portuguez, seja qual fôr a sua posição ou categoria, conspire ou organize forças militares irregulares para entrar com ou sem armas em terras portuguezas.

Não permita também reuniões numerosas de portuguezes suspeitos e faça com que sejam immediatamente expulsos, sabendo onde se dirigem. **Caso seja necessario, detenha capitão Couceiro e Chagas ou outras pessoas** como aquellas que sejam conhecidas por chefes de conspiradores.

Os agentes consulares, acreditados no nosso paiz, ainda que não directamente reconhecidos por notificação do governo portuguez á Hespanha, devem ser attendidos em todas as denúncias que formularem, provando que os emigrados conspiram.

Não permita, sob nenhum pretexto, que os emigrados portuguezes celebrem reuniões publicas com republicanos hespanhoes, desrespeitando as instituições do nosso paiz e infundindo receios sobre a lealdade das auctoridades hespanholas.

Os que se chamam «agentes,» subditos portuguezes, e exercem ou pretendem exercer função policial ou qualquer coacção sobre os emigrados, serão immediatamente detidos e expulsos sem contemplação.

Quanto aos emigrados que não conspiram e á grande maioria de familias que buscam asylo entre nós, que obtenham não só respeito, mas também consideração, e sendo pobres e desgraçados, a piedade característica do espirito nacional.

Accuse telegraphicamente a recepção d'esta ordem circular e participe-me, também telegraphicamente, as medidas que adopta, os incidentes que surgem; dê-me noticia de quanto se passar e, em caso de duvida, consulte-me pelo telegrapho. Tenho confiança na lealdade de v. ex.^a e espero que no seu animo não influa a pressão de ninguém, seja

qual fôr a sua profissão social ou politica ou o seu cargo official, e que cumprirá o que categoricamente ordeno.»

O ministro dos estrangeiros em Hespanha explicou ao nosso representante em Madrid que a expulsão mencionada na circular acima reproduzida se entende para fóra daquelle paiz.

Necessario é não nos iludirmos com esta circular, e confrontarmos a benevolencia nella recommendada para os vis traidores Paiva Couceiro, Chagas e outros, com os rigores determinados para os nossos compatriotas que sahiram d'esta Patria querida e do convívio dos que lhe são caros, para irem exercer a vigilancia que á Hespanha cumpria, não só pelos encargos tomados perante o nosso Governo, como também porque uma Nação que se preza, não permite que dentro das suas fronteiras se conspire contra quem fôr, quanto mais contra uma Nação sua irmã e de cujo Povo tem recebido sempre só provas de deferencia.

Mas não nos iludamos! Os conspiradores teem toda a protecção, toda a benevolencia, todas as facilidades, inclusive todo o apoio das auctoridades (salvo rarissimas excepções) e d'esse Povo da Galliza!

D'esse Povo, que muito pequeno emigra para Portugal, a quem matamos muita vez a fome, a quem dispensamos a nossa franca hospitalidade, e que nos paga d'esta maneira... que nem classificação tem.

Quem se convence que todas essas couceiradas se possam ter realizado sem conhecimento das auctoridades da Galliza? Quaes as demissões ou castigos da parte do sr. Canalejas, para com essas auctoridades, que procedem em completa antithese, do que por elle é assegurado ao nosso Governo?!

Não se illuda o Governo Portuguez, não olhe no actual momento a despesas e a sacrificios, não confie demasiadamente nas afirmações do sr. Canalejas

quando tem razões poderosas de sobra para nellas não confiar, concentre forças proximo das fronteiras, tome posições e disposições necessarias para que a primeira *intentona* que transponha o nosso territorio, seja logo inevitavelmente excurçada, não lhe dando tempo a que altere a ordem sequer nas nossas povoações arreianas e provando ao bom Povo Portuguez, que o exercito está incondicionalmente ao lado da Republica e ancioso por claramente o demonstrar e cumprir o seu dever.

JUSTIÇA

A s. ex.^a o sr. ministro da guerra

Vae entrar em vigor na corrente quinzena o augmento de vencimento a sargentos e equiparados (assim o diz a lei), mas tal não acontece, pois os artifices, os mestres de clarins, de cornetins e de ferradores, são equiparados a sargentos e a lei citada a elles se não refere!

Custa-nos a crêr essa tão inqualificavel excepção, tão impropria d'um regimen democratico, mas o que é facto é que apesar dos nossos reparos e apêlos, até á presente data nada foi determinado ou esclarecido em favor das classes não mencionadas na dita lei.

Ninguém da classe militar desconhece a sua comprovada utilidade no exercito, as injustiças de que vinham sendo victimas e o esquecimento a que haviam sido votados por esse fallido regimen monarchico, quão mal remunerados se encontram e como são grandes as difficuldades com que luctam pela vida.

Como fazer face ás suas absolutas necessidades, nos tempos que vão correndo, com um pret diário de 150 réis e uma readmissão de 40 réis?!

Haverá quem diga, «com a gratificação pelos trabalhos,» mas isso é uma utopia, pois esses trabalhos não dão em media 120000 réis annuaes.

Triste, vexatoria e desmoralizadora é a sua excepção da lei de augmento de vencimentos a sargentos e equiparados.

Para este facto chamamos mais uma vez a attenção de s. ex.^a o sr. ministro da guerra, a quem pedimos remedeie tão flagrante injustiça.

VERDADES AMARGAS

Pelas impressões que pessoalmente temos e pelas que nos são dadas a conhecer, vemos com profundo pesar que a organização do exercito veiu produzir um completo mal estar nas armas d'engenharia, infantaria e cavallaria, mas muito especialmente nas duas primeiras.

Parece inacreditavel que num momento tão grave como o que se está ainda atravessando, sahisse á luz da publicidade um documento tão erradamente elaborado.

Descontentar o exercito ou pelo menos uma grande parte d'elle na occasião em que as instituições estão carecendo do seu apoio para se consolidarem, é o que se chama — falta de tactica.

E para que a obra de desconexão fosse completa, basta até ver quanto está fóra da dialectica, o facto de se admittirem amanuenses do secretariado militar, individuos a quem não faltam já prerogativas de merecimento e a quem não faltou a melhor das recompensas dadas a sargentos—o provimento num emprego publico — a concorrerem aos exames para officias d'este serviço.

Quando mais se precisava de dar sahida ao enormissimo numero de 1.^o sargentos com o curso da Escola Central e com um bom par d'annos neste posto e reunindo todas as mais condições de promoção a official, vem o decreto com força de lei a cercar-lhe os seus direitos e os seus interesses.

E' phantastico!

E o caso é tanto mais phantastico, quanto é certo que são os 1.^o sargentos os primeiros a resentirem-se dos males da orga-

nisação militar, visto estarem quasi inhibidos d'atingirem o officialato para o quadro da sua arma. Isto na infantaria e cavallaria.

Ainda não fica por aqui o ro-zario das torpelas.

Emquanto que na arma d'engenheria e artilharia se estão promovendo a sargentos ajudantes e a alferes 1.º sargentos de 1907, na infantaria especialmente ha 1.º sargentos de 1903 que ainda nem sequer podem sonhar com a promoção a sargentos ajudantes!...

Pode este estado de coisas manter-se? Não; não é possível que se persista em tamanhos erros, e crentes estamos de que haverá reparação precisa; aliás é querer victimar aquelles que mais precisam de vida e de forças para guardar esse fructo redemptor de 5 d'Outubro.

F...

Nem com uma mudança de instituições!...

E' muito possível que estivesse escripto na *ara* a Maldição lançada ao 2.º sargento do exercito portuguez.

Tudo me leva a crer na prophetisação d'este anathema!

Não vê nem nunca verá, pode o 2.º sargento ter a certeza, realisado o seu mais sublime ideal: a garantia do posto de 1.º sargento por escala, embora tenha todos os requisitos para exercer as funções d'este posto, que por vezes sem mediante qualquer remuneração, além do seu magro pret, é obrigado a exercer annos seguidos.

Os postos inferiores não são nosos, mas sim de quem nos os quer dar.

A Não pode dizer ao fim de 10, 15, 20 ou 25 annos de serviço que é promovido a 1.º sargento por ter atingido esse numero na escala; porque nunca houve legisladores que ponderassem tão almejada aspiração do 2.º sargento — *Proletario!*... Ha!... Perdão! Já me esquecia:

Os cabeças de melão vasio da monarchia já uma vez abordaram a este assumpto, querendo suavisar um pouco esta ininterrupta reclamação; foi o caso de os promoverem a 1.º sargentos no fim de 30 annos de serviço!

Que genial ideia!
Até continencia deram de apresentação d'armas depois de morto!
Oh legisladores de genio! Olhem para isto!

E notem, que ninguém lhes pediu tão grande dispendio de ideia...

Erão muito liberaes, diga-se a verdade, ainda que nos custe: davam 4 vintens a 300 pobres por 2000 padrenossos! Quer-me parecer que não era muito mas já é alguma coisa.

Outros com mais razões se tem callado; não rezam orações, mas rezam pragas quando o serviço não corre a geito. Com especialidade o sargento era um praguejador sobre a monarchia... de encarnado tornava-se verde; o seu desgosto transparecia cada vez mais, por ver que a tuberculose não levava nas suas azas para fora da peninsula esta familia *microbiana!* — Um dia... foi

de vez! — Não sei descrever como foi então o sonho dourado do sargento em geral; voou ás culminancias do azul! Atroavam os ares com hymnos de Gloria!

Até que enfim diziam os 2.º sargentos, vamos a ser promovidos por escala depois de termos o curso de habilitação para 1.º sargento.

Passaram-se dias apoz dias sem que nada se legisasse a tal respeito. Isto faria-os perder o ardor da sua fé no almejado fim, seu velho ideal sublime.

Nem uma mudança d'instituições... nos foram favoraveis na promoção! Oh doce illusão! Estava escripta a Maldição na *ara*... estava não ha duvida...

Esta coisa de Maldição tem por vezes os seus quindins e naturalmente o 2.º sargento está incluído naquella interpretação que S. Pedro deu ás palavras de Christo sobre a protecção dos pobres.

Quem sabe mesmo se lá estaria algum sargento do exercito portuguez nessa occasião e nos apegaria a molestia!...

«Quando Christo subiu ao céu deixou S. Pedro cá neste valle de lagrimas rodeado de pobres olhando espavoridos de mãos abertas e braços estendidos na direcção em que Christo se elevava. S. Pedro afflicto, perguntou-lhe: então e estes pobres?... Christo respondeu-lhe: protejei-os! Mas S. Pedro, já falto d'ouvido e com aquella natural tendencia que teve sempre para a maldade, e, attenta ainda a grande altura a que Christo ia, apenas pode perceber... ei-os! Quiz então advinhar a palavra que completou, intercalando-lhe em qualquer altura uma proposição, cuspidando um anathema de Maldição sobre os pobres que os tem arrastado a travez dos seculos.

Elle, como vigario de Christo na Terra, não tinha remedio senão cumprir as palavras do Divino Mestre, que o diabo lhe fez entender ás avessas. O resultado d'isto foi os pobres descobrirem o engano e revoltarem-se contra S. Pedro, que lhe fizeram pagar duro as tyrannias que lhe infligiu.»

Por aqui se pôde avaliar os effeitos de uma má interpretação e como um Povo escravizado, deitado ao ostracismo, partiu a algema que os seus senhores julgavam inquebrantavel. D'esses esforços heroicos num dia de trevas, fizeram a manhã ovante das suas almas! Rasgando com o brandir d'espadas e tiros de canhão o anuviado horizonte que os sombreava a apoieia d'um Povo que outr'ora levou a civilização aos mais reconditos logares do Universo! Lembrae-vos sempre, oh Povo aspirador do vosso bem social!...

Que o talento dos deuses d'esta Patria moderna brilhou e ha-de brilhar em todos os tempos ao sol das batalhas, que a varia raça extranha que aqui veio acolher-se á sombra da vossa ingenuidade, vos rasgava as fibras da alma heroica, que um dia fez recuar as guerridas lanças da velha e altiva França!

Não hão-de elles querer seguir, tenham a certeza, as pegadas do extremo occidental do continente Europeu!

E se as seguirem e enfraquecerem ou se o seu desvario a tanto os levar na obra de regeneração da Patria de Camões, vendo então perdidas o ardor da vossa fé de crentes, escrevei-lhe, pois, na testa, com um ferro em brasa: *pó, sombra e nada!*... Porque quem um dia faltou á sua palavra d'honra, atraçouu a alma nacional!

Lêde com attenção aquella Biblia que está actualmente aberta em S. Bento composta de grande numero de paginas; excluei no futuro algumas d'ellas, cuja doutrina seja perniciosa ao bem geral d'este Povo que cantou em remotas eras como hoje canta, os hymnos da Gloria!

Vizeu, 28-6-1911.

C. DA C. FIGUEIREDO

Da sr.ª D. Maria Adelia Fernandes, professora de instrucção primaria em Olhão, e auctora do acrostico que noutro logar publicamos, recebemos um postal do qual transcrevemos os seguintes periodos:

Um bravo de louvor ao benemerito defensor dos sargentos e equiparados.

Vivam os militares com honra!

Viva a Republica!

Abaixo os traidores!

Não posso deixar de manifestar-lhe a admiração que professo por todos os paladinos da Liberdade e tambem da arte divina e a *Voz do Sargento* ha-de pugnar sempre pelos equiparados como pelos sargentos.

Que faça resoar as justas reclamações do cidadão Eduardo Augusto Dias: conceder-se a egualdade de vencimentos entre sargentos e musicos, criação da escola de alumnos de musica, organização das bandas com 40 executantes, concessão de demonstrações de respeito inherentes ás gradações dos musicos e aquisição de bons instrumentos por meio de concurso internacional.

Ha lá nada mais justo do que o illustre ministro da guerra ouvir estes pedidos faceis de attender e grangear a completa gratidão dos musicos militares, prevendo as exigencias da arte!

Interpretação ás leis da Republica no exercito

Queixam-se algumas praças de que num grupo de esquadrões de cavallaria d'um regimento do Norte, que ainda nenhum sr. official lhes esclareceu as leis benéficas da Republica; isto com prejuizo da doutrina exarada na circular n.º 3 de 7 de Fevereiro de 1911. (Direcção Geral da Secretaria da Guerra).

Bom seria que s. ex.º o illustre ministro da guerra collocasse ou mandasse um delegado da sua confiança, para verificar como o serviço é feito, e indagar se estas informações são exactas ou se carecem de justificação.

Os individuos que as fornecem tambem declaram que continuam a ser muito mal tratados e olhados como somenos, cerceando-lhes regalias a que tem direito, com o que nada lucra o serviço.

M.

Está entre nós o nosso camarada e amigo Francisco Grillo Fevereiro, 1.º sargento de cavallaria 8, que regressou da Escola Pratica de Cavallaria.

POBRE INFANTERIA

Chegou enfim a hora de perderes o teu valor.

Foste outr'ora a rainha das armas, mas hoje todo o teu valor é banal.

Um simples decreto da Republica poste a nado e sem rumo por esses mares fora para ver se encontras abrigo em alguma paragem longinqua visto não seres cá precisa. — Digo não seres cá precisa porque a reforma do exercito ultimamente publicada despresou-te por completo.

Desprou os teus officiaes, desprou os teus sargentos e por fim deve desprou os teus serviços.

Foste boa e grande no tempo do grande D. Affonso Henriques, no tempo de Napoleão I, tambem foste grande quando andaste pelas Asturias manobrando ás ordens do grande... (cabo de guerra), tambem foste grande quando demonstrastes qual o teu valor nas batalhas que com os francezes travastes, salientando-te brilhantemente no Bussaco! Mas hoje os teus serviços estão banidos porque os importantes para o campo da batalha, são: Serviços administrativos, serviços de secretariado militar, serviços auxiliares de administração militar (quadro creado para honra e defeza da Republica) emfim os quadros auxiliares são os mais importantes para a consagração da Patria querida, e tu infantaria, retira-te do exercito porque os teus serviços não são necessarios e não estejas sobrecarregando o thesouro publico; retira-te para longe para não seres odeada pelo povo que te sustenta; retira-te para onde não causes perca nem damno.

Pobre infantaria!

Coimbra, 24 de Junho de 1911.

M. G.

Batalhão de voluntarios da Republica em Bragança

Tem comparecido na parada do quartel do regimento de infantaria n.º 10, para exercicio, 130 cidadãos que voluntariamente se propozeram aprender a instrucção militar, para num momento critico e sempre que a Republica o necessite, a defendem com toda a força e vontade da sua alma.

Já tem apparecido bastantes voluntarios com o seu elegante uniforme, o que tem causado grande entusiasmo, principalmente nas damas brigantinas, que segundo consta trabalham afincadamente para a confecção de uma bandeira dedicada ao mesmo batalhão.

Bem hajam estas gentis damas, que tambem sabem aproveitar o ensejo para se tornarem uteis á Republica, trabalhando assim para o rejuvenescimento da sociedade portueza; afugentando d'esta forma o ultramontanismo, que tanto abunda nesta pacata cidade transmontana.

Tudo o que aqui se fizer em beneficio da Republica é devido á iniciativa e á força de vontade de um grupo de patriotas, e muito principalmente á energia do ex.º tenente ajudante do regimento de infantaria n.º 10 Theophilo de Moraes, caracter recto e impoluto, que pelo seu trato lhano e affavel sabe captar a sympathia de todos quantos o conhecem, contando em cada cidadão um amigo.

A corporação dos sargentos, sem excepção, tem coadjuvado a instrucção dos voluntarios, contribuindo

do todos, instructores e instruidos, com a mesma força de vontade.

A'vante generoso povo Brigantino, pois só assim poderemos conquistar o logar a que este povo transmontano tem jus, e ao mesmo tempo agradecer e manifestar publicamente á Republica o nosso contentamento pelas medidas, beneficicas que estão decretadas pelo governo da mesma em favor d'esta terra outr'ora deitada ao ostracismo por alguns dos seus filhos mais dilectos, que se tivessem prestado os beneficios que a Republica acaba de prestar, immortalisavam-se; mas assim como têm sahido da forma de um governo aclamado pelo povo e exercito na jornada do dia 5 de Outubro de 1910 e agora tão delirantemente ratificada na assembleia nacional constituinte, ainda ha quem conspire.

Mas quem haverá que os continue olhando com indiferença?! Nenhum portuguez, quanto mais os brigantinos, por isso caminhamos unidos esperando resolutos esse bando de assalariados que dizem estar na fronteira á espera de momento propicio para, impellidos por degenerados tartufos, tentarem contra a nossa querida patria. Sim patria, porque conspirar contra a Republica é o mesmo que abominar da patria.

A'vante batalhão de voluntarios, estejamos sempre promptos para soffrear os movimentos aos traidores da patria.

Bragança, 26-6-911.

FRANCISCO DE MATTOS

PLACARD

Aos nossos assignantes que mudem de residencia, pedimos a fineza de nos avisarem, para não soffrem interrupção na remessa do jornal.

Aos nossos assignantes a quem enviamos os recibos de cobrança, pedimos para que os satisfaçam no acto da entrega, afim de nos evitar novas despesas que muito prejudicam o fim a que destinamos a receita do nosso jornal.

Pede-se aos srs. assignantes, que quando nos enviem em vale do correio importancia superior a um trimestre, a fineza de o fazer acompanhar com um postal, para facilidade da nossa escrupulosa e accuso de recepção.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de um semestre dos srs.: Juliano de Sousa Mendes, 2.º sargento d'infantaria 14; José Moniz de Sá Borges, 2.º sargento da bateria n.º 2 d'artilheria de guarnição, Ponta Delgada; José Rodrigues da Cunha, serralleiro, Alypio José, mestre de ferradores, Manuel José Pinto, selleiro-correeiro, todos de artilheria n.º 5, Vianna do Castello; e a de um trimestre dos srs.: Estevão Stral, musico de 3.ª classe d'infantaria 26, Ponta Delgada; José Ramos Barata, mestre de corneteiros e Augusto Rosa d'Almeida, musico de 2.ª classe d'infantaria 23.

Visita

Recebemos a agradável visita do nosso camarada e amigo João do Sacramento Simões, 2.º sargento de infantaria em serviço na provincia de Moçambique.

A VALSA QUE ME DEDICASTE:

«O TEU JURAMENTO»

A Eugenio Mil-homens

Escuto a tua bella valsa,
Um fremito invade meu ser!
Sementes sons, em que realça,
Esse amor teu d'enlouquecer!
Numa paixão que não é falsa
— dylio terno, de morrer!
Oh! como adoro a tua valsa!

Olhão, 29-6-911.

MARIA ADELIA FERNANDES

NOTAS DE LONGE

(CONCLUSÃO)

Insaciavel, sedento, não de gloria, que é coisa que não fascina, mas d'amor pela obra incomparavel que iniciara tão auspiciosamente, ei-lo de novo a caminho no anno immediato.

Vae a pé, sob uma chuva torrencial, para Chinga, povoação que demora a duas horas da Namahita, grande affluente do caudaloso higonha. Deixa ali mais um reducto, e segue para a Zambesia, que põe em comunicação com o districto de Moçambique.

Em 1908 estabelece tambem Ribana, onde fixa residencia como commandante militar. Algumas excursões, como a de Inago, cerca do Monte Namecume, que fica a mais de 400 kilometros do mar, notam a immensa actividade do brioso official.

Chegou ainda a começar a sua viagem de exploração ao Lurio ignoto, mas a falta d'agua potavel fe-lo retroceder ao seu poiso, onde, então, socegou algum tempo, mais, é certo, do que aquelle que o seu temperamento nomada exigia. Para esta inação forçada concorreu sobremaneira a ingratidão de alguns homens, que nunca viram com bons olhos os serviços distinctos de Neutel de Abreu.

Em fins de 1909, temol-o outra vez na brecha; é neste anno que levanta, a S. W. de Nampula, o forte de Murrupula, região onde imperavam os temidos chefes negros Murrupa e Uahala.

Na installação de Murrupula, foi o Mahon efficazmente auxiliado pelo 1.º sargento Almada Negreiros, um rapaz intelligentissimo e muito trabalhador, que é ao mesmo tempo um escriptor de merito raro, como tem plenamente confirmado nos multiplos artigos que sobre as coisas da Africa Oriental, tem publicado no diario lisbonense o Seculo.

Após a edificação de Murrupula, foi Abreu guindado á dignidade de capitão-mór da Macuana, cuja séde era em Itoculo. Porém, como d'ahi a alguns dias fosse necessario anichar em Lourenço Marques certo fidalgo das relações da familia Bragança-Orleans, e isso importou a substituição do proprietario do nicho, foi Neutel destituído tout exprès para dar logar ao forçado menino bonito, a quem se fechou a boca com uma acção vergonhosissima.

Mais tarde, isto é, em Fevereiro de 1910, voltou o benemerito official á Macuana, pela vaga deixada pelo seu antecessor, que havia sido mimoseado com um bolo mais fino.

Seguidamente á transferencia da séde da Capitania para Nampula, dirigiu se para o Liupo, ponto de concentração das tropas que iam occupar as terras d'Augoche, Mogovola e Imbamellas, sendo-lhe então confiado o espinhoso comando dos auxiliares e das forças irregulares.

Durante a campanha assombrou os camaradas pela sua imperturbavel serenidade nos momentos mais difficeis, pela sua enorme coragem ante as arremetidas do indigea atrevido e pelo seu inexgotavel bom humor.

O seu nome ficou indelevelmente ligado ao combate de Nampôto, onde vingou heroicamente a morte do engenheiro Paes d'Almeida e do ex-sargento Pitta Simões.

Foi tal a sua bravura, o seu valoroso comportamento, que o ex-governador Massano de Amorim o propoz para o alto grau de commandador da Torre e Espada.

Terminada a campanha d'Angoche regressou a Nampula, marchando d'ahi a dias com uma pequena columna para N'tia e Rainho a castigar alguns sobas sobre quem pesavam graves responsabilidades por diversos attentados contra o nosso dominio.

Este passeio militar, como Neutel d'Abreu classifica graciosamente o arduo empreendimento, custou ao Estado aproximadamente 600.000 réis; mas o imposto cobrado por essa occasião e as estradas com que dotou o districto, valeram bem 10 contos.

Depois do feito notavel que acabamos de citar, e já em Nampula, conduz a montagem da linha telegraphica que uniu esta localidade com Corrane (58 k.), não tendo o erario despendido sequer um ceitil com semelhante serviço, excepção feita, é claro, ao material.

No momento presente os seus sonhos dourados são a transformação de Nampula numa villa moderna, a que conta dar o nome do grande pensador Theophilo Braga, como homenagem á sua integridade de character.

As primeiras construcções, principiadas ha perto de dois mezes, já vão bastante adeantadas. São todas d'alvenaria. A villa será dotada com uma bella enfermaria, repartições publicas, escola, tribunal, cadeia,

estação telegrapho-postal, quartéis etc.

Possuirá igualmente um vasto jardim. E tudo isto tenciona Neutel d'Abreu fazer quasi de graça!

Riem-se? Pois é verdade. Basta que lhe forneçam alguns sentenciados — pedreiros e carpinteiros — e ferragens, e lhe paguem umas ligeiras despesas que fatalmente terá de realizar.

Não precisa de mais nada. Foi assim que edificou o Moginqual, que tem casas soberbas; foi assim que guarneceu de magnificas habitações todos os postos onde se regista a sua passagem.

Se, como militar é grande, Neutel d'Abreu, como administrador leva a palma a toda a gente.

E disse.
Moçambique, 1911.

MARTE

A seu pedido teve passagem a infantaria n.º 5, o nosso amigo e assignante Alcidio Augusto Lopes de Almeida, aspirante a official.

Balancete de 1 a 30 de junho de 1911

Table with financial entries: Despesa, Composição e impressão do n.º 19 ao 22, Expediente gasto com os mesmos 4 numeros, Sello d'annuncios, Despesa com a cobrança postal, Somma, Saldo positivo, Somma.

Receita

Table with financial entries: Saldo do antecedente, Recebido como conta do n.º 20, Do n.º 21, Do n.º 22, Annuncio da sr.ª H. Santos Calleya, Lisboa.

«Gazeta de Coimbra»

Encetou a sua publicação nesta cidade um novo bi-semanario denominado Gazeta de Coimbra de que é director o sr. João Ribeiro Arrobas.

Desejamos-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Excursão a Aveiro

Realizou-se no domingo a excursão a Aveiro em visita ao Club dos Gallitos.

Tomaram parte na excursão mais de 500 individuos.

Os excursionistas, que regressaram á noite, vinham immensamente satisfeitos pela entusiastica recepção que tiveram naquella cidade.

Parece que o Club dos Gallitos, muito em breve, realisará uma excursão a Coimbra.

GUIA MEDICO

PARA O
COLONO DE ANGOLA

Antes d'esta operação deve ser a parte bem lavada com agua e sabão e depois com alcool ou ainda simplesmente com este.

Deixar-se ha seccar o alcool e depois faz-se o operação, deixa-se seccar de novo, antes de vestir.

Durante trez dias não se deve lavar a parte vaccinada, nem arranhar ou esfregar, devendo proteger-se com uma camada de algodão aséptico.

No fim d'estes trez dias já se pode verificar se pegaram as vaccinas e quando o resultado for positivo deve-se continuar a proteger a erupção.

Esta operação não evita as bexipor um espaço de tempo mais de 7 annos, por isso convem repeti-la de 7 em 7 annos, (mas casos ha em que as evita por toda a vida).

Deve notar-se que, quando grassa uma epidemia de variola, como a vaccinação só garante a immuniidade, depois do desenvolvimento completo da vaccina, pode succeder que ha já infecção variolica antes d'aquelle desenvolvimento e neste caso nada vale a vaccina.

O isolamento é de rigor quando appareça qualquer caso ou epidemia de bexigas para evitar a sua propagação.

Se na localidade não houver hospital ou enfermaria propria, deve escolher se uma casa situada a sotovento da povoação que seja tanto quanto possivel per si isoladas.

Nesta se recolherão todos os doentes que apparecerem atacados. O pessoal de enfermagem deve ser escolhido de entre os que tenham tido bexigas ou tenham sido vaccinados com bom resultado num período inferior a 7 annos.

Este pessoal assim como todos os objectos que entrem na enfermaria de isolamento, não devem ser d'ali distrahidos sem previa desinfecção.

Dysenteria

a) *Definição.* — É uma doença infecciosa, contagiosa do intestino grosso (colon), manifestada por dores no ventre, pequenas colicas, tenesmos (puxos), defecações frequentes em que apenas sahem pequenas quantidades de fezes, parecidas com escarros e raiadas de sangue.

b) *Symptomas.* — O doente tem frequentes desejos de defecar e vac fazel-o, suppondo que deitará grande quantidade de fezes e que ficará alliviado, mas succede o contrario, defeca pouco com muito custo, puxos e não fica satisfeito.

Pode apparecer febre e as defecações serem muitissimo frequentes e com tantas dores, colicas e puxos que prostam consideravelmente o doente, definhando de hora para hora (forma aguda). Podem estes symptomas diminuir de intensidade em seguida a um ataque agudo ou depois de varias repetições agudas, passando então á forma chronica.

Por vezes nas formas graves apparecem hemorragias intestinaes abundantes que tornam o caso extremamente grave, de prognostico fatal.

Uma das consequencias mais graves e bastante frequentes, embora em geral tardia, da dysenteria é o alcesso do figado.

c) *Tratamento.* — Deve ser dietetico e medicamentoso, sendo certo que não tem menos importancia o primeiro.

Como alimentos dar-se-hão caldos e leite, insistindo mais nos caldos, que devem ser de galinha ou de vaca, simples ou com arroz, enquanto a lingua estiver bastante saburosa.

Ao passo que os symptomas forem desaparecendo, o numero das defecações rareando e as fezes modificando-se, ir-se-hão dando caldos de familia, de tapioca e ovos quentes até que as fezes sejam moldadas e o numero de defecações se reduza a uma por dia e assim se mantenha pelo menos uma dezena de dias.

Como medicamento dar-se-ha no principio um purgante salino ligeiro (30 a 40 grammas de sulfato de sodio em 200 de agua ou oleo de ricino, 20 a 30 grammas ou um gramma de calomelanos ou ainda sulfato de magnesia 50 grammas. Agua 200 grammas. Dissolva a frio. — Sulfato de sodio, 50 grammas. Agua 200 grammas. Dissolva a frio. — Oleo de ricino, 40 grammas — ou oleo de ricino, 40 grammas, gemma de ovo, vma. Faça gemmada com asucar e café. — Lenticulas de colomelanos a 10 centigrammas, 10).

Depois para minorar as dores e modificar as fezes dar-se-ha emetina pura (lenticulas de emetina pura a 1 milligramma) — 1 a 2 lenticulas de 2 em 2 horas e 1 lenticula de 0,01 gramma de chloreto de morphina de 3 em 3 horas.

Se houver vomitos dar-se-ha a resorcina (Lenticulas de resorcina a 10 centigrammas, um tubo) e para-se ou rareiam-se as de emetina e de morphina.

Além d'isso convirá o uso de antisepticos internos (lenticulas de benzoato de naphтол a 0,25 grammas) 1 lenticula de benzoato de naphтол com cada alimento.

Tambem se podem usar chrysteres de chloral-borato (2 lenticulas a 0,50 grammas para 1/2 litro de agua.

(Continua.)

Organisação militar

DA
Confederação Suissa de 12 d'Abril de 1907

Estado maior

São destinados ao estado maior as seguintes escolas:

1.º — Primeira escola do Estado maior, que está dividida em duas partes e é frequentada durante setenta dias pelos officiaes que a elle se destinam.

2.º — A segunda escola do Estado maior que é frequentada durante quarenta dias pelos capitães do citado Estado.

3.º — A terceira escola do Estado maior pue é frequentada durante vinte e um dias pelos officiaes que frequentaram as duas primeiras.

Os officiaes das diferentes armas podem ser mandadas frequentar as escolas atraz referidas.

A Assembleia Federal, pode instituir outros cursos.

Art. 138.º — Todos os annos gradualmente são chamados a trabalhos o Estado maior, um certo numero d'officiaes d'essa especialidade.

Os officiaes das diferentes armas podem ser mandados assistir e cooperar nesses trabalhos.

Art. 139.º — Os officiaes do Estado maior, são chamados a assistir aos exercicios, principalmente aos d'armas combinadas.

(Continua.)

Manuel José Pereira Machado



Encarrega-se de todos os concertos de relógios d'algiebeira, pendulos e de torre.

Concertos em caixas de musica, phonographos e gramophones.

Todos os concertos são garantidos
PREÇOS MODICOS
PRAÇA 8 DE MAIO, 7
COIMBRA

NOVA CASA DE BONETS
E
ARTIGOS MILITARES
H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA
Rua de Santo Antão, 82
Proximo ao Colyseu — LISBOA

DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O melhor enchido de Portalegre
Na casa Gaitto & Cannas

ALFAIATE
Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro
Uniformes para militares.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA



Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 reis; cada fasc. (em Lisboa) 400 reis. O MESTRE POPULAR, de Gonçaves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

Mario Paes & Com.ª

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

Sede—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Teleg. FARINHAS—Telephone 124

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.
Preços modicos.

O desenlace era fatal. Foi elle o primeiro a dar o exemplo a seus filhos — separando-se — ordenando ao seu de mais confiança que lhe fizesse uma lei reguladora para futuro; teve essa ditosa gloria, Affonso Costa, em n'elle ser confiada tão honrosa missão pelo padre eterno-portuguez. — Deus aceitou muito bem: corre-mos essa infame mulher a ponta-pés. Tanto tinha de ladra como de cobarde; bastou só fazer-lhe: *pum pum pum* no alto da Avenida para dar logo com os calcanhares no rabo! Os gallegos que lhe levem lá a camisa que devem ter bom geito para isso.

A Hespanha muito affecta a roupetas, não gostou, como é natural, dos rasgos de heroismo do extremo Occidental da península. Procura, por traz da cortina, é claro, afligir o heroe da soberba victoria d'Aljubarrota e da inclemente chicotada de 1640; que lhe fez pagar bem caro a sua audacia inconcebível e atrevimento sem limites; muito digno do seu dispausterio e falta de cordialidade para com a nação vizinha. Sim vizinha, porque irmã seria o maior dos absurdos diser-se. Ha quem lhe tenha chamado irmã, sem respeito pelo sangue portuguez, como que se portuguez é o mesmo que ser gallego.

A ambição hespanhola não conhece limites, e, não só Portugal se viu obrigado a medir as forças com ella, como já outras nações lhe tem dado no focinho para lhe fazer comprehender o que deve ser o mutuo respeito pela humanidade.

A' bem pouco tempo a grande Republica Norte-Americana, deu-lhe uma severissima lição, fazendo-lhe ver que se deve respeitar o altruismo d'um povo que quer progredir e fugir ao jugo da tyrannia.

Não sei, mas talvez o seu actual procedimento de benevolencia e auxilio que ella está tendo e prestando aos encarniçados inimigos de Portugal, um dia venha a ser ajustado. Veremos. Portugal está resolvido a defender o seu torrão palmo a palmo se tanto for preciso. O seu exercito, ainda que pequeno, tem dado a Hespanha provas do seu orgulho e valentia. De pequenos terrenos fez o cemiterio onde outr'ora enterrou os seus milhares de combatentes que cá mandou; muito pode cada um em sua casa. Deixe crescer esta Republicasinha e usted verá. Sempre é mulher bem differente da outra e por quem os portuguezes manifestam o maior respeito; ao seu mais leve queixume esta raça bate-se denodadamente! Foi sempre lemma dos portuguezes: — *antes mortos de que vencidos* — não abandonam os campos da lucta como cobardes, deixando os seus chefes a chorar de braços cruzados!... Não sou eu que o digo: é a historia das invasões francesas no vosso territorio.

Não és tu! Oh Hespanha de Torquemada! Que humilharás, os homens da minha Patria — soldados do meu Paiz.

Vizeu, 5-7-911.

C. da C. Figueiredo.

Anniversarios

Entrou no 26.º anno da sua publicação, o nosso bem redigido collega o *Commercio de Vizeu* e o nosso collega local *O Povo de Santa Clara* entrou tambem no seu 3.º anno de publicidade.

Cumprimentamos affectuosamente os nossos collegas, e desejamos que muitos anniversarios se repitam.

POBRE INFANTERIA

O que deixou a desejar a esta arma a reforma de exercito ultimamente publicada!

Como é admissivel uma commissão de escolhidos officiaes de todas as armas e serviços, ter feito a reforma de exercito sem que, depois de attender aos interesses da Patria, não attendesse aos interesses das classes que compõem o mesmo exercito, regulando em especial a promoção, para evitar a grande desigualdade que hoje se está dando?

Não ha explicação!...

Emquanto as grandes nações pensam por todos os meios attenuar quanto possivel a desigualdade de promoção entre as respectivas armas e serviços, para o que, ainda ha pouco, a Alemanha estabeleceu a promoção por escala para os officiaes superiores, a França e Inglaterra teem entre mãos esse grande problema, a nossa commissão encarregada de elaborar um estudo d'onde havia a esperar para o bem da Patria e dos interessados a regra de egualdade e da justiça, não pensou em tal. Pensou, sim, nos alargamentos dos quadros auxiliares e em especial no da administração militar, quasi deixando a perceber ao mundo inteiro, que a commissão só era composta de officiaes d'este quadro, ou foram estes srs. officiaes que tudo *lo mandaram*, visto ser esta classe tão generosamente beneficiada.

Na infantaria houve augmento de dois regimentos; nos regimentos foram augmentadas tres companhias; nos batalhões de caçadores, agora transformados em regimentos de infantaria, foram-lhe augmentadas 6 companhias. Finalmente os quadros devendo ser augmentados foram reduzidos. Qual a razão?

A economia? Bem.

A administração militar estabeleceu os seus dominios aquem e além, parecendo pela regra adoptada para a infantaria, os seus quadros deviam ter diminuido, mas não, foram augmentados.

Mas... augmentados fabulosamente, e, tão generosamente augmentados foram, que aos srs. officiaes do referido quadro, arregimentados, se lhes enviaram circulares pedindo para em telegramma agradecerem a s. ex.ª o sr. ministro da guerra, os beneficios obtidos.

Factos d'esta natureza não são admissiveis num exercito onde todos trabalham activamente para o engrandecimento da Patria e da Republica.

Se a reforma do exercito não teve em vista favorecer esta ou aquella classe, não era necessario agradecerem. Portanto, se

houve agradecimentos é porque as classes melhoradas não julgaram de justiça a melhoria recebida, mas sim de favor.

Coimbra, 6 de Julho 1911.

M. G.

Carta aos sargentos do exercito hespanhol

Camaradas:

Tomamos a liberdade de vos dirigir esta simples missiva desprendida de rhetorica, mas repleta d'aquelle sentimento que é a honra d'um exercito — o amor patrio. Recebei-a com affecto e convencimento, pois ella não se affasta um millimetro da expressão do nosso sentir.

Sejaes tambem nosso interprete perante essa chusma de refinadissimos pulhas portuguezes que, com desdouro para vós e para a vossa nação, calcam o territorio que vos foi berço.

Camaradas. — Permittiu a evolução social e o espirito d'um povo que é forte e generoso, que em 5 d'Outubro de 1910 se pozesse termo a um regimen de casta e de latrocinios, que nos vinha empobrecendo o sangue e a vergonha.

Implantou-se em sua substituição o regimen republicano, que é o unico que se coaduna nos tempos d'hoje, com as leis do Progresso e da Razão.

Satisfaz-se assim plenamente o povo portuguez; só não se contentaram aquelles que de mangedoura servida sem regra nem balanço — pobres de espirito e de ideias, só serviam para sepultar a nação.

Sabeis bem o que se passou e portanto evitados são os commentarios a este assumpto.

O fim da nossa missiva visa especialmente a invocar de vós que correis com esses bandoleiros que no vosso paiz conspiram contra o nosso. Correi com elles a tiro, á coronhada, a pontapé. Escarrae-lhe com odio naquellas caras sem pudor. Enxotae os emfim, como quem enxota cães damnados, que elles mais não são do que isso.

Para os conhecerdes bem, basta lembrar-vos que, ou teem cara rapada e usam sotaina, ou apresentam faces rechonchudas e barriga de gibóia. São esses mesmos.

Tambem ahi encontrareis um cobarde, que para fugir á responsabilidade até deitou a pera abaixo, vulgo o rei dos pulhas e dos idiotas, que se chama Homem Christo. A esse infamissimo traidor e jesuita Paiva Couceiro, o cabo de guerra d'essa comica conspirata, arrancae-lhe o nariz e mandae-o para cá que o queremos guardar para recordação dos nossos vindouros. Ao mesmo tempo que lhe iremos ensinando a respeitar e a bem-dizer a memoria dos que foram grandes, tambem lhe queremos apontar como se deve pagar áquelles que são contra a sua Patria e contra aquillo que é justo, digno e honroso.

A cumprirdes o que vos pedimos, estejaes certos que isso vos dignifica. São scenas de crueldade que muito bem se justificam quando nos defrontamos com homens d'uma mais baixa condicção, de que se fossem piratas, porque esses embora deshonrem a Patria, não a atraçoam nem a escarnecem, nem a combatem.

Se vos poderdes aproximar d'el-

les, dizei-lhe tambem que em Portugal ha muito bons soldados e muito bom armamento que chega de sobejo para os fazer em... se a sua temeridade lhes consentir alguma arremetida.

F...

No districto de Moçambique

Os sargentos e os serviços dos correios

Talvez ainda não saibam que agora somos nós, os sargentos, os chefes das estações phonophoricas, telephonicas e postaes do districto de Moçambique, e de «bozta», o que não é nada democratico. Pois é verdade.

Antigamente eram os officiaes, ou melhor — os commandantes dos postos; mas, hoje, o chefe será sempre um sargento ou 1.º cabo europeu e nunca um official.

O que motivou esta resolução do governador do districto, foi o seguinte:

Um official, commandante do posto, sentiu-se molestado por umas vezes o tratarem por «senhoria», outras «excellencia» e á mistura «lembraem-lhe» determinações de boletins, tratando-o, finalmente, como um verdadeiro empregado dos correios.

Agora estão em scena as ordens do sr. Manuel José P. (elle diz que é Paredes!) os sargentos do exercito a quem elle, decerto, não tardará em «prevenir» excluindo da sua estafada syntaxe, qualquer expressão de tratamento.

O sr. Manuel José P. que foi 2.º sargento do Esquadrão de Dragões de Mossuril (e ainda diz que é... em commissão extraordinaria!) pode muito bem ser mais delicado, sem desdouro para a sua cathogoria de 2.º official dos correios e telegraphos, a que poderá ascender todo o mortal que «sentar praça nos arames.»

Mais um bocadinho de educação civica. Se cada palavra se pagar, não leve mais do que 25, nem nos sobrecarregue com alguma taxa. Já assim se faz na correspondencia telegraphica.

ASMODEU.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia da assignatura de anno e meio do sr. Arthur de Faria Vasconcellos, 2.º sargento d'infantaria Duque de Bragança, districto de Lunda; de um semestre dos srs. José Carlos de Castor, 2.º sargento da companhia de subsistencias, Elvas; Alfredo Lourenço de Figueiredo, 2.º sargento d'artilheria, fortaleza do Monte, Macau; José Domingos Rodrigues, 1.º sargento reformado, Louzada; Antonio Manuel Botelho, 1.º sargento d'engenharia; Prim Antonio de Figueiredo, Coimbra; José da Cruz Barroza, 2.º sargento da guarda fiscal, Portimão; Abilio Augusto Soares, selleiro correiro de cavallaria 10; e a de um trimestre dos srs. Francisco José de Figueiredo, 2.º sargento e José Soares Cardoso, correiro d'infantaria 23; Manuel Antonio Lucio, 1.º sargento, Domingos dos Reis Severo, Francisco Julio da Silva, Joaquim Braz Pereira, 2.º sargentos, todos de caçadores n.º 4.

TERRA-MATER

—Eu amei sempre a minha linda terra!
«Pedaço de horizonte singular...»
—Pois quem não ama o canto do seu lar
E as lyricas bellezas que elle encerra?

—E não sei que prazer a gente sente
Quando d'elle, alguém nos vem fallar...
«E' que lembramos bem saudosamente
Os tempos que jámais podem voltar...»

E longe, por mais longe, na partida,
E' sempre o nosso Amor, a nossa Vida
Quem nos faz recordar a Terra-Mãe

Orgulhamo-nos sempre do cantinho:
—Única herança e adoravel ninho
Do ser que nasceu pobre e ama alguém...

HUMBERTO S. ARAUJO

CAMARADAS

D'esta Cintra d'Africa (como muitos chamam a esta cidade, mas não se parece a minima coisa com a Cintra verdadeira) vos escrevo pedindo a publicação d'estas linhas no vosso bem redigido e bem conceituado jornal, órgão dos interesses da nossa classe e equiparacos, aqui lido com o maior interesse e avidéz.

Com muita honra e satisfação vos communico que a classe dos sargentos e equiparados da guarnição de Mossamedes é honestissima, briosa e trabalha democrata e sinceramente para a consolidação da nossa querida Republica, honrando assim a classe militar em geral.

Sua Ex.^a o Sr. Governador, que é possuidor d'um caracter grande e nobre, muito bem o tem apreciado, apesar de um individuo da classe civil se ter queixado de cabeça entre os hombros e voz de menino de côro, contra sargentos accusando-os de andarem de noite com os dolmans desabotoados e a cantarem pelas ruas!

Felizmente apurou-se, e com justiça, que tal queixa foi infundada.

O homem o que não podia era ouvir alguns sargentos, sendo eu um d'elles, a entoarem a «Portuguezia» e a «Maria da Fonte», com o maior entusiasmo.

Habita nesta cidade um cidadão... calvo, que todos os domingos e dias festivos, no tempo da deposta monarchia, içava a bandeira azul e branca (dos tempos que já não voltam com bastante pezar do velho...) e desde a gloriosa data da implantação da Republica não o faz, deixando de arvorar a nova bandeira verde e encarnada da nossa querida Patria, libertada pelo povo, exercito e armada.

Para tal fim mandou derrubar o mastro!

Foi porque lhe acabaram a empenhoca e a papinha a dois carrinhos!...

Mais:

Nas ultimas eleições da decahida monarchia um funcionario do caminho de ferro chegou a ponto de querer cortar a cavallo marinho dois cidadãos que levaram á urna duas listas republicanas!!!

Pois tal homem, ha pouco num discurso, teve a ousadia de chamar a um verdadeiro e sincero republicano: «Illustre e excellent correliionario».

Outro, que se diz tambem Repu-

blicano, fez retirar da frente da machina, em serviço da construcção do caminho de ferro, o escudo da nossa Patria, representação do novo regimen, com a seguinte intimação: «Tire d'ahi esse espantalho, sr. Costa!»

Do mesmo jaez d'estes ha mais, nesta terrinha do cará, peixe e pianos... desprezados por boa gente.

Os muléques já renderam para alguns ricos, mas a isso poz o Governo, felizmente, côbro.

Ha tambem nesta cidade republicanos de coração e por elles, e a todos os republicanos, um amistoso viva; e pelos que ainda esperam pelo pingue da corôa depravada e desfeita, um abaixo radical e o vil desprezo como a portuguez degenerado!

Os sargentos e equiparados da guarnição de Mossamedes cumprimentam-vos affectuosamente, e a todos os camaradas de mar e terra.

Viva a Republica Portugueza!

Mossamedes, 9 de junho de 1911.

João Ribeiro Guimarães

2.º sargento

Penso em tudo

Ainda ha dias era creança e nessa idade tudo me parecia belo. Sorriente cheio talvez de caricias d'esse ente que me gerou e que eu chamava mãe, desconhecendo talvez todos os seres do cosmos e portanto indiferente a todos os seres do mundo.

Mundo: mas o que é o mundo? A palavra na sua essencia classifica-se como «vã». E', não é, não sei.

Achei-me no mundo em 1879, e desde então para cá tem-se-me deparado até hoje cousas horribéis. Nem quero sequer lembrar-me de tudo quando tenho visto.

Mas que fazer a todos esses contratempos! Fugir? Oh não, isso era ser cobarde, e os cobardes é que fogem e, dando-se o caso que tal tivesse feito para onde o fazia? Ah que horror. Porque lado opinava então? Pelo caminho da Verdade, pelo assentimento moral e geral da Humanidade, por onde optem os philosophos do tempo presente.

Sim, esse caminho da Verdade e da logica, mas infelizmente quem o devia encetar faz precisamente o contrario. E' triste, e bem triste o diz-lo.

Hoje que estamos numa era democratica em que a moralidade se vae dilatando pelos povos e estes

vão reivindicando os seus direitos para o que todos confraternizam harmonicamente, e os corações se vêem em parte latentes, esperançados no dia d'amanhã que lhe ha de garantir o descanso de que tanto carece.

Mas pergunto eu: não descansaremos?

Ah não; porque o descanso é só para os indifferentes do progresso e de todas as cousas que nisso influem, e nós temos deveres a cumprir. Mas que deveres? Sim, um dever sagrado; de velarmos pela sagrada mãe; além daquella que nos deitou ao mundo, que tanto nos deseja o bem estar, temos restrita obrigação de velarmos pela segunda e essa segunda mãe é a Patria.

Oh mãe que tiveste filhos tão ingratos que no tempo que tinhas forças para te impores a um certo numero de cousas, e os podias educar, alguns d'elles escarraram-te na cara fazendo de ti um trapo e de todos os filhos que te foram submissos e que pugnaram sempre por ti, mas tu não os ouvias!

Que triste illusão é este mundo!

Tu nos criaste e por ti havemos de morrer, e d'hoje para o futuro não mais acreditam em credices porque foi com ellas que os teus dirigentes te levaram á beira do abysmo, fazendo-te passar por toda a classe de humilhações.

Descansa querida mãe, que os teus filhos que outr'ora e ainda hoje não tomaram parte nas refeições abundantes com que tanto banqueteavas os despotas, não dormem para velarem por ti.

Sendo ao exercito a quem pertence a integridade da Patria, a quem estão muitas vezes reservados os destinos d'uma Nação, conjuntamente com as forças vivas d'um paiz poderão num momento de perigo defronfar-se; seja com filhos da mesma raça, quando pretendam lançar a desordem no torrão que nos foi berço, e então bradaremos bem alto quanto os nossos pulmões nos permittam para que todo o mundo nos ouça:

Viva a Republica!

Viva a Nação Portugueza!

Coimbra, 3-7-911.

J. A. CRUZ.

A situação dos artifices do exercito

Com vista ao Ex.^{mo} Sr. Miniatio da Guerra

Ex.^{mo} Sr.

Permitta V. Ex.^a que um humilde artifice do exercito venha por esta forma, e mui respeitadamente implorar protecção junto de V. Ex.^a para toda a sua classe, pois que não tendo outro recurso veem-se obrigados a ir trabalhar debaixo das ordens de um F., da classe civil para mitigar a fome de suas familias; por este motivo não podem ter o devido respeito como 2.^{os} sargentos, a que são graduados, por isso que ganham menos que outra qualquer praça de inferior graduação á sua e nem se podem apresentar no seu quartel com a decencia que a disciplina militar exige á sua graduação.

Bem sei que os ha que não pedem melhoria de situação porque esses estão em regimentos, taes como: artilharia e cavallaria e esses sim, é que podem viver desafortadamente; mas eu e muitos meus collegas de infantaria e caçadores não podemos soffrer a desigualdade com que es-

tamos deparando, pois já que na nefasta monarchia não nos foi feita justiça, agora que estamos no paiz da egualdade muito esperamos do alto criterio de V. Vx.^a, que bem conhece os direitos que nos pertencem, nos faça a devida justiça.

Veja V. Ex.^a, Ex.^{mo} Sr. Ministro, que tendo todos os artifices a obrigação de trabalhar pondo a estes um pret fixo, não daria em resultado andarem muitas vezes 3 ou mais annos sem se fazerem concertos nos materiaes de guerra, pelo motivo de os conselhos administrativos não terem dinheiro sufficiente, pois que elles teem grandes despesas e não se podem mandar fazer todos os annos, como V. Ex.^a sabe, e não aconteceria assim se elles tivessem essa obrigação, porque elles seriam zelosos e quando o não fossem a disciplina militar os obrigaria a isso.

Na arma de artilharia e cavallaria deviam ser substituidos, para estes não terem todas as obrigações e os outros maior descanso, porque todos teriamos as mesmas vantagens e as mesmas obrigações.

Pensando V. Ex.^a em pôr-lhes um pret fixo ou mandal os para os diversos depositos que se vão organizar, depois elles terão o sufficiente para viverem desafortados e só n'essa occasião podem ser admitidos como socios do Monte-pio, porque então já ganharão além de 10000 réis, conforme a lei o exige, porque agora não o podem ser, além de lhe darem esse direito; porque como V. Ex.^a vê, não teem posses para um dia deixar suas familias em estado de não terem que estender a mão á caridade, como até aqui tem succedido; e por isso, peço a V. Ex.^a que faça justiça a estes servos do exercito, pois que V. Ex.^a bem sabe dar valor a quem trabalha e fazer justiça a quem a merece; somos nós artifices que tão desprezados temos sido, e só agora V. Ex.^a fará com que deixemos as precarias circumstancias com que até então nos temos encontrado.

Covilhã, 9 de Junho de 1911.

Albino José Teixeira.

Correio d'infantaria 21.

Pela ordem do exercito ultima tivemos conhecimento que o batalhão de caçadores n.º 6, aquartelado em Santarem, fica constituindo o regimento n.º 35, que tem séde em Coimbra, e as metralhadoras de caçadores n.º 5, formam o 5.º grupo de metralhadoras, que pela organização do exercito foi collocado em Coimbra.

Agua de Pizões

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio d'esta aguas, que noutro logar publicamos, de que são depositarios em Coimbra os srs. Gaitto & Cannas.

Club Recreativo Conimbricense

O Club Recreativo Conimbricense realisa no dia 16 do corrente o seu 2.º passeio, que tem logar á Matta de S. Jorge.

A inscripção acha-se aberta na Tabacaria Graça.

A partida effectua-se ás 5 1/2 da manhã da ponte de Santa Clara e o regresso ás 7 1/2 da tarde.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

Tambem se usam semicupios mornos para calmar as dores do tenesmo. Convém tambem resguardar o ventre do frio ou dos resfriamentos e para isso usar-se ha um cinto de flanela.

Resta finalmente dizer que deve o doente manter-se tanto quanto possivel em repouso no leito, pelo menos no principio da doenca.

Prophylaxia—Sendo esta doenca contagiosa deve haver o maior cuidado com o isolamento dos doentes d'ella atacados, desinfectando se as fezes, as roupas e tudo o que esteja em contacto com elles.

A agua, principal vehiculo da disseminação d'esta doenca, será cuidadosamente filtrada (como já dito fica na escolha e depuração das aguas).

A alimentação será variada, porque a monotonia d'ella favorece a eclosão da doenca.

Os alimentos de digestão difficil serão evitados, assim como os irritantes.

Os mais simples e ligeiros incommodos gastro-intestinaes, serão cuidadosamente tratados.

Os resfriamentos devem ser evitados, havendo sempre o cuidado de proteger convenientemente o abdomen (camisola de lã, cinto de flanela, etc).

Blenorrhagia

a) **Definição**—E' uma inflamação especifica da urethra produzida por um microbio determinado (coccus Neisseri) que por vezes pôde invadir outros orgãos e districtos do organismo.

E' muito contagiosa.

b) **Symptomas**—Consiste em um corrimento de puz, pela urethra, (via da urina). Ha vermelhidão grande da mucosa d'este canal e ao urinar um ardor forte e por vezes difficil de supportar.

O puz, mancha as roupas brancas, deixando nodos mais ou menos amarelladas e até esverdeadas.

c) **Tratamento**—Dieta em que se não tomem alimentos salgados, nem rançosos, nem apimentados, sendo as bebidas limitadas a agua simples. Internamente (lenticulas anti-blenorrhagicas—6 a 12 por dia ás comidas.

Localmente: injeções urethraes do soluto de permanganato de potassa (sennanganato de potassio 1 gramma ou duas lenticulas de 0,5 — agua commum mil grammas — dissolve) ou de sulfato de zinco (sulfato de zinco, cinco decigrammas—agua cem grammas. Pôde-se augmentar ou diminuir esta dose, segundo produzir ou não ardor.

d) **Prophylaxia**—O meio pelo qual se produz a infecção ou contagio d'estas doenças é o coito realizado com um dos individuos soffrendo d'ellas. De resto só casos raros de contagio do puz.

O meio de evitar esta doenca é, pois, facil, e assim se evita as suas consequencias que são principalmente: os apertos de urethra num futuro mais ou menos proximo, a cystite, que muitas vezes apparece antes de se poder suppôr que se esteja curado; o rheumatismo blenorrhagico a epididimite e orchite. Na mulher pôde resultar as mesmas doenças, salvo as duas ultimas que são substituidas pela ovarite e pela metrite da mesma natureza, etc., etc.

(Continua.)

Organização militar

DA

Confederação Suissa de 12 d'Abril de 1907

Art. 140.º — Os officiaes de caminho de ferro seguem um curso de vinte dias, depois do que são chamados, conforme as necessidades aos trabalhos do Estado maior ou a cursos especiaes.

Os outros funcionarios de caminho de ferro, devem gradualmente assistir aos citados trabalhos e cursos.

CAPITULO IX

Exercicios do Estado Maior

Os estados maiores, são chamados de dois em dois annos a tomarem parte em exercicios taticos de onze dias, commandados pelo commandante do corpo do exercito, ou pelos commandantes de divisão.

Ao Departamento Militar Suisso, compete a nomeação dos officiaes.

Art. 142.º — Eguamente de dois em dois annos e durante onze dias se realisam exercicios estrategicos, sob o commando das citadas entidades no artigo anterior.

O Departamento Militar Suisso nomeia da mesma forma os officiaes que a elles devem assistir, e tomar parte.

Art. 143.º — Os officiaes d'engenharia são gradualmente chamados a trabalhos d'esta especialidade.

CAPITULO X

Inspeção

São inspeccionados:

1.º — Os cursos de repetição, pelo superior immediato ao commandante do curso.

2.º — Os exercicios dirigidos pelos commandantes do corpo do exercito, de divisão e chefes de serviços, pelo chefe do Departamento Militar Suisso.

3.º — As escolas e cursos dirigidos pelos commandantes de praças fortes, pelo commandante do corpo do exercito a que pertence o territorio no qual a praça está collocada.

4.º — As escolas organisadas pelo corpo do exercito, divisões, ou guarnições de fortificações, pelos seus respectivos chefes.

5.º — Todas as outras escolas, por entidades superiores, nomeadas pelo Departamento Militar Suisso, nomeia o seu substituto.

TITULO IV

Administração militar

CAPITULO I

Confederação e cantões

Art. 146.º — A direcção superior da administração militar pertence ao Conselho Federal, que elle exerce por intermedio do Departamento Militar Suisso.

As auctoridades militares cantonaes exercem sob a alto vigilancia da Confederação, a administração militar incumbida aos cantões.

Art. 147.º — O Conselho Federal, decreta as ordens d'execução da presente lei.

Approva os regulamentos de serviço e de exercicio com excepção do regulamento da administração, cuja approvação é reservada á Assembleia Federal.

(Continua.)

AGUA DE PIZÕES - MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreeiada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente **PURA**.
Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Mario Paes & Com.ª

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

Séde—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Teleg. FARINHAS—Telephone 124

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

Manuel José Pereira Machado



Encarrega-se de todos os concertos de relógios d'algibeira, pendulos e de torre.

Concertos em caixas de musica, phonographos e gramophones.

Todos os concertos são garantidos

PREÇOS MODICOS

PRAÇA 8 DE MAIO, 7

COIMBRA

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

REDACTOR E ADMINISTRADOR
José Augusto Gomes

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600 »
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

RENASCIMENTO

No seculo XX Portugal deu uma grande lição e um grande exemplo, mostrando ser ainda o Portugal progressivo e epico dos descobrimentos e da India.

A sua alma caracteristicamente heroica, renasceu para a Vida, para a Humanidade, para o Mundo. Portugal resuscitou e quer viver a vida desafogada e feliz porque aneia a consciencia colectiva da sua gente. Portugal é digno de viver e de empunhar o facho da civilisação.

Das primeiras potencias colonias do mundo tem uma levantada missão a cumprir e a levar a cabo; a de arrancar ás trevas do espirito, legiões de seres humanos, que habitam as vastas regiões em que domina, fazendo d'elles homens civilizados, que por sua vez venham a contribuir para a marcha, para a frente da humanidade triunphante.

A essa missão se deve dedicar largamente com vontade e sciencia, obtendo tambem para isso os necessarios recursos materiaes que pode dar o trabalho intelligentemente applicado á exploração d'aquellas regiões, trabalho e exploração que tambem vão civilizando.

Para esta empreza humanitaria deverá usar-se e executar-se a divisa «Bondade e Justiça», porque o contrario perverte os povos e leva-os sempre a vindictas legitimas, que trazem perturbações e calamidades, que quanto possivel é dever evitar.

Bondade não quer dizer fraqueza; Justiça, quer dizer, dar a cada um o que merece. Civilisar para libertar. Que bella não pôde

ser a nossa Terra, bem governada, com o Povo excellente e o solo que tem!?

Póde e ha de sel-o, para bem dos seus habitantes, que o merecem, e isto custe o que custar, porque um povo que sabe qual o caminho a seguir e tem coragem e energia para isso, segue-o até ao fim, para procurar e achar depois, novamente, um outro caminho que o conduza a outro fim melhor ainda.

O Progresso e a Civilisação, quando existe um ideal, são como que formados por miragens sem fim, mas nas quaes sempre algum bem verdadeiro se encontra, e tanto mais quantas mais se attingem, e isto para felicidade da humanidade, que forçosamente tem de trabalhar para elles, quanto mais não seja, lentamente, para satisfazer simplesmente as suas necessidades inadiaveis, quando o ideal vivificante e illuminador, não existe.

O proprio ideal tem mesmo origem no desejo instinctivo d'um estado melhor, que o homem experimenta, e ao qual applicou a sua razão, estudando-o, para o conhecer e procurar os meios de o satisfazer. A concepção feita, o homem passa á execução e no trabalho, que dispense, acha goso por o ver bem empregado.

Continue Portugal, pois, assim, ávante, pelo seculo XX fóra, com a certeza de que a sua marcha ficará assignalada na Historia do Mundo, para sua honra e proveito.

Coimbra.

ADRIANO CORREIA D'ALMEIDA

Jesuitas indecentes e conspiradores

E' já sabido o que os jesuitas e seus adeptos á sombra da religião têm commettido. O que não é para acreditar é a moral por elles apregoada dizendo-se apóstolos da religião de Christo e como tal só seguem as suas

doutrinas, pois que é seu dever seguir aquella via sacra.

Tal não succede e prova-se com bases seguras e verdadeiras que elles não seguem a religião que apregoam, mas sim a verdadeira intrujice, espalhando boatos de tal ordem a ponto de as mulheres aqui dizerem que D. Paiva como não pôde vir por terra vem... de balão, espalhan-

do veneno por toda a parte e arrazando tudo por onde passasse.

E' claro que são escolhidas sempre as mulheres para estas intrujices e é o sufficiente dizer-lho para que ellas comecem logo dizendo por toda a parte não só o que lhe foi dito, mas seguindo a antiga regra de: quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto.

Mas vae mais além o descaramento de certos poltrões, apóstolos da religião, a ponto de commetterem tudo quanto ha de mais porco e indecente, seduzindo homens a desempenharem perante elles o seu papel, e elles como homens o verdadeiro papel da difamação, da pouca vergonha e do nojo.

Foi o que succedeu em Braga com um padre e um soldado que alli esteve aquartelado.

E' dever fazer-se justiça, porque nem todos se pôdem medir pela mesma bitola. O que é certo, porém, é que homens d'esta força devem moralmente ser banidos da sociedade.

Posto isto, que como acima digo se pôde provar, pôde-se fazer uma ideia regular d'aquelles que tanto apregoam a religião e á sombra d'ella praticam desmandos d'esta ordem.

Aqui está tão enraizada a crença religiosa que as creanças dos arredores dizem que preferem ir para as egrejas do que frequentar a escola!

Boatos, isso a toda a hora apparecem, sendo-lhe feita a apreciação sempre com a mira de que são a pura da verdade.

Mas além d'isto, para que nada falte, ha tambem o conspirador porco e indecente que anda verdadeiramente atrapalhado, mas que sempre vae recordando aos seus adeptos o antigo tempo da roubalheira que lhe enchia o bolso; no entanto jogam com um pau de dois bicos.

Nos centros de cavaco são conhecidos (por quem os quizer conhecer), por republicanos de longa data...

Portanto aquelles que seguem o lema da democracia, da justiça e da verdade, compete-lhe

destruir por completo tudo o que fôr de immoral e trabalhar sempre para o levantamento da nossa querida Republica, em prol da qual nos compete fazer a maior propaganda possivel.

Vieira, 19 de Julho de 1911.

JOÃO ANTONIO DA VELHA,
2.º sargento d'engenharia.

CAMARADAS

Uma atmospherá nimbada de incertezas e receios, envolvia os quartéis nos ultimos annos da monarchia.

A sociedade extremava-se em dois campos e apromptava-se para uma luta decisiva em que interesses e paixões oppostas a lançara já ha mais de vinte annos.

Sob a bandeira azul e branca reuniam-se os parasitas do paiz e alguns tradicionalistas de velhas e carcomidas crenças.

Sob o symbolo da Revolução e da esperança em melhores dias, reuniam-se os ludibriados, os perseguidos e os pregadores d'uma ideia nova que se bauliara em sangue na madrugada de 31 de janeiro de 1891.

Como consequencia d'esta divisão cada vez mais profunda, o exercito dividia-se tambem mais incerto e receoso.

D'um lado era a incerteza no dia d'amanhã, mas a tranquillidade do presente.

Do outro era a revolta do presente e a esperança na luta d'amanhã.

E' ponto indiscutivel que o sargento occupou no segundo grupo um logar de destaque de perigo e de sacrificio.

Foi elle o iniciador dos soldados nos grupos da Revolta, foi elle o mais punido no insuccesso, foi elle o mais odiado da monarchia.

A rainha da reacção e do Paiz tentou banil-o das fileiras.

Conheceu, mais que ninguem as transferencias sem motivo, as grades dos calabouços, os quartos das casas de reclusão e os fornos das praças de guerra.

Os officiaes, salvo raras excepções, odiaram todos aquelles que encarnaram em si as aspirações do povo.

Cercados d'honras, de proventos, de mercês, desprezavam os clamores de Justiça que o povo levantava.

Por medo de arriscarem os seus logares odiavam e perseguiram o sargento, considerando escravo vil e vendido — o dilator e o infame.

O systema que seguiram fez abrir entre officiaes e sargentos um abysmo que os segundos julgaram terminasse quando a Republica fosse um facto. Esperavam e com razão

que ella os indemniasse dos seus maus tratos e lhes tirasse o ferrete de servos de officiaes.

Esses dias passaram e só depois de meio anno apparece á luz uma nova organização do exercito.

Os quadros dos officiaes veem n'ella precisamente determinados.

Regula-se-lhes a promoção e o soldo. Definem-se-lhes as commissões e dos sargentos nada se diz.

Levantam-se reclamações, chovem protestos e toda a legislação antiga vigora ainda sem que os sargentos tivessem qualquer explicação.

Pequenas modificações pouco adiantam na aspiração dos sargentos.

Esta classe impõe-se porque é necessario e attende-a nada mais representa que uma justa e devida indemnisação.

Tudo o que não fôr a segnança do seu futuro e das promoções a que podem aspirar nada representará para esta classe que aspira e deseja na Republica a indemnisação do desprezo e esquecimento a que a monarchia os votou.

CARLOS VICTOR.

NON PLUS ULTRA

Tempestade e bonança são o movimento, são a lucta, mas são tambem o principio vital dos elementos. Sem movimento, sem lucta, não posso conceber a existencia de ente algum; a força que produz o movimento é, talvez, a unica razão da existencia das coisas.

A inercia da materia é o maior absurdo que pode conceber-se; o mundo, essa massa enorme que nós habitamos, move-se porque é da sua propria essencia o mover-se e não porque Deus, do alto do Olimpo, lhe imprimisse o movimento; é muito grande para que um ente, ainda que muito poderoso, possa sujeital-o á sua vontade; o mundo move-se porque o seu movimento é o producto não só das suas forças intrinsecas como tambem da attracção que sobre elle exercem a infinidade de mundos que como elle giram no espaço; o mundo move-se para conservar-se, para existir.

Deus, esse ente, que tão indolentemente sentado no seu sophá feito de estrellas, tendo por escabello as nuvens que vagueiam lá em cima, no infinito, preside aos destinos dos homens e a quem attribuem a creação de todas as maravilhas, a creação d'essas leis sabias, constantes e uniformes porque se regem os corpos, ainda nada fez (que eu saiba) desde essa pretensa creação.

D'ora em quando, é facto, tem apparecido e apparecerá sempre um ou outro fanatico que se diz alvo da protecção d'esse Deus invisivel, cuja existencia é bastante duvidosa; mas, havendo em cada alma uma serie infinda de peccados, ainda que veniaes,

como affirmam os nossos padres dizendo que o justo pecca 7 vezes por hora (se me não engano) e, sendo Deus summamente perfeito, como elles dizem, de que forma poderá Deus proteger essa alma?

Protegel-a é galardoar o mal; e Deus sendo summamente bom não o pode fazer; fazel-o seria possibilitar o impossivel e para Deus tambem ha impossiveis ainda que affirmem o contrario.

Deus, com toda a sua omnipotencia, não poderá, decerto, fazer que o nada absoluto, seja alguma coisa.

J.

A NOSSA CRUZADA

Cidadão director e presado camarada.

Accusando a recepção da quantia de 50000 réis dos fundos d'A Voz do Sargento, e da de 300 réis que junto nos enviou o nosso presado camarada sr. Felix Carneiro da Silva, destinadas á viuva e orphãos do nosso fallecido camarada Manuel Formigo, vimos novamente em nome da corporação e na dos pobres socorridos, apresentar-vos os mais profundos agradecimentos pelo novo auxilio.

Por duas vezes já nos foi enviado o abençoado obulo proveniente do fundo do jornal que tão proficuamente dirigis; e é devido a isso e á bem dita generosidade dos nossos camaradas e particulares, apanagio de todos os corações bem formados e timbre honrosissimo do soldado portuguez que os nossos infelizes protegidos não experimentaram ainda todos os horrores do abandono em que ficaram, e por isso a commissão, em nome da corporação que representa, roga ao ex.^{mo} camarada se digne, por intermedio d'esse jornal, significar a todos a nossa gratidão.

Saude e Fraternidade.

Presidio Militar em Santarem, 14 de Julho de 1911.

A COMMISSÃO,

A. Lopes d'Azevedo,

1.º sargento.

Jayme Antonio Neves,

2.º sargento.

Antonio Ribeiro,

2.º sargento d'artilharia 3

Adelino Almeida Portugal,

2.º sargento d'engenharia.

Fatalidades portuguezas

Está provado á evidencia que cada vez vemos menos. E, senão, comparamos. Até ha pouco podiamos concorrer para a administração militar, hoje, infelizmente, cortou-se essa sahida.

Quem foi que a cortou?

A monarchia. Ella não nos podia ver, isto é, por um lado tinhamos defensores, pelo outro terroristas; pelos liberaes eramos defendidos, pelos cães eramos atacados.

Viviamos entre duas correntes diametralmente oppostas.

Veio a Republica e a reorganisa-

ção do Exercito. Quem fizer um estudo, não profundo, que não é necessario, sobre a reorganisação, deve encontrar a fallida... gente que tinha em pouco apreço a classe, será verdade?

Todos nós erramos quando se discute alguma cousa, mas agora parece-me que não estamos em erro.

O golpe foi dado por mão de mestre, com todo o acerto: com a chancellia da Republica, representou-se a fallida, sem que houvesse chus nem bus.

Não posso fazer apreciações sobre o criterio de ninguem, mas conhecendo muitos individuos que sahiram da classe e que hoje pertencem ao quadro em questão, julgo rivalizar com os primeiros peritos sobre a materia que desempenham.

Ora façam um inquerito a todos elles sobre a sua competencia e vejamos depois o resultado que se tira?

Façam, senhores... façam...

Parece-me que é necessario começar-se a dizer as verdades para não vivermos nesta atmospheria cheia d'ambiente que por vezes nos causa... nem sei o quê.

Se chegarmos a dizer as verdades (que já não é cedo) que desgraçeira ahi vai; que verdades cruas se hão de ver e ouvir.

Sei que apanhamos o nosso quinau, mas isso é o menos; já temos experimentado por dizer as verdades, mas ainda não morremos; e se tal se desse, nunca o diabo mais levasse, até havia muita gente que se gloriava, mas isso é o menos importante. Dirão que pertenso ao numero dos intransigentes; não sei, isso é só comigo.

A sahida para este quadro era a aspiração dos 2.º sargentos com o curso da Escola Central, e bem assim dos 1.º sargentos e sargentos ajudantes que tinham aquella sorte por melhorarem a sua situação, deixando assim um certo numero de vagas para os 2.º sargentos que eram promovidos áquelle posto (1.º sargento) que tanto custa alcançar; mas infelizmente tudo desapareceu.

Teem muita razão: Um 1.º sargento ou sargento ajudante quando chegava a ser promovido para o quadro em questão, tinham em media 12 annos desde o posto de 2.º sargento, e portanto conhecedor d'uma grande parte da legislação militar porque lhe tinha sido necessaria para o desempenho do seu serviço; além d'isso tinha os cursos que lhe eram exigidos pela legislação em vigor. Pergunto: porque não podem ser promovidos para aquelle quadro?... Sim, sim...

Todos sabem que uma grande parte do serviço desempenhado por este quadro é uma questão de pratica, pelo menos nos corpos, e contra factos não ha argumentos. Sim elles não conhecem... digam-lhe que sim, que não são conhecedores...

Ha um caminho a seguir e realmente o mais viavel nos tempos presentes, que é o seguinte: Eliminam os sargentos do exercito, reformem os que tiverem direito a isso e aquelles que não tiverem direito a tal concessão nem estiverem ao abrigo de qualquer artigueto d'algum regulamento que os obrigue a andarem cá mais algum tempito, põ-los na Calle, e verão como o exercito fica um primôr, por fazer parte d'elle, depois de tudo isto, a élite portugueza.

Tenho dito.

Coimbra, 13 7-911.

J. A. Cruz

RESOLUÇÃO

Não se passa muito tempo que não haja alguma cousa que dizer, a respeito como são tratados os individuos na nossa classe.

Não é muito longe da celebre chave das tres linhas que ha bem poucos dias se combinou uma especie de sacrificiosinho com individuos pertencentes a uma graduacão, afim de que elles com resignação e boa vontade fizessem serviço de graduacão immediatamente inferior.

Todos concordaram desde que era sacrificio que se pedia.

Mas eis senão quando, surge á ultima hora um caso virgem, verdadeiramente symptomatico, que deu tal aspecto ao succedido, que fez convencer o contrario; isto é, já não eram precisos resignação e sacrificios, os individuos que então viram estar inutilmente a se submeter ao serviço combinado, ponderaram o caso de já não ser preciso que existisse tal situação.

A resposta foi clara e cathogorica. Reclamem por escripto.

Assim se combina e assim se resolve.

NATAL.

Dr. Affonso Costa

Esteve ante-hontem em Coimbra o illustre ministro da Justiça, dr. Affonso Costa.

S. ex.^a, que se hospedou no Hotel Avenida, foi cumprimentado pelas auctoridades e elemento militar e civil.

A' sahida de s. ex.^a para a estação do caminho de ferro, foi-lhe feita uma imponente manifestação de sympathia, por parte do povo d'esta cidade.

A banda d'infantaria 23, que ali compareceu, executou a *Portuguezia* e a *Maria da Fonte*.

PLACARD

Terminando com o presente numero o 1.º semestre da publicação d'A Voz do Sargento, vamos enviar pelo correio, os recibos aos nossos assignantes em debito, para os quaes pedimos a fineza do pagamento, afim de nos evitar novas despesas.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de trez trimestres do sr. Manoel Maria Cantista, 1.º sargento do D. R. R. 10.

A importancia de um semestre dos srs: Augusto dos Santos Conceição, 1.º sargento d'infantaria 23; José Jacintho de Medeiros, 2.º sargento da guarda fiscal, Horta; João Antonio da Velha, 2.º sargento de engenharia, Vieira do Minho.

A importancia d'um trimestre dos srs.: Joaquim José Magro, 1.º sargento e Eduardo Augusto de Sousa, musico de 3.ª classe d'infantaria 23; José Augusto d'Oliveira Dias, 1.º sargento d'infantaria 7; Christovão José Antonio de Carvalho, selleiro-correio, João Lourenço dos Santos, carpinteiro e Casimiro Saraiva e Silva, espingardeiro, todos de cavallaria 5; Luiz d'Aguiar, sub-chefe de musica, Nicolau Santos Castro e Manuel Antonio Sanches, musicos de 2.ª classe, todos de infantaria 19; Antonio Pedro da Silva Soares Junior, 1.º sargento do D. R. R. 17.

O AMOR DOS AMORES

Ai!... quem me dera ter mãe,
Inda que fôra uma silva!...

(Trova popular.)

Aquella que eu adoro, como a imagem santa
Da Virgem Dolorosa, junto do Calvario,
E que no peito tem o divinal sacrario
De perenal ternura e de bondade tanta,

A que resiste á dôr que as forças nos quebranta,
E que no mundo tem por sina e por fadario
Martyrio o mais cruel, tormento o mais contrario,
Nos labios tendo sempre o riso que me encanta,

Essa, bem perto ou longe, eu vejo a sua imagem
Em tudo quanto existe, e rendo-lhe homenagem,
Que ella é todo o meu ser, vida, ventura e bem!...

A pomba carinhosa, toda amor e afagos,
Luz da minha existencia, luz de encantos magos,
Uma triste velhinha!... a minha pobre mãe!...

ADELINO VEIGA.

O Metamorphomismo homem
sua contraproducencia e retroacção

Le monde marche. Indubitavelmente, não se enganaram os francezes ao pronunciarem tão axiomática verdade.

Mas, como pela logica das coisas, não ha regra sem excepção, e, como a infallibilidade ainda está na posse do Papa... Pio Lopes, não obstante, o seu estado morbido syntomatizar uma irremediavel quebra moral, eis a razão porque no caso que vou apresentar, tem a sentença: *Le monde marche*, uma manifesta retroactividade tanto mais característica, quanto é certo os leitores conhecerem de *gingeira*, o comparsa (sem ser em scena.)

Alguns homens de sciencia affirmam que o homem é descendente do macaco!...

Pois bem. Muito embora o homem descenda do macaco, o que posso garantir é que, se por qualquer aberração da natureza elle degenerar, não é certamente n'esse animal, e senão vejamos:

Qual é o animal que mais se aproxima e assemelha ao homem pela sua intelligencia?

Todas as opiniões caem a fundo sobre o cavallo. E' certamente elle. Posto isto, permite que por momentos me affaste do assumpto para de novo entrar n'elle, retomando a preposição.

Patria n'uma só palavra é a terra em que nascemos. Essa terra encerra: em primeiro lugar as cinzas de nossos paes e avós, e em segundo lugar as cinzas de Camões, Viriato e outras glorias portuguezas.

Menoscabar a Patria, trahindo-a, é degenerar de raça, e por consequencia conculcar as cinzas d'esses mesmos antepassados, ou seja pizar a pés as cinzas de nossos paes e avós, e d'essas immortalidades que grangearam o bom nome e reputação d'esta invicta raça.

Se affrontar a Patria, trahindo-a,

é dos crimes mais execrandos que a memoria civilisada pôde conceber, não a defender, conservando-se envolto no indifferentismo é, tambem, um crime de lesa-Patria e, como, os crimes de lesa Patria só são proprios de portuguezes degenerados, e como acima disse e os leitores melhor do que eu sabem que o animal que mais se approxima do homem pela sua astucia e intelligencia é o cavallo, vêmos que: o homem traidor degenera mais facilmente em besta de... dois pés e, egualmente vemos e sabemos que na mesma besta nada mais fará que dar coices, como o degenerado e traidor Couceiro, não attingindo, graças a Deus e a Noé, ninguém com elles, apenas sugando e offuscando d'uma maneira inlavavel o seu passado com a lama que, ao despedir os coices, lhe salta das patas.

Eis pois exposto de uma maneira elementar, mas convincente que, para esse hodierno Miguel de Vasconcellos, o mundo não marcha, — muito antes pelo contrario — elle recua, como o bispo de Beja recua para se sentar num... riquissimo... *fauteuil* perlaticio.

Finalmente o traidor Couceiro, metamorphoseado em besta, com a sua Hippo-couceirada, dão coices.

Unamo-nos todos com acrisolado patriotismo e corramos a prende los mais curtos e a gritarmos-lhes unisonamente:

Abaixo os traidores!

Viva a Republica!

Covilhã 7-7-911.

Herminio Henrique Branco
2.º sargento d'infantaria 21

Guarda Republicana

Estão em Coimbra forças de infantaria e cavallaria da Guarda Republicana, de Lisboa.

Fazem serviço dentro da Universidade.

DIVAGANDO

O sol que hoje nos allumia e afa-ga não é como o d'outrora, que não mui longe vae. mas que não ha de voltar.

O sol que morreu ao nascer da madrugada do memoravel dia 5 de outubro de 1910 — data que só deveria ser escripta a letras de ouro — desapareceu para, com o seu tenue e moribundo calôr, ir aquecer e dar alento nos ultimos arran-cos d'uma vida cheia de crimes no passado, aos cobardes que fugiram.

Com a fuga d'aquelle veio outro mais limpido, de maior poder illuminante, mais quente e mais fagueiro. Mas se algum d'estes predicados lhe faltasse, tinhamos os heroes d'essa celebre jornada que saberiam, com criterio imprimir-lha.

O sol que fugiu, anda a monte, talvez arrependido do passo dado, depois de vêr que aquelles quem afagava, o enganaram.

Anda errante, por sébes e montados, sem saber onde passar o dia de amanhã, cheio de remorsos pelas chagas praticadas, cujo balsamo, producto de orações cantadas á Immaculada Conceição, não consegue cicatrizar, ainda que ellas sejam entoadas por todos os Braganças, Couceiros, Loyolas, Cabraes e... tudo o mais.

As chagas estão abertas e ainda cedo, muito cedo, para suavisar a sua dôr.

O seu balsamo será a metralha, arremessada pelo portuguez digno da sua patria, contra aquelles que a trahiram e que não tiveram nôjo das miserias pesetas com que os canhalhas da peor especie os compraram.

Se entre os comprados, a troco de vis promessas, houvesse algum que, subjugado pela miseria, qual pária sem ter onde se acóite, mas que no seu braço corresse uma gôtta de sangue portuguez, devia, talvez, no momento da *transacção*, qual escravo entregue ao seu senhor, vacillar e sentir-se indigno da Patria que o viu nascer.

Vendeu-se? Trahiu a sua Patria, os seus irmãos.

E para que se vendeu? Nem elle o sabe. Viu dinheiro, muito dinheiro, que cheirava a incenso. Prometeram-lhe muito e segredaram-lhe muitas cousas que o desorientaram. Mostraram-lhe fardas vistosas com galões reluzentes e não foi preciso mais nada. Mas tambem... nada lhe deram. Era uma realidade apparente, uma esperança, um sonho que se desfez.

Vagueia desnorteado, farnel a tiracollo, qual gallego que concerta louça, vergado pelo remorso da infamia que praticou.

Recorda o regresso do *Filho Prodigio*, a casa de seu pae, e sente desejos de o imitar.

Mas como fazê-lo? Sabe que é criminoso, o infame, e por isso não ignora o castigo que merece e que lhe será applicado com rigôr, como o exige todo o portuguez que ama com paixão, até ao delirio, a independencia da patria de Camões.

Viva a Republica!

Viva Portugal independente!

Morram os traidores!

Bragança, 22 de julho de 1911.

Luiz Cesar Rodrigues,

1.º sargento d'infantaria 10

INSTRUÇÃO

I

A grande incoherencia, que foi o apanagio e a divisa da defuncta monarchia, levou o povo ao estado de-gradante, que por ahi se observa a cada passo, do alphabetismo.

Era realmente singular, que quando todas as nações, ainda mesmo as monarchicas, evolucionavam prodigiosamente para o estado completo da educação dos seus povos, a nossa jazia estatica, prostrada, completamente desprezada do assumpto que mais deve hoje occupar o pensamento humano e os hodiernos.

Que se palavra muito no parlamento, sobre assumptos educativos; que se discutiam muito, theorias vagas e absurdas que para nada serviam; isso era sabido.

Mas que á sahida do *centro da cavaqueira*, (deixem-me assim chamar á casa dos representantes do povo, que naquelle tempo era o que todos sabem) e depois d'um lauto e indegesto jantar, tudo, mesmo os absurdos, desaparecia, como por encanto, isso era tambem sabido.

Mas, felizmente, agora já não é assim: e ainda bem.

Os homens do novo regimen tem feito o que mais pode a força humana neste sentido; indubitavelmente.

Podem fazer mais?

Eu responderei que sim, e estou convencido que muito mais hão-de fazer.

Podiam ter já feito mais, sob este ponto de vista, que, com insufficiencia, estou tratando?

Não.

E não, porquê?

O leitor não necessita que responda a esta pergunta, porque axiomas não precisam de demonstração.

O governo provisório, com os seus nove mezes de vida, tem sido um obreiro incansavel de patriotismo, em tudo — absolutamente em tudo.

Tarefa vã, seria enumerar aqui a longa obra de nove mezes de Republica, porque o leitor sabe-a tão bem, ou melhor de que eu.

Mas tambem sabe que nove mezes não são nove annos; e melhor sabe ainda que os nove mezes de Republica, correspondem a mais, muito mais que todo o tempo que a realeza dominou sobre nós, no que diz respeito a progresso, economia e boas obras.

O governo provisório já deu um impulso, que se pode dizer sobrenatural, a todas as questões, porque todas ellas—coitadas—estavam bem precisadas d'elle.

E agora, que está indelevelmente arreigada no espirito publico portuguez, uma confiança illimitada nelle, muito mais ha-de fazer.

E nós sejamos pacientes, e esperemos; crenes de que muito de bello se ha-de fazer para o futuro, para honra nossa, e para felicidade dos vindouros.

ACCACIO SERRA.

Coimbra-Centro

Esta sympathica sociedade conimbricense realisou no ultimo domingo um passeio de recreio á matta do Choupal, tendo ali logar um *pic-nic* que correu animadissimo.

Concorreram á festa quasi todos os associados e respectivas familias.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

c) *Tratamento.* — Internamente usar-se-ha o salicylato de sodio (lenticulas de salicylato de sodio, a 25 centigrammas, 1 tubo) e quando este seja mal tolerado ou não produza o resultado desejado dar-se-ha antipyrina (lenticulas de antipyrina a 10 centigrammas, 1 tubo).

Quando estes medicamentos não dêem resultado empregue-se a colchicina ou a antipyrina (lenticulas de colchicina a meio milligramma, 2 tubos. Antipyrina, 3 grammas).

Externamente emprega-se o salicylato de methyl em compressas de gaze d'elle embebidas e envolvendo em tela impremeavel e algodão para evitar a rapida evaporação ou em pomada a 10 por cento.

Finalmente quando as dores tenham passado, a inflamação cedi-do e reste um pouco de anilose isto é, rigidez das juntas e difficuldade nos movimentos, empregar-se-ha a massagem ou flicções seccas.

Emquanto a febre não ceder, á limpeza do tubo digestivo, feita pelos purgantes (sulfato de sodio, 50 grammas; agua 200 grammas. Dissolva a frio. Ou oleo de ricino, 40 grammas; gemma d'ouvo, uma. Faça gemmada com assucar e café. Ou sulfato de magnesia, 50 grammas; agua, 200 grammas. Dissolva a frio) juntar-se-ha uma dieta reduzida a caldos e leite de duas em duas horas.

Rheumatismo chronico

a) *Definição.* — Sob a designação de rheumatismo chronico comprehendem-se diversas variedades, segundo ha generalisação (rheumatismo articular progressivo) ou não (rheumatismo parcial), se a parte interessada são algumas ou uma visceras (rheumatismo visceral que tambem pode ter a forma aguda febril) se se trata dos musculos (rheumatismo muscular), se se trata de tendões e outros tecidos fibrosos (rheumatismo fibroso), se é difficil precisar os tecidos em que a dôr existe, embora nas proximidades das articulações, abarticlar se chamará.

Finalmente se uma infecção é presente no individuo em que estalam symptomas de natureza rheumatoidé ha-o chamado rheumatismo infeccioso. Assim a blenorragia, a exarlatina, a dysentria, a pneumonia, a febre typhoide, a prenhez, a pnerperalidade, etc., certas intoxicações (alimentares e outras: iodismo, saturnismo e auto intoxicações) podem dar logar a manifestações articulares de forma rheumatoidé que é de uso chamarem-se rheumatismo infeccioso ou pseudo rheumatismo e que melhor se denominaram arthritos blenorragica, dysentarica, escarlatina, etc.

A característica principal d'estes diferentes rheumatismos é a dôr e a grande seneilidade d'essa dôr ao frio humido, dando num individuo arthritico ou que já tenha soffrido varias manifestações de rheumatismo mais ou menos agudo ou chronico bem caracterizado.

b) *Symptomas.* — As dôres com a característica acima indicada são o symptoma principal, acompanhadas da impotencia funcional da parte affectada, sendo por vezes unicas e outras acompanhadas de tunefacção

e inflamação de marcha lenta sub-aguda ou chronica.

Algumas palavras relativas ao rheumatismo nodoso, devem ser ditas. Este tambem chamado rheumatismo chronico primitivo, polyarthrite deformante, consiste em alterações lentas, progressivas e mais ou menos symetricas, invadindo articulações symetricas ou homologas, que principia pelas articulações dos dedos das mãos e dos pés, que mais ou menos são deformados, formando linhas quebradas e mudando de de direcção os seus eixos.

c) *Tratamento.* — E' difficil, sendo muitas vezes impossivel, evitar a marcha inexoravelmente invasora e progressiva do rheumatismo nodoso.

Consiste de resto, no uso prolongado e intenso dos iodetos e arsenicos (lenticulas de iodeto de potassio a 25 centigrammas, 8; lenticulas de arseniato de sodio a 5 milligrammas, 4) e no uso de banhos sulfurosos (Vizella, Felgueiras, etc.) e lamas (Cncos).

Pode tambem usar-se a colchicina no caso de dôres intensas, e que sejam o principal symptoma (lenticulas de colchicina a meio milligramma, 2 tubos) ou veratrina (lenticulas de veratrina a meio milligramma, um tubo).

Externa e localmente applique-se as pontas de fogo, a tintura de iodo, o ar secco e quente até 200°

Gotta

a) *Definição.* — E' uma affecção mui semelhante ao rheumatismo, caracterizada por dôres nma geral-mente, que de ordinario é a metatarsophalangica do artelho maximo (joanete) ou mais articulações e ás vezes febre (gotta regular ou normal, articular, aguda ou chronica, parcial ou generalizada) ou ferindo as visceras e os apparatus (gotta irregular, anormal, lawrada).

O que caracteriza mais esta doença e a distingue do rheumatismo é o facto de geralmente ser monoarticular ou monalgicas, isto é, dar no principio numa unica articulação ou consistir em uma dôr unica em um dado logar e depois nos accessos seguintes ir invadindo outras articulações, sendo geralmente hereditaria ou apparecendo em individuos tarados por doenças anteriores do grupo arthritico, taes como: enxaqueca, epistaxis, hemorrhoidas, eczemas, dyspepsias, asthma, colicas hepaticas ou nephriticas e obsidades.

Finalmente fazer-se acompanhar por um excesso de acido urico no sangue, que não existe no rheumatismo e que é provavelmente a causa da doença.

b) *Symptomas.* — Além dos já descriptos e que caracterizam ou definem a doença d'uma maneira geral, note-se a forma do ataque agudo da gota que consiste no apparecimento de uma dôr muito viva da meia noite para as 3 horas da madrugada na articulação matatarso-phalangica (joanete) do artelho maximo (podagra) geralmente, ás vezes no joelho (gonagra), outras na espada (anagra), etc. Esta dôr torna-se pouco a pouco intoleravel, não deixando dormir o doente. Nos ataques seguintes este caracter vae mudando. Assim a dôr é menos viva; mais toleravel, o numero de articulações é maior, a incliação não desaparece, ficando sempre alguma coisa de uns ataques para outros, dando por vezes as deformações e os topheus (dopositos uricos ou uraticos articulares e pariaculares).

(Continua.)

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente **PURA.**
Para uso diario e constante. Refrigerante inequalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

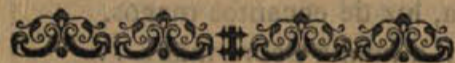
Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana



Manuel José Pereira Machado



Encarrega-se de todos os concertos de relógios d'algibeira, pendulos e de torre.

Concertos em caixas de musica, phonographos e gramophones.

Todos os concertos são garantidos

PREÇOS MODICOS

PRAÇA 8 DE MAIO, 7
COIMBRA



O melhor enchido de Portalegre

Na casa **Gaitto & Cannas**

DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

Mario Paes & Com.^{ta}

ARMAZENS DE

Mercearia, Farinhas, Semeas e Tregaria

Séde—Rua Adelinó Veiga—COIMBRA

Teleg. FARINHAS—Telephone 124

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

NOVA CASA DE BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

O IDEAL ECONOMICO REALISAVEL

Um dos problemas mais importantes a resolver num paiz, senão o primeiro, é o problema economico. Da sua solução equitativa, depende o bem estar material e moral da maxima parte da população.

Todos os esforços, portanto, que se façam para isso, não podem ser melhor empregados e constituem um dever principal d'uma sociedade bem organizada e conscientados seus deveres.

O fim a attingir e attingivel, é que a riqueza esteja distribuida de maneira que todos os cidadãos possuam o bastante para a satisfação completa das necessidades da vida, cada um na sua esphera de acção.

Aquelles que possuem o superfluo, devem ceder aos que não possuem o bastante, á collectividade, uma parte da sua riqueza, e como o não farão voluntariamente, porque o egoismo póde muito, devem ser coagidos a isso por leis economicas, sabiamente reguladoras, claras e simples, como devem ser todas as leis e como deverão ser, por exemplo, as leis sobre a herança e sobre o dote e em geral sobre os limites da fortuna accumulada e accumulavel.

E' isto justo? E' certamente. O homem que trabalha, conforme as suas aptidões, e tem responsabilidades sociaes, tem direito a compartilhar da riqueza para que contribua, em quinhão sufficiente para se manter na vida, sem difficuldade e dignamente.

A riqueza não deve ser accumulada, além d'um certo limite, por alguns, em detrimento da collectividade, mas circular o mais intensamente possivel, porque contribuindo assim para activar todas as forças vivas da nação, vae dar trabalho, naturalmente bem remunerado, aos que d'elle precisam e a elle teem direito, e espalhar, por consequencia, o bem estar por todos, por cujas mãos corre. Numa sociedade bem constituída, em que

todos trabalhem para se manterem, por não poderem viver do rendimento da riqueza accumulada, aquelles que produzirem mais e melhor, serão evidentemente os que mais possuirão, sem prejuizo dos outros, e então, quanto mais todos possuírem, tanto melhor, porque maior será a somma de bem estar de que cada um poderá gosar, podendo já satisfazer novas necessidades, que naturalmente creará.

Todos aquelles que não trabalham por conta propria, devem receber remunerações que lhes permittam satisfazer tambem por completo as suas necessidades.

A criação e a conservação da pequena propriedade, devem ser auxiliadas e defendidas do capitalismo, actualmente existente, assim como a pequena industria e o pequeno commercio.

Devem ser creados bancos, que sejam propriedade collectiva, e administrados pelo Estado, e que facilitem capitales aos que d'elles effectivamente precisarem e para fins de utilidade geral.

Em resumo, num paiz em que a questão economica esteja verdadeiramente resolvida, todos os cidadãos devem poder satisfazer completamente e com facilidade todas as suas necessidades phisicas, moraes e intellectuaes, com quanto uns possam possuir mais que os outros, sendo uns d'uma riqueza mediana e os outros de uma pobreza apenas relativa.

O que é preciso, é que uns não tenham o desnecessario, enquanto outros morrem á miséria.

Tornar irrealisavel a accumulacão da riqueza, além d'um certo limite, e fazer entregar á collectividade o excedente existente, não é coarctar a liberdade, não só porque isso se fará legalmente e portanto por commum accordo de todos ou pela maioria, mas porque a liberdade não se fez para uns esmagarem os outros, explorando-os; demais, o que é de justiça, se se não consegue por bem, ha de conseguir-se vio-

lentemente, mais tarde ou mais cedo, o que certamente é peor para todos.

Verdade é que certas conquistas sociaes, justas e humanas, só se obtem pela violencia, por não cederem a tempo os elementos que o devem fazer.

Foi o que succedeu com o ultimo rebento da dynastia de Bragança e respectivos satellites, que só cederam á nação o que de direito lhe pertencia, a sua soberania e a deixaram em paz, para se governar á sua vontade, quando nas ruas da democratica e heroica Lisboa e no Tejo, o canhão e a espingarda tomaram a palavra.

Coimbra.

CORREIA D'ALMEIDA.

RELIQUIAS E HERANÇAS...

Uma das comedelas que á sombra da religião ainda na presente occasião se consente, é a conhecida pela esmola para... as alminhas.

Não é difficil aqui nesta região percorrer alguns caminhos para se encontrarem umas pequenas capellas conhecidas pelas *alminhas*, em que um pintor (se o era) não se aperfeiçoou muito para fazer tal obra, mas que soube arranjar uma posição a determinados bonecos, fazendo supplicas a Christo (se é isso que lhe devo chamar), que do alto do seu throno, parece que alli foi collocado feito senhor feudal, com ar de quem olha para os bonecos com indiferença e desprezo.

Estas capellas tem no meio da base uma caixa de ferro com um pequeno orificio destinado ao obolo do transeunte, e na frente, em letras bem legiveis, o seguinte: Lembrae-vos de nós.

Não é difficil ver-se o transeunte deixar o seu obolo para... as alminhas.

O que é certo, porém, é que tal obolo não é para as alminhas nem destinado á compra de cera, como dizem que é, para illuminar a figura de um homem ou mulher que dentro de um tem-

plo foi collocado como servo de um senhor supremo.

Mas se algum d'esse dinheiro é destinado a tal fim, não vejo razões para isso, porque eu, felizmente, ando regularmente de noite sem luz.

Para que será precisa a luz a um mono sem vida, que está sempre no mesmo sitio?...

Mas tal dinheiro, que rendem as alminhas, que eu lhe chamo casas bancarias, não leva o fim a que é destinado, porque nellas não existe uma caixa registadora que aponte a importancia entrada, e o que fôr levantar o dinheiro se achar a maquia boa é de crer que faça um alcance de 50 0/0, entregando a restante parte a quem por sua vez lhe siga os passos, ficando assim a somma dos obolos reduzida a zero!

Mas fazendo fé que em nome de Christo taes factos se não commettem (até outros peores), accresce a circumstancia de na sua maioria estarem quasi todas arrombadas e os garotos fazem um pequeno alcance... que para adeantamento é pouco.

Posto isto a todos aquelles que tiverem o espirito esmoler, é mais proprio dar a uma viuva, a uma creança faminta, ou a um velho que sobre elle pezem os annos e que falta de forças para o trabalho, implore uma esmola á caridade publica, do que deixar naquellas casas bancarias um obolo que muitas vezes póde ir mitigar a fome a um desgraçado que não possa ganhar o seu sustento.

Vieira do Minho, 2-VIII.

JOÃO ANTONIO DA VELHA.

2.º sargento d'engenharia.

Armamento e equipamento

A ordem do exercito n.º 15, de 5 do corrente, entre outras disposições publica o seguinte:

«Para os devidos effectos se declara que o armamento e equipados 1.º sargentos das diferentes armas do exercito, passam a ser dos mesmos padrões dos usados pelos officiaes das mesmas armas e serviços, com exclusão da bandoleira.»

O descontentamento entre os 2.º sargentos é geral.

DECLARAÇÃO

Declaro que peço a minha demissão de redactor e administrador do jornal *A Voz do Sargento*, por motivos exclusivos do meu dominio pessoal.

Coimbra, 1 d'agosto de 1911.

José Augusto Gomes
1.º sargento

AOS COMPETENTES

O *Seculo*, de 31 de maio ultimo, fazendo referencia aos trabalhos da commissão incumbida de apresentar o projecto da organização militar das colonias, relata o que sobre o assumpto está definitivamente assente.

D'esse relato, assumpto consummado segundo o *Seculo*, vê-se que a situação dos actuaes 1.ºs sargentos do ultramar (indigenas e europeus), com direito á promoção para o quadro privativo, unico existente para aquelles 1.ºs sargentos, porque obtiveram esses postos posteriormente ao decreto de 14 de dezembro de 1901, se mantem sem esperança de promoção a official, principalmente para os que se approximam do limite de idade o que não são poucos, pois embora possam ter direito á opção para o quadro colonial quando possuam a habilitação do curso que se cria, esse direito poderá ser uma realidade decorrido um anno, tempo porém bastante para os alferes do exercito de Portugal, já convenientemente habilitados, tomarem as vagas correspondentes aos seus postos, porque, segundo o projecto de que se trata, podem transitar para os quadros coloniaes.

Esta circumstancia reflecte nos 1.ºs sargentos, candidatos a alferes, de uma forma assustadora, pois se a uns a fere mesmo no 1.º anno da vigencia da alludida reorganização por attingir o limite de idade, outros, dois ou tres annos depois, e talvez então já habilitados com o curso que se estabelece, vê-se não inibidos da promoção por igual motivo e ainda outros, com mais annos e com o mesmo curso terão por terminus da sua carreira, os 45 annos de idade porque a transição que se permite aos officiaes do exercito de Portugal para os quadros privativos conoliaes é de caracter definitivo, além do que, a eliminação dos commandos superiores nas colonias, a subsistir, transparece o triste futuro dos 1.ºs sargentos do ultramar.

Não é meu fito fazer comprehender que o meu ideal no presente caso se resume em pedir a eliminação de officiaes do exercito de Portugal para os quadros coloniaes, pois é minha opinião, não auctorizada e debil, que elles devam vir como elemento instructivo, não da vida pratica mas sim da scientifica, que muito ha que ensinar, sem embargar o futuro de quem attingiu o posto de 1.º sargento, com justas aspirações a officialato, porque a lei que o poz naquelle posto assim o desse e constitue direitos adquiridos, havendo, portanto, razão bastante para os actuaes 1.ºs sargentos aproveitarem as vagas de alferes que a referida reorganização produzir, conforme a respectiva escala de antiguidade.

E', emfim, convincente que a reorganização alludida, quanto aos 1.ºs sargentos do ultramar, tem em si tão tristes garantias como as que offerece o quadro privativo, mas, desde que se trata da extincção d'esse qua-

dro, forçoso é pedir, com todas as forças do coração, que os seus mais leves traços não subsistem de forma alguma em nenhum diploma do actual regimen, porque é uma inconsciencia.

Já a sua criação trouxe consigo considerandos que nada a justificam e a experiencia de bons 10 annos tem produzido revelações que só attestam a sossobro do thesouro publico em dispendiosas passagens e complicações em diversos ramos do respectivo serviço, complicações que até a nova organização a que eu alludo hade sentil-as quando forem chegando as reclamações sobre antiguidade, etc., etc.

A constituição do referido quadro obedeceu ao principio estabelecido pelo decreto que o creou e que é o de 14 de novembro de 1901.

Egal principio se mantem para os citados 1.ºs sargentos do ultramar que, sendo mais pezado que o exigido aos 1.ºs sargentos promovidos a alferes para os quadros privativos das guarnições, parece haver razão que a todos se exija igual curso, caso desejem transitar para o quadro colonial, quando todos elles sejam officiaes.

Assim estabelece o principio de justiça porque são officiaes que, quando 1.ºs sargentos, satisfizeram eguaes condições de promoção, sobre o tempo de serviço nos corpos ou companhias naquelle posto, e demove, com fins, o receio dos indicados 1.ºs sargentos quanto a promoção a alferes nas vagas consequentes da reorganização, podendo proceder-se para com elles, no tocante a reversão aos respectivos quadros na situação de disponibilidade caso não satisfaçam ás condições de transição, o mesmo que se estabelece aos actuaes officiaes. Com destino, porém, para o quadro privativo do ultramar que, para aquelle effeito, incontestavelmente ficará existindo até a completa extincção dos seus officiaes.

D'esta forma o principal objectivo da reorganização se mantem porque nem de leve se toca na parte relativa a instrução e, convencendo-me que ella deve existir sempre, visto a sua escassez ser a causa dominante de tantas e de tão grandes difficuldades e depressões tão tristes nos respectivos quadros, é meu desejo, desculpem-me a ousadia, que a instrução se estenda tão semelhantemente como se ministra no exercito de Portugal, ainda com o augmentativo da instrução precisa para as tropas coloniaes.

Não devo terminar este meu humilde appello sem pedir ao poder competente que torne effectivo no projecto da reorganização os direitos adquiridos pelos actuaes 1.ºs sargentos do ultramar quanto a promoção a alferes e que esta se faça segundo as vagas resultantes da reorganização, conforme a respectiva lista de antiguidade, com a clausula de a reversão se fazer para o quadro privativo, subsistindo tudo quanto diga respeito a instrução.

India, 12 — 7.º — 911.

Domingos Diniz de Sousa Pereira
1.º sargento.

De passagem para Portalegre esteve entre nós, o nosso amigo, sr. Manoel de Miranda Branco, sargento-ajudante d'infanteria 10.

Está entre nós com licença da junta do ultramar, o nosso amigo Gervasio Albano Baptista de Sousa, 1.º sargento da 2.ª companhia disciplinar de Angola.

Jesuitas indecentes e conspiradores

Ao meu presado collega João Antonio da Velha, 2.º sargento d'engenharia.

Não tenho a honra de o conhecer, meu caro collega; mas o facto de ser sargento animou-me e o de ter escripto de Vieira chocou-me, comoveu-me profundamente.

Vieira! pois não és tu a terra d'extensos e coloridos vales, por cujos caminhos pittorescos passeia ainda a obesidade clerical d'esses taes «jesuitas indecentes e conspiradores» como uma nota hostil a tudo quanto essa terra tem de paz, de poesia e d'arte?

Pois não és tu a terra cheia de serras severas e alterosas, de cujos cumes mil gigantes de granito parecem contemplar atterrados arremetida furiosa de D. Paiva?

Pois não és tu, finalmente, a terra sulcada por rios profundos e rugidores, cuja corrente impetuosa parece querer tragar toda a thalassaria d'aquem e d'além... Carioca?

E o jesuita? Elle lá está; é uma especie d'acolyto ou escudeiro d'esse Quixote da fronteira: Sancho Pança em pleno seculo XX pluralisou-se e aprendeu latim.

E qualquer dia elle ahí vem com seu amo e senhor á frente fazer d'isto uma nova ilha Barataria, onde possa encher a pança sem grandes cuidados na governação.

Eis o ideal. Mas engana-se: Portugal deixou para sempre de ser uma mangedoura; e se ainda não é um paraizo, é porque eu, mau grado nosso, posso dizer ainda da minha terra adoptiva o que diria de mais algumas do meu paiz.

Vieira, Vieira, tu serias a terra ideal da paz, se antes não fosses um feudo de caciques e de mediocridades presumptuosas; dos templos das tuas aldeias, onde deviam imperar sómente pura e sublime do Mestre e a fé simples e communicativa dos teus camponios, sahe a calumnia, a mentira e quiçá o absurdo de que são capazes a maldade e a estupidez alliadas; ha por ahí certos pelintras da rhetorica a quem a ingenuidade do meio empresta algum prestigio, conseguindo passar por sabios, (na terra dos cegos...) os quaes, julgando o mundo pelos limites apparentes do horisonte, outras ambições não tem além de botar figura perante os auditorios algo convencidos e apatetados da freguezia.

Caramba, — commenta aquella gente após o sermão pregado em dia de Santa Felistrella, advogada das dôres de... joanete — este filho do Zé das Pipas deu obra! Pois olha, atalha outro, é porque o pae não cuidava que este sahiria assim fino, senão mandaria outro mais bonito p'ra o estudo...

D'aqui uma desorientação vaidosa, uma eloquencia arrebicada e tóla d'onde muito bem poderia sahir, por inspiração divina, a affirmativa de que o «Couceiro entraria de balão, espalhando veneno e a morte»...

Pobre povo! como eu lamento que em plena Republica ainda te bestialisem assim! O padre deixate do passado tudo que elle tem de mau: o espirito da inquisição, do fanatismo e da intolerancia; o cacique leva-te do presente tudo que elle tem de execravel: todos os males da civilização sem nenhum dos seus beneficios...

Eis, meu amigo, o que me suggeriu o seu artigo. A gente d'essa

terra é boa mas tem em si o germen do mal: o jesuita e o cacique. Para os extinguir, só a luz e a verdade. Faça o meu collega descerrar uma e florecer a outra acompanhado nessa missão por todos os collegas que porventura ahí estejam.

Entretanto e não obstante, eu continuarei amar-te, minha querida Vieira, porque tens serras severas e alterosas, valles extensos e coloridos, rios profundos e rugidores e, finalmente, — quem o havia de dizer! — mulheres lindas e surprehendedes, não é verdade, amigo Velha?

Braga, 31 de Julho de 1911.

Amandio da Luz R. de Barros
2.º sargento d'infant.ª 8

Com a assistencia do ex.ººº general commandante da 5.ª divisão, realisou-se no dia 5 do corrente, na parada d'infanteria 23, uma conferencia sobre o culto da Bandeira, em que o sr. aspirante Germano provou mais uma vez a sua intelligencia e amor patriotico.

Formou todo o regimento devidamente armado, sob o commando do ex.ººº coronel Chagas.

O conferenté foi muito cumprimentado.

Infanteria e cavallaria

DUAS SOLUÇÕES

A *Revista d'infanteria* do corrente mez inseriu um artigo intitulado *Pela infanteria*, artigo este que bem merece ser lido por todos os nossos camaradas e transcripto nos jornaes de classe, se se não desse o caso provavel de luctarem com falta de espaço.

A maneira altiva e alevantada como a mesma responde a um tal sr. X, que com esta letra firmou um ou dois artigos no jornal *O Seculo*, é para nós, sargentos d'essa arma, que o lemos com muita honra, motivo de intima satisfação.

Não se vem impunemente ferir tanta gente que tem do seu lado a razão e a justiça, demais a mais, quando a maneira de dizer attenta sobre bases falsas e a intensão é malévola.

Não queria estar na pelle do sr. X, a quem por este meio manifesto tambem o meu desprezo, se não tivesse a lembrança de conservar o anonymato.

A maneira clara como a revista expoz a questão agradou-me bastante, não deixando, naturalmente, de merecer os applausos de todos os meus camaradas.

E' pena que a revista, que assim escreve, tendo por assignantes quasi todos os sargentos da arma, se não inspire nas nossas necessidades, nos nossos queixumes tantas vezes manifestados nos jornaes de classe pelos seus companheiros de luctas, procurando assim, para elles, uma solução equalitaria na promoção a official, com a dos sargentos das differentes armas, porquanto a promoção de 103 subalternos a capitães na infanteria, ou sejam, na razão de 1/3, trinta e quatro vagas para a classe de sargentos, vagas que seriam preenchidas quasi todas pelos alferes promovidos a este posto nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901, deixando ficar, os actuaes sargentos, quasi na mesma deploravel situação.

Ha varias soluções que na minha opinião resolvem cabalmente o assumpto e são de facil viabilidade,

porém, implica um pouco com preconceitos que devemos depôr, motivo porque, algo receoso pelo bom acolhimento, as vou expôr, muito embora resumidamente.

Os meus camaradas, se me fizerem a devida justiça, não podem ver nos alvitres apresentados, motivo alheio d'aquelle que tem por fim o bem commum, o contentar gregos e troyanos. Se tal se não der, direi como o outro: *Hony soit qui mal y pense.*

1.º alvitre — Creação d'um quadro auxiliar de officiaes d'infanteria e cavallaria a exemplo do que está legislado para as armas de artilheria, engenharia e serviço de administração militar, estabelecido na razão de $\frac{1}{3}$ do quadro respectivo para todos os postos até capitão, $\frac{1}{5}$ para major, $\frac{1}{7}$ para tenente coronel e $\frac{1}{10}$ para coronel.

Os officiaes superiores seriam destinados aos commandos dos districtos e regimentos de reserva aonde teriam lugar adequado uma grande parte dos subalternos.

2.º alvitre — 1.º Os officiaes provenientes da classe dos sargentos das armas de infanteria e cavallaria só ascendem até ao posto de capitão.

2.º A promoção é feita na razão de $\frac{1}{2}$.

Essas duas soluções que julgo resolvem plenamente o nosso problema garantindo-nos um futuro que actualmente vejo problematico e longiquo.

Os nossos camaradas que digam da sua justiça e, se o entenderem, que se manifestem num ou outro sentido, comentando-os.

HEMITERIO

ASSUMPTOS MILITARES

Como são louvados e premiados os alumnos das escolas regimentaes e por serviços que mereçam especial menção

Convencido de que a justiça assiste nestes dois ramos de serviço, direi em minha consciencia que muitas vezes ou quasi sempre ha injustiças nessas concessões e portanto direi que sou contra a distribuição de taes premios e taes louvores.

As doutrinas e os habitos escolares de uma democracia tem de ser inteiramente outras, sob pena de não assentarem nos principios da verdade e da justiça, illuminadas pelas conquistas da sciencia soberana e pela luz da razão gloriosa e triumpante.

Os alumnos não premiados não teem culpa de que a natureza avara com elles os dotasse com uma menor dose de potencia mental de massa cinzenta ou de applicação aos estudos ou por outras razões fracas, doentis, obtusas, infelizes de tristes legados ancestraes.

Também não teem culpa os eternos desgraçados de que seus collegas premiados, mais venturosos que elles, tivessem em casa quem lhes ensinasse as lições, tivessem prestado as provas num momento mais feliz quanto ao estado de espirito, ou ainda de que enquanto os felizes de conforto tivessem tempo para estudarem as lições, elles desgraçados, tivessem só nas horas que deveriam dedicar-se ao estudo, quem lhes explorasse o tempo com trabalhos ou que lhes brutalissem o corpo com certos e determinados serviços que só são destinados aos desgraçados.

Premiando os mais felizes em ri-

gor pratica-se uma injustiça flagrante e iniqua, quando a final a instrução é muito outra e de resto todos nós sabemos que, se ha professores que collocam todos os seus alumnos num perfeito pé de egualdade, outros ha também que fazem a separação dos mais intelligentes e applicados, quando a justiça manda que de preferencia se auxiliem e rodeiem de cuidados especiaes os menos intelligentes, os menos dotados de faculdades, os menos protegidos, e, por consequencia, os mais desgraçados.

A distribuição dos premios tem ainda a inconveniencia de tornar orgulhosos os premiados e deslustrar os não premiados.

Mas, uma vez premiados e louvados, julgam-se com centelha divina e não mais se applicam, e para que será essa massada se eu tenho distincção e louvores e quantas cartas de recommendação eu precisar, que é esse o mal que affecta sempre as classes desprotegidas da sorte.

Os outros, victimas das injustiças contra uma creatura, porque essa injustiça prematura e flagrante passa a ser em rigor a causa mais poderosa dos seus insuccessos e da sua bancarota na vida.

As honras, na realidade, não são dadas a quem de direito as merece, mas sim a quem nada faz.

Uma das condições para ser louvado e premiado é em primeiro do que tudo fazer que trabalha, mas não trabalhar, fazer que se dedica mas não se dedicar, ser filho de official, de ex-conde visconde, marquez, duque, de qualquer typo politico em evidencia, ser protegido ou recommendado por qualquer typo que tenha influencia na actualidade.

Os que trabalham e produzem para engrandecimento dos outros, mas que não teem a sorte que os proteja nem a estrela que os guie, esses não são louvados nem premiados.

Acabe-se, pois, com os premios e louvores nas escolas regimentaes, porque só são dados a quem aqui já tenha instrução ou alguma profissão technica, e não aos que a muito custo e com bastante sacrificio, a adquiram nas escolas regimentaes e muitas vezes com o auxilio principal de algum dos seus camaradas.

Lisboa, 3 d'Agosto de 1911.

CASIMIRO RAMIRES,

2.º sargento d'engenharia.

INSTRUCCÃO

III

E', presentemente, necessaria uma grande conjugação de forças dos homens que nos governam, para levar ávante o problema da instrução, o principal factor concorrente para a regeneração social e com o qual se ha de iniciar uma vida nova.

Não é com trez milhões de analphabets (ou mais!) que o paiz ha de prosperar a valer.

E' impossivel crear escolas, muitas escolas, que dêem ao povo o pão do espirito que até hoje lhe tem faltado.

Essas escolas devem ter como dirigentes individuos cuja honestidade e patriotismo estejam bem patentes, para com o seu exemplo levarem o futuro homem portuguez ao caminho da honra e do dever.

Já disse no ultimo numero deste jornal que a moralidade é o facho-

que nos leva á pratica das boas accões, e, consequentemente do Bem; por isso, seja a moralidade nas escolas um facto, para que, guiada por ella e abençoada pela sacra luz da instrução, a posteridade em Portugal recorde ao mundo inteiro o alto exemplo de civismo que o esforço heroico de 5 de Outubro de 1910 iniciou d'uma maneira tão dignamente recordativa dos nossos antepassados.

ACCACIO SERRA

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia correspondente a um semestre dos srs.: Luiz L. dos Santos Vaquinhas, 1.º sargento d'artilleria 1; Antonio Sousa Marques, 2.º sargento d'artilleria 4; Humberto Maria Fernandes, 2.º sargento d'infanteria, Timor, Dily; Clemente José Juncal, 1.º sargento da guarda republicana de Lisboa; Manuel de Sousa Neves, 1.º sargento d'infanteria 9; Joaquim J. Marques, sargento ajudante, Mafra; Candido Henriques da Silva, carpinteiro, Henrique Maria Beicinha, espingardeiro, Antonio Rodrigues d'Almeida, 1.º sargento, Antonio Baptista de Pina e Silva, José Francisco Serpa, e José Joaquim Fradique, 2.º sargentos, todos de cavallaria 10; José Marques, espingardeiro, Antonio da Costa Martins, 2.º sargento, ambos d'infanteria n.º 14.

A de um trimestre dos srs.: José Brites e José Soares d'Almeida, 2.º sargentos, e José Francisco Guerra, 1.º sargento, todos de engenharia; Norberto da Silva Queiroz, Manoel Coelho Pereira, 1.º sargentos, Antonio Sousa Marques, 2.º sargento e Bibliotheca dos sargentos de artilheria 4, Penafiel; Lourenço d'Almeida, espingardeiro d'infanteria 23; Alfredo Augusto de Mello Campos Carrilho, 1.º sargento da guarda fiscal, Castello de Vide; Duarte Caetano, espingardeiro de cavallaria 7; Antonio Gerardo Bastos dos Reis, 1.º sargento d'infanteria 15; Leandro Augusto Pires, 2.º sargento de cavallaria 3; Francisco José Agostinho, 2.º sargento, Dimas de Jesus da Silva, Augusto Seraiva Ramos, Ignacio Rocha da Silva, 1.º sargentos e Antonio Pedro da Rosa, sargento ajudante, todos d'infanteria 17, Beja; Candido Moraes Ferreira, musico, Alberto Correia d'Oliveira, 2.º sargento e Eduardo Augusto Mil-Homens, musico, todos d'infanteria 9; Raul Benjamim Roseira, 2.º sargento do D. R. 9; Adriano Aguiar Dias, capitão, Fernando Emygdio da Conceição Rego, tenente, Manoel Baptista, 1.º sargento, Filippe Cardoso Carboucos, Ignacio Nunes, Emilio José da Motta, Manoel Antonio da Cruz Vaz, 2.º sargentos, todos do Forte da Graça; Sargentos do D. R. R. 7.

Alfredo Augusto Moreira, Ulpiano da Silva Santos, Augusto Madureira, Manoel d'Oliveira, Julio Marques dos Santos e Silva, Manoel Caetano, Jesé Ribeiro da Silva, Victor Mendonça Frazão, José Diogo d'Oliveira, J. M. Marques da Cruz e Luiz do Carmo Goes, 2.º sargentos, Antonio Gomes da Cruz, Abilio Lourenço, 1.º sargentos e José da Costa Cameira, alferes d'infanteria 7; Joaquim José Marques, sargento ajudante da escola de tiro, David de Jesus, sargento d'infanteria 17, Lagos.

(Continua.)

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade.

Transcripção da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp.: Grande «José Estevam» do G.: Or.: Luz.: U.: Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa.

Minhas Senhoras
Meus CC.: RR.: e PP.: Iir.:
Muito Pod.: Ven.: Mest.: Cavour
Sap.: G.: M.: Hon.: Littré

Fez hoje 86 annos que a Maç.: se cobriu de lucto pelo assassinato official do seu prestantissimo Ir.: «Porst», ven.: da R.: Loj.: Restauração n.º 341 e Sap.: G.: M.: da Maç.: em Portugal, elevado a este cargo em 1816.

O G.: Or.: Luz.: Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa não pode nunca esquecer a morte affrontosa, tragica e iniqua dada a este benemerito da Patria, a este Portuguez patriota illustre, bravo militar Gomes Freire de Andrade, que em vida nobilitou a Nação com o seu grande valor e patriotismo, dentro e fóra do paiz, tendo também sido honrado por diversas nações estrangeiras que lhe confiaram logares de honra onde prestou relevantissimos serviços, deixando perpetuada a sua memoria e tendo recebido grandes demonstrações de apreço e reconhecimento ao inverso do que fez a Mãe-patria que só lhe serviu de madrastra da peor especie (!) pagando-lhe com ignominia, odio, inveja e com «morte na forca, decapada a cabeça e os restos reduzidos a cinza pelo fogo... para que da sua envergadura não restasse memoria ou reliquia alguma aos vindouros, pois que a mesma sentença de morte ordenou «que as suas cinzas fossem lançadas no Oceano» onde se perderam!

Como vos disse, a Nossa Aug.: Ord.: não pôde nunca esquecer esse martyr, que não soube sequer porque uma Nação que elle tanto amou e que tanto lhe devia como cidadão e como militar, lhe formou culpa calumniosa e lhe deu morte ignominiosa!

Gomes Freire nunca chegou a saber quem foram os seus verdugos e carrascos; não soube quem eram os invejosos dos seus meritos militares e civicos que lhe votaram odio e lhe urdiram o trama da conspiração de 1817! Não chegou a saber sequer quaes foram os personagens criminosos e assassinos conscientes d'esse tragico drama, que deixou o paiz horrorizado sómente depois de peccer a victima; — mas só depois!

Este acontecimento hediondo de 18 d'outubro de 1817, foi registrado com protestos clamorosos nos paizes estrangeiros onde o nome de Gomes Freire passava como o de Redemptor nos momentos mais criticos, perigosos e violentos das batalhas, e onde salvou situações, julgadas perdidas, com os seus actos de bravura e intelligencia; mas só depois de consummado o seu supplicio despertou do lethargo a alma dos portuguezes que restavam illesos da po-dridão social que rodeava o throno de D. João VI, n'um protesto nacional de revolução, em 1820.

Antes porém de ir mais longe, preciso por dever do logar que occupo, preciso por consciencia propria, traçar algumas notas biographicas de Gomes Freire de Andrade, para

que se reconheça a grandesa da sua estatura, para que se reconheça a grandesa do crime que se praticou com todas as aggravantes, e se perpetue o nome execrando dos criminosos deixando limpa e pura a memoria do Sap. G. M. do Mac. Portuguezza Gomes Freire de Andrade. Só assim fazemos justiça á sua memoria e lhe pagamos com gratidão o muito que lhe devemos porque foi Elle a aurora da liberdade portugueza no regimen monarchico.

Gomes Freire d' Andrade nasceu em Vianna d'Austria em 27 de janeiro de 1757; era filho de Ambrosio Freire d'Andrade, nosso embaixador n'aquella corte, e da Condessa de Schafgösch. Entre os seus ascendentes conta-se o Conde Trava, Bobadellas, Pereiras, Forjazes, e um homonymo, homem notavel na historia patria, distincto pela sua intelligencia e bravura militar nas guerras do Maranhão, Pará e Rio Amazonas, nascido em 19 de dezembro de 1636.

Veremos no decorrer da vida de Gomes Freire apparecer D. Miguel Pereira Forjaz, Governador da Regencia do Reino, ainda seu parente, como um dos principaes fauctores do processo instaurado contra Gomes Freire!

Gomes Freire d'Andrade assentou praça no Regimento de infantaria de Peniche, como cadete, em 1782; tinha 25 annos e n'esse anno foi promovido a alferes. Foi promovido a tenente em 1784 e tomou parte nas campanhas de 1786 1787 nas Costas da Argelia a bordo da esquadra portugueza aonde chegou a ter a patente de major.

Em 1788 partiu para Russia como voluntario, com permissão do governo, entrando nas campanhas da Besarabia, contra os turcos, sob o commando do marechal e principe Potemkin.

Em 6 de dezembro de 1788 no assalto ás trincheiras turcas de Oczakow, na Crimêa, e fortaleza de Hassan-Baxá, foi tão grande a sua bravura que Felner descreve:

«Rompem os machados as portas do forte de Hassan-Baxá, correm rios de sangue, e Gomes Freire, á frente do seu batalhão, atira-se á brecha e é dos primeiros que entram na praça, onde abatido o estandarte do crescente, faz tremular as aguias moscovitas soltas ao vento da victoria.»

Por este feito d'armas em que tão notavel se tornou, Catharina II, czarina da Russia, concedeu-lhe honrissima insigna de Cavalleiro da Ordem militar de S. Jorge.

Por Decreto de 19 de novembro de 1790 foi promovido a coronel do seu regimento.

Sob as ordens do Principe Nassan-Siegen entrou na campanha de 1790 contra a Suecia.

Nos combates terrestres e maritimos era sempre o mesmo bravo Gomes Freire: a Russia confiou-lhe o commando de uma bateria flutuante, na batalha naval de Schwenkrund em que a esquadra Russa foi desbaratada: Gomes Freire permaneceu no seu posto de honra mesmo desprotegido, até que a bateria flutuante se submergiu pela acção da artilharia inimiga. A Russia reconheceu-lhe este serviço, recebendo Gomes Freire da propria mão de Catharina II o premio de uma espada de honra.

Em 1792 fez a campanha do Reno.

Em 1793 combateu como voluntario ao lado dos Prussianos.

Quando Carlos IV de Hespanha declarou guerra á França em 27 de

Março de 1793, em virtude do tratado celebrado entre a Hespanha e Portugal tivemos que enviar uma divisão militar á Catalunha sob o commando de João Forbes Skellater que partiu do Tejo em 20 de setembro de 1793 em direcção ao Porto de Rossas onde chegou a 10 de novembro.

Fazia parte d'essa divisão auxiliar das campanhas do Roussillon o coronel Gomes Freire d'Andrade commandante do regimento de infantaria 4, composto então de 6 companhias de infantaria e 12 companhias de granadeiros.

Assim que a divisão portugueza se reuniu ás forças hespanholas sob o commando do general em chefe Conde da União, e já quando as forças hespanholas se achavam em critica situação com a impetuosidade do ataque dos francezes, que tinham em vista corta-lhes a retirada da *ponte de Ceret*, foi desde logo confiada a defeza d'esta ponte ao coronel Gomes Freire. Este era o ponto mais arriscado das linhas hespanholas, e no dia immediato á chegada das tropas portuguezas, em 26 da novembro de 1793, foi a *ponte Ceret* atacada por numerosas forças protegidas por artilharia que varria a mesma ponte com a sua metralha.

Duas vezes foi esta ponte tomada pelas forças francezas e outras tantas retomadas pelas forças sob o commando de Gomes Freire, obrigando as tropas francezas a retirar para os seus entrincheiramentos. O proprio Conde da União, na parte official que enviou ao general Ricardos, disse:

«Não esqueço a Gomes Freire de Andrade, que fazia de brigadeiro de dia no da acção, Coronel do Regimento do seu appellido, pelo bem que se comportou, subindo promptamente e com denodo ao reducto atacado.»

Tinha então Gomes Freire 36 annos de idade e já era então o seu nome conhecido e laureado por diversas grandes nações da Europa, e reputado uma gloria para Portugal.

O Visconde de Juromenha conta que os francezes fazendo então o elogio das tropas portuguezas, disseram: «que a chegada dos demonios dos portuguezes os impedia de hibernarem na Catalunha!» indo de facto acampar em Perpignan.

Em 6 de maio de 1794, já depois da *retirada de Ceret*, o exercito francez aproveitando-se da circumstancia que lhe era favoravel, marchou para Arles e depois para S. Lourenço de la Muga onde as tropas portuguezas e hespanholas se tinham reunido, a cerca de 14 mil homens, conseguindo apoderar-se de uma bateria hespanhola, da fabrica da polvora, da fundição, etc.! O General Conde da União tentou atacar o exercito francez no dia 18 do mesmo mez, nas suas posições, para o lançar fora d'ellas; logo porém que as suas forças ouviram os seus dizer: «estamos cortados por um inimigo muito superior em força», todas as tropas se puseram logo em fuga incluindo mesmo as portuguezas «com a unica excepção de duas companhias de granadeiros, commandadas por Gomes Freire de Andrade, que denodado perseguiu com ellas o inimigo, conducta que depois imitou o regimento de Olivença, tambem portuguez.»

A divisão auxiliar commandada general em chefe «João Forbes» Skellater, foi mandada retirar para Portugal, chegando ao Tejo em 11 de dezembro de 1795.

(Continua.)

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente **PURA**.
Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em GOIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferragial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc. Preços modicos.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

NOVA CASA DE BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

Mario Paes & Com.^{ta}

ARMAZENS DE

Mercearia, Farinhas, Semeas e Tregaria

Séde—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Teleg. FARINHAS—Telephone 124

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que há de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 réis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

MAUS REPUBLICANOS

A ultima investida audaz que fez sossobrar os ultimos alentos de vida do antigo regimen animou os bons republicanos e os verdadeiros patriotas independentes, sem distincção politica, a confiarem e terem fé no caminho honrado por onde se havia de conquistar uma nova Patria.

Effectivamente, passados os dias da revolução, tudo indicava que uma moralidade absoluta seria o estigma indissolúvel do caminho por onde se ia á conquista de uma regeneração de costumes politicos e economicos. E era enternecedor vêr a dedicação de uns, o sacrificio de outros, como que á porfia para manter bem alto o nome da Republica Portuguesa.

A derrota da monarchia conservava latente o odio dos seus defensores, que nada defenderam. Preparavam-se os diferentes grupos de republicanos para se conservarem alerta á mais pequena manifestação dos que ainda tivessem no arrojo de se declararem contra a Republica.

Nada então se passou, dentro do paiz, que fosse causa a desanimo por parte dos que, numa abnegação extrema, passaram noites de vigilia attentos á segurança do novo regimen.

As horas de fogo passaram. Passaram os dias da revolução e todos, mais ou menos, retomaram os seus trabalhos.

O que deixava advinhar esta conducta do povo pacifica e ordeira? O que significava a expectativa benevolente de todo o paiz? A satisfação de ter atirado longe, para sempre, o jugo que lhe opprimia o corpo e a alma, a alegria suprema da liberdade que havia sido conquistada á custa de annos de sacrificios, com o ferrete da escravidão, definhando-se hora a hora ao sabor de todos de quem o povo, simples e trabalhador, dependia.

Esta foi a primeira phase de observação do povo portuguez, sempre soffredor e silencioso; — tendo conseguido com o seu es-

forço a implantação da Republica que lhe disseram ser o unico meio de salvação para todos, depositou a sua maior confiança nos que lhe fallaram ao coração, nos comicios e nos clubs, e esperou que todos seguissem o seu salutar exemplo.

Triste illusão! Emquanto elle admite a probabilidade maxima de que lhe melhorem as condições em que vive, ha uma alluvia de pretendentes que são historicos e heroes a um tempo, que querem empregos e que se mostram insatisfeitos com a esperança de serem attendidos mais tarde, quando o governo tiver resolvido questões urgentes e de interesse geral para o paiz.

Bem ou mal, justa ou injustamente, foram arrumadas centenas de individuos dos quaes muitos, talvez a maior parte, nem eram heroes, nem republicanos, nem nada!

Este facto, bem triste e anti-patriotico, inicia uma corrente de desanimo nos bons republicanos que sabem que a Republica não se fez para empregar gente, antes se proclamou para supprimir o que se sabia ser desnecessario.

Muitos republicanos perdem a auctoridade de consciencia que deixam fallecer a troco de recompensas e empregos. Só a independencia pôde fortalecer as consciencias.

O povo continua impassivel á espera da sua vez. Os ministerios regorgitam de pedintes, desde que abrem as suas portas de manhã até que os ministros sahem, momento em que são embargados para decidirem da sorte dos que teem de voltar novamente.

Emquanto isto succede, alguns republicanos de nome, em quem a Republica confia a sua estabilidade, veem aos jornaes abrir polemicas irritantes e censurar acremente os que não souberam ou não se lembraram de nascer republicanos e que agora teem a confiança da Republica.

Mau exemplo este de procurar ainda se A ou B veiu da monarchia. A Republica fez-se para todos os portuguezes que a amem com patriotismo e que, portanto, não a atraíçem.

Se desprezarmos os que só agora estão crentes de que a Republica era necessaria, o mesmo é que dividirmos os portuguezes e acirrar entre elles de um modo desgraçado, um odio que nunca deve existir entre individuos da mesma nação. Naturalmente, esta divisão, produz no paiz um atrazo sensível nas questões politicas e financeiras.

Felizmente, não tem procedido assim o actual governo, que não teve relutancia em aceitar a boa collaboração dos sinceros e dos que foram sempre honrados. Outro tanto não pensam alguns republicanos que apparentam ter a republica na barriga e a rodada na cabeça...

Não sejamos barbaros nem injustos, para sermos os fieis interpretes da divisa da Patria. A benevolencia tem limites, é certo, mas pôde ser distribuida sem desaire para a Republica, nem prejuizo para os que effectivamente tiveram um papel importante na sua implantação.

E quanto aos desavindos, deixae ao menos que a união do partido republicano se mantenha inalteravel e forte emquanto o povo não trilhar outra vida que não seja a de miseria que lhe legou a extincta monarchia e por onde ainda hoje moireja.

Ajudem todos a satisfazer um pouco os compromissos tomados e depois dividam-se—mas só depois.

São maus republicanos os que não procederem d'este modo.

B. S. FERNANDES.

Foi promovido a 1.º sargento para infantaria n.º 7, o nosso collega de infantaria 23, Raphael Gamas, pelo que o felicitamos com um abraço.

Sob o commando do sr. tenente Marques, seguiu para Mira uma força d'infantaria 23, e sob o commando do sr. alferes Balthazar Brites, seguiu uma outra para Poiars.

CONCESSÃO DA ESPADA

Haja os motivos que houver, seja pelas alterações á tactica, diferente a missão do 1.º sargento, o que é facto é que lastimamos que a espada não fosse tambem concedida aos 2.ºs sargentos, que como nós vinham de ha muito defendendo o ideal da democracia, soffrendo por ella toda a qualidade de perseguições, jogando e perdendo muitas vezes o futuro.

1.º e 2.º sargentos ha muitos annos que marcham a par no goso das poucas regalias que nos eram concedidas, e entre nós ha e houve sempre a mais cordeal amizade e a mais franca camaradagem.

O 1.º sargento era o guia do 2.º sargento novo, tinha mais do que elle uma divisa, mais uns trezentos réis, mas vivia na mesma esphera de acção, e essa egualdade de circumstancias, fazia com que elles fossem sinceros amigos e dedicados companheiros, o que tornava a sua cooperação um poderoso elemento.

A missão do 1.º e 2.º sargento, é na tactica presentemente a mesma.

Mas deem-se as circumstancias que se derem, façam-se as alterações que se fizerem, o que o 2.º sargento ha de forçosamente ser sempre, é um auxiliar do official commandante do seu pelotão, ha de ser o commandante da sua secção, ha de conseguir-lhe vigiar e regular a disciplina dos fogos, e nunca, mas nunca fazer uso da arma, que só servirá para o embaraçar, para o encomodar em tão serias circumstancias.

Isto é que é uma verdade, tudo o mais é querer fazer do torto direito e do direito torto.

A propria espada é um objecto de luxo, completamente dispensavel em campanha, porque embaraça, para nada serve e ainda porque dá a conhecer ao inimigo a situação do graduado, que elle passa principalmente a visar com manifesto prejuizo das forças que uso façam de tal artigo, que em breve ficarão sem direcção e commando.

Não pensem que isto é uma phantasia de quem advoga uma causa, sob todos os principios justa.

Perguntemos a Alves Roçadas, a Eduardo Marques e João d'Almeida, para que serve a espada em campanha, e elles confirmarão a nossa affirmativa.

No Gungunhana, no Molundo, no Cuamato e nos Dembos, foi permitido ao official levar ou não espada.

Escusado será dizer que ninguém a levou, pois para nada servia senão para embaraçar como já dissémos.

Torna-se, pois a espada, unica e exclusivamente um objecto de luxo, um ornamento para passeio e exer-

ciosos em tempo de paz, que sem prejudicar a disciplina e a esthetica das forças em exercicio póde e deve ser dada aos 2.^{os} sargentos como um acto de justiça, como recompensa dos seus grandes serviços á causa democratica.

Em tempo de guerra, a espada deve ser banida.

A arma do official e do sargento deve ser uma pistolla, que o não embarace, que pouco pese, porque mesmo d'essa pouco ou nenhuma vez terá de fazer uso.

Appellamos para s. ex.^a o Ministro da Guerra, para que continue mantendo em egualdade de circumstancias a classe dos sargentos, porque elles ao appellarem para s. ex.^a, ao endereçarem-lhe os seus pedidos, nunca, mas nunca, pediram mais para os 1.^{os} sargentos do que para os 2.^{os}, pois que a sua missão é, e ha de ser sempre quasi a mesma, porque d'essa egualdade de regalias depende a união d'esta classe, que a torna um elemento poderoso e de valor no exercito.

Confusão ou ingratião?!!

Julguei que a divisa da Republica se prestava a uma só interpretação e vejo, com grande pesar meu, que cada um lhe dá sua, segundo a cartilha por onde lê.

Liberdade, egualdade e fraternidade! Eis a divisa da Republica! Bella sem duvida, para servir de diadema a essa creança robusta gerada pelo sangue portuguez em 4 e 5 d'Outubro, se não lhe alterassem a sua verdadeira significação.

Liberdade — julgava eu que era aquella palavra que dava ao cidadão direito de fazer ou não fazer alguma coisa, sem que sobre a sua vontade imperasse a de outro, e afinal apparece-me agora como capricho lendario da imaginação de privilegiados?!

Egualdade — julguei que fosse congenere com o que é justo, equitativo ou uniforme e mostram-m'a os actos de esclarecidas intelligencias, com significação diversa, embora chimerica?!

Fraternidade — suppunha que fosse uma coisa harmonica e connexa de que todos podessemos compartilhar, como prazeres, desgostos, etc., entre classes, e... triste illusão!... também não acertei!!

Ora, como o saber não occupa lugar e ainda porque não é licito censurar aquelles que desejam illustrar-se, venho rogar aos meus collegas a fineza de me dizerem se quando pegaram em armas para expulsar um Rei que nos vexava e rehabilitar um Povo escravizado, deram á divisa da Republica as significações que venho de apontar ou se foram outras que pelo meu apedeutismo não me seja facil descobrir.

Desculpem meus prezados collegas, em lhes fazer esta pergunta, filha unicamente da boa vontade de bem servir a Republica,

feita pelos filhos do povo e para o povo.

Tenho consultado varios livros sobre a significação das palavras que constituem a divisa da Republica e como em nenhum ainda as encontrei juntas, levame a crêr que da junção simultanea das mesmas resultou um amalgamado de synonymos que lhes alteraram a sua verdadeira significação!

Admitto este absurdo, por isso que, em contradicção com o que eu penso ácerca de Liberdade, está a maneira de pensar do ex.^{mo} ministro da guerra, pois prohibiu que os sargentos se reunissem; em contradicção com a minha maneira de ver ácerca de Egualdade está a maneira de ver do mesmo ex.^{mo} senhor como o prova a ultima ordem do exercito, na determinação relativa a armamento e equipamento para 1.^{os} sargentos, ficando pela mesma determinação prejudicada a significação que eu dava á palavra Fraternidade, por isso que, sendo todos nós sargentos, não podemos conviver irmãmente, havendo tal distincção entre 1.^{os} e segundos, attentatoria da boa harmonia que deve haver entre elementos da mesma classe.

Que lhes parece? Será o amalgamado dos synonymos, a confusão, ou a ingratião para com a... significação das palavras! Covilhã, 9-8-911.

JOSÉ MARIA BOLÉO CESARIO,
2.^o sargento d'infanteria 21.

ACLARANDO

Ao meu caro collega Amandio da Luz
R. de Barros, 2.^o sargento do regimento
n.^o 8 de infantaria

Como o collega, não tenho o prazer de o conhecer, mas em face do artigo pelo collega escripto, vou dizer-lhe o que sinto sobre a situação topographica com que a natureza dotou a sua terra natal.

Não me resta duvida absolutamente nenhuma de que é ella uma terra formosa!

Quanto é lindo olhar para as asperas serras que a rodeiam e entre ellas a da Cabreira; é vêr as suas asperas encostas, cultivadas até ao maximo que se podem cultivar!

Aqui, além, uma casa antiga e rude, uma casa de lavoura!

A' noite ouvir o chiar dos carros que regressando ás habitações (antes de chegar a Vieira, porque aqui é o proprietario multado se o carro chiar!) veem atravessando os velhos e perigosos caminhos, ainda alguns romanos, cheios de pedras, e sucucos enormes, quasi que intransitaveis; mas o lavrador tudo domina conduzindo com geito o seu gado, e a esposa e a filha, a formosa, a sympathica e seductora... mulher do Minho, amparando o carro, e de quando em quando cantando ao gado!...

São lindos os seus rios e valles atravez dos quaes correm com todo o seu rugido as potaveis aguas de que esta região é possuidora, e, é até

pena, que se não aproveitem as muitas levadas que existem, pois que ellas reunidas são sufficientes para desenvolver uma grande força motriz, que muito bem poderia ser applicada na industria.

Os cumes dos seus montes são verdadeiros pontos estrategicos, do cimo dos quaes se destruiriam por completo todos os Paivantes (D. Paiva e adeptos), sendo para isso sufficiente fazer rolar sobre as encostas até despenharem-se no leito dos rios e valles a enorme sementeira de pedras de que todos os montes são dotados!

Mas acima de tudo é saudavel, respira-se um ar puro, livre de microbios que affectem os pulmões; os seus campos são livres de poeiras que ataquem as narinas e affectem a garganta.

E' certo que nao ha microbios que affectem os pulmões, mas existem alguns peores do que estes, que affectem o cerebro, ontre elles o jesuita e o cacique!

O jesuita com todas as suas garas perigosas, e que debaixo do manto protector, a religião, vae seduzindo, levantando boatos, e comettendo toda a casta de tropelias, deitando os principaes homens da Republica, perante aquelles por quem consegue ser ouvido, de rastos como a cobra!...

E' tal que algumas mulheres já teem adoecido com a monomania religiosa!

Resta o cacique, esse ataca e defende a religião, é thalassa e é republicano, emfim anda ao sabor das ondas, não sabe verdadeiramente o que quer, mas gosta de mostrar que é valente, apresentando muitas vezes nas romarias alguns caceteiros, afim de com elles (que elle só nada faz) promover a desordem, cousa muito vulgar nas romarias do Minho.

Ganha a victoria fica o cacique que conseguiu levar um grupo de homens munidos dos seus varapaus, muitas vezes incapazes de fazer mal a uma mosca, mas que, com mil promessas elle os consegue metter na sarrafusca, pondo-se de longe, rindo-se se ganha e arreganhando o dente, qual leão, se perde.

Mas a luz, espalhal-a n'este povo tão trabalhador, é cousa que se não faz!...

Posto isto, nós os pequenos, que á frente de todos os movimentos sociologicos temos andado e andaremos, cumpre-nos fazer a maior propaganda possivel em prol da verdade, da justiça e do progresso, nunca mostrando, porém, com furia a nossa pouca vista na terra dos cegos, mas seguindo o antigo ditado: de vagar se vae ao longe.

Defender sempre estas nossas terras do velho Portugal, berço de heroes, e atacar quem desacredite a nossa Patria, é um dever de que todos nos devemos compenetrar.

E hoje, que a redemptora Aurora de 5 de Outubro, nos permittiu sahirmos um pouco da oppressão em que viviamos, não se deve recuar perante as doutrinas que o jesuita e o cacique apregoam, mas simplesmente fazer-lhe o mesmo que nos faziam, antes de implantada a Republica.

Vieira do Minho, 9 VIII-1911.

JOÃO ANTONIO DA VELHA,
2.^o sargento d'engenharia.

Esteve entre nós o nosso amigo e assignante Antonio Maria de Mattos, proprietario da Varzea de Goes.

CURIOSO

Affirma *The Morning Leader* que Paiva Couceiro escreveu ao Papa, pedindo a protecção pontificia para a sua empresa, promettendo restabelecer em Portugal todas as ordens e congregações religiosas.

Affirma o mesmo jornal londrino que Merry del Val prometteu auxiliá-lo, e pediu dados exactos sobre as forças monarchicas.

Aqui temos um capitão d'artilhado seculo XX a quem cega ambição ou servil obediencia transplantaram para a idade media.

Era nesse tempo que qualquer aventureiro, sobornando os seus vassallos entrava á mão armada numa região, reduzindo á escravatura os habitantes vencidos.

Como elles, o retrogrado Couceiro, internou se num paiz estrangeiro, arrebanha creaturas vendidas por dinheiro e prepara-se para uma invasão.

Ainda mais! Para com auctoridade de poder fallar aos seus vendidos, do direito divino, pede a benção da Santa Sé e promette á eterna avareza do Vaticano o senso valioso do restabelecimento das ordens e congregações religiosas em Portugal!

Realmente faltava este facto para bem se avaliar Paiva Couceiro.

Conhecia-se o militar traidor com a solidariedade dos maus elementos da nossa terra.

Mas para em tudo se descobrir o jesuita que o guia, appareceu a missiva ao Santo Padre.

Em 1246 também Affonso de Borgonha com o auxilio do clero e do Vaticano usurpou em Portugal o throno a seu irmão.

D. Affonso também prometteu mundos e fundos á Santa Sé e os raios da excommunhão deram-lhe o throno. Mas já lá vão oito seculos.

Nessa epoca talvez Couceiro obtivesse resultado, mas depois que Garibaldi fustigou como Jesus os actuaes vendilhões do Templo, o povo que jazia nas trevas viu a luz, segundo o Evangelho. E essa luz mostrou-lhe o Vaticano avarento e pôdre, abarrotando d'ouro quando Jesus foi um operario que expirou sem nada nos braços d'uma cruz.

O Povo revoltou-se contra o rei dos reis o senhor dos senhores, o falso Deus da tuna, quando Jesus nunca tomou para si o titulo sequer de mestre; e entrou sorrindo na descrença do Vaticano ao baquear do throno do poder temporal do Papa.

E se elle não teve forças para se restabelecer nos seus estados, como poderá te-la para restabelecer ou ajudar os outros?

Se Couceiro não tem outra ajuda pode desistir da empresa.

CARLOS VICTOR.

A caminho de Lisboa e regressando de Loanda, vem o nosso amigo e assignante José Augusto Monteiro, alferes de infantaria.

E' um poeta distincto, tendo sido um assiduo collaborador da secção *Perolas Soltas*, do jornal *A Reforma*, que se publica em Loanda.

Quando 1.^o sargento de infantaria 23, collaborou em diversos jornaes de Coimbra, e na revista *A Sirius*, que se publicava em Vizeu.

Publicou, entre outros, um livro de versos a que deu o titulo de *Carta aos Poetas*.

Era um verdadeiro admirador de Thomaz da Fonseca.

Cá o esperamos para lhe dar o abraço de boas vindas.

Vida na Morte e Morte na Vida

Mais célere que a luz, meu pensamento.
O espaço trespassando é sempre teu.
Ingrata és, se imaginas que morreu,
Cá longe a tua lembrança que acalentou.

O' meu amor, se assim é, quanto lamento,
Esse temor, que na alma te nasceu,
Quero que saibas, que no peito meu,
Para ti amor, só tem cabimento.

E d'este amor, diroso, morreria
Se d'elle a doce ardencia, me incendiasses,
Que morrendo, julgava que vivia,

E vivendo, pedia, que me matasse,
Que d'este amor, morrendo, viver quera;
Se para a morte o ceu me desse passe.

Maíra, 1905.

CORREIA D'ALMEIDA

«A Sentinella»

Com este titulo recebemos a visita d'um nosso collega que se publica em Cantanhede.

Apresenta se artisticamente collaborado, pelo que lhe agouramos um futuro todo cheio de prosperidades.

Agradecemos a honra da visita e gostosamente vamos permutar.

NOTAS DE LONGE

Historia moderna

Foi a 8 de Outubro de 1910.

A laconica noticia da queda da monarchia odiada, puzera em desusado alvoroto a meia duzia d'europeus que residem no posto. N'esse dia memoravel não se trabalhou mais. Houve batuques e descantes; um gramophone cortou os ares com os seus accordes melodiosos. A tarde, a boa nova festejou-se com um opiparo banquete. E ao *dessert* foram ruidosamente aclamados os vultos que mais se sacrificaram pela regeneração do Paiz.

Foi n'esta altura, que, alguém para quem o triumpho da ideia democratica consubstanciava a salvação do seu Portugal querido, alvitrou que se manufacturasse uma bandeira, de modo que fosse Nampula, uma das mais longinquas estações militares do districto de Moçambique, a primeira a vêr tremular no seu mastro arrogante o pavilhão bemdito da Patria.

— Mãos á obra! — adduziu o capitão Neutel, cuja alegria immensa tocava quasi as raias do delirio!

N'um abrir e fechar d'olhos, se fez uma bandeira verde e vermelha, para o que se aproveitaram uns retalhos de flanela, que um vago sentimento, como que uma especie de presciencia, nos fizera occultar cuidadosamente em seguida a uma ligeira festa realisada no mez de Agosto.

E no dia immediato, no meio de uma commoção indizível, e ante a continencia respeitosa d'uma centena de soldados negros, recebeu ella o beijo carinhoso do sol quente dos tropicos.

Decorridos alguns dias depois do faustoso acontecimento, um breve

telegramma veio dizer-nos que a côr da bandeira era vermelha.

Este facto surpreendeu uns, e deixou outros na maior indecisão.

— Que fazer, pois? Modifica-la? Resolveu-se esperar um pouco, no que se andou acertadamente.

Com effeito, a 13, chegava uma outra informação, emanada do Governo Geral: — «bandeira do novo regimen, dois pannos encarnados junto á tralha, e o outro verde.»

Isto, porém, desorientou nos um tanto. Pois quê? Se a Revolução venceu sob os auspícios do lábaro verde e vermelho, que motivos ponderosos concorreriam para que as côres fossem invertidas, extinguindo-se quasi uma pelo accrescimento enorme da outra?

— Talvez se queira assim insinuar que o movimento glorioso triumphou, mercê de muito sangue generoso, derramado — adeantou timidamente um cabo que se aproximára do ajuntamento onde acaloradamente se dissertava sobre a situação dos coloridos.

E' que lhe constára pelo *Lourenço Marques Guardian*, que o numero de victimas ascendia a alguns milhares e que os feridos não tinham conto...

Muito bem. Fez-se a alteração devida. E, com o mesmo jubilo, com o entusiasmo de sempre, nós passámos a ver fluctuar altivo, ao sabor da brisa meiga do Oriente, o pavilhão reformado.

Ainda não refeitos do abalo da ultima variação, um novo despacho vem annunciar-nos que o symbolo adoptado é, afinal, verde encarnado, e em partes eguaes.

Não ha duvida — dissémos nós — d'esta vez é que a pobresita socega. Mas qual. O tempo que tudo destroe, depressa nos arrancou a esse «doce engano d'alma». A bandeira já não era como se tenha dito; agora mastrava-se mais luxuosa e divergia no tamanho dos pannos; dois quartos verdes e tres encarnados, com a esphera armilar e o escudo do rei «Venturoso» na linha de separação.

Para abreviar: a 10 de Janeiro, isto é, noventa e oito dias após a proclamação da Republica, appareceu o mais recente, e não sabemos se derradeiro, esclarecimento sobre a constituição da insignia nacional: tres quintos verdes e dois vermelhos, esphera e escudo!

Eis a traços largos um caso verdadeiro, que muito boa gente julgára, certamente, uma *blague* de mau gosto.

Moçambique, 1911.

MARTE.

No dia 9 do corrente falleceu na casa da sua residencia o nosso camarada, do D. R. R. 23, 2.º sargento Fernando da Fonseca Mesquita e Solla, deixando esposa e filhos na mais completa necessidade.

Cartas d'além mar

EMFIM

Ainda bem que um punhado de illustrados camaradas levou avante a missão espinhosa da fundação d'um jornal, genuinamente nosso; ainda bem, repito, e oxalá que todos os camaradas, todos, tenham a comprehensão nitida da força moral que representa e se convirjam em seu redor, auxiliando-o em tudo, pondo de parte rivalidades, para só pensarem no bem commum e na divisa que o encima: *Pela Patria e Pela Republica*.

Timor, 25-5-911.

Agostinho Leonardo Rodrigues
2.º sargento d'artilheria

PLACARD

Tencionando mandar imprimir, no próximo mez de Setembro, as cintas para a *Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas verdadeiras moradas, para assim podermos organizar um trabalho tão necessario.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Recebemos e muito agradecemos, a importancia da assignatura por um anno, dos srs. Joaquim Manuel Cortez, 1.º sargento, Antonio Rodrigues Rego, Gaudencio da Conceição, Francisco Gonçalves Vianna, José Teixeira, 2.º sargentos, todos de Macau; e de um semestre, dos srs. Alfredo Lourenço de Figueiredo, Antonio das Dores Marques e Ernesto Julio da Graça Gonçalves, 2.º sargentos, todos de Macau; Joaquim Francisco Themudo, 1.º sargento da guarda fiscal e Virgínio Augusto Lopes, 2.º sargento tambem da guarda fiscal, Arronches; Julio Thomaz, 1.º sargento, Antonio Ramos da Cunha, Pedro Alexandrino Mesquita Spranger, Diogo Maria Ferreira Junior, 2.º sargentos todos do Moxico; Antonio Torres Fernandes, 1.º sargento, José de Macedo Junior, Firmino Antão e Justiniano João Pedro Martins, 2.º sargentos, todos do Humber; Mannel Ferreira dos Santos Junior, selleiro-correio da guarda republicana do Porto; Lino Augusto, 2.º sargento reformado, Bragança; Manuel Teixeira, 2.º sargento reformado, Porto e dr. José Maria Nunes Leitão, Porto.

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

(CONTINUAÇÃO)

Alem das distincções que em geral foram concedidas aos officiaes e ás tropas sobreviventes mencionadas nos Decretos de 17 de dezembro de 1795 assignados com agrado pelo Principe Regente D. João VI, um determina que: «ao regimento de Gomes Freire se entregue *nova bandeira*, com a inscripção: — AO VALOR DO REGIMENTO DE GOMES FREIRE DE ANDRADE» sendo n'essa data Gomes Freire graduado em «Marechal de Campo» passando a ter o posto definitivamente em 20 de setembro de 1796.

Gomes Freire foi «quartel mestre general» do Marquez de la Rosière, commandante das forças ao norte do Douro. Foi promovido a tenente general e commandante de uma divisão ao sul do Tejo quando o Principe Regente D. João VI adheriu á *causa continental* (!) em 1808; mas logo que Junot entrou em Portugal para dirigir os seus destinos (!)... Gomes Freire recebeu ordem de Junot para marchar para a França como 2.º commandante da «*Legião Portuguesa*» composta das melhores tropas portuguezas; levando Gomes Freire no seu estado maior, como ajudantes de ordens, o Visconde d'Asseca e o major de engenharia Marino Miguel Franzini, que mais tarde, em 1847, foi ministro dos negocios da fazenda em Portugal.

«Clarke», n'um relatorio dirigido ao seu governo, expressava-se, com respeito a Gomes Freire, d'esta forma, pedindo para *Elle*, n'esse notavel periodo militar, a Legião de Honra: «O general Gomes Freire, é o mais firme e o mais habil dos generaes portuguezes e aquelle cuja bravura e talentos são mais notaveis. Devemos ligal-o a nós. Despresa-lo, seria talvez perigoso!»

E n'esse documento mostrava a inconveniencia de existirem dois commandantes na Legião portugueza, do que resultou ficar Gomes Freire Commandante em Chefe d'esta Legião desde 1810.

Chamado mais tarde a Moscow, em fins de 1812, encontrou já em retirada o exercito francez e com elle retirou, chegando a Francfort em março de 1813.

Assistiu com Napoleão á batalha de Lutzen sendo nomeado Governador de Jena, e a 2 de Julho foi-lhe conferido o commando Superior de Dresde. Tal era o apreço em que Napoleão tinha a Gomes Freire de Andrade!... Quando Napoleão capitulou, Gomes Freire foi prisioneiro com todo o exercito do Marchal St. Cyr, partindo para a Hungria.

Gomes Freire d'Andrade regressou á Patria em 26 de maio de 1815, 7 annos depois de ser compellido a deixal-a por ordem de Junot, tinha então 58 annos de idade, apresentando-se ao Quartel general da Provincia da Extremadura que o considerou sem responsabilidade nos actos da invasão franceza em Portugal, mandando-lhe o governo abonar todos os seus soldos e *reintegral-o nos seus direitos militares* pelo aviso de 8 de junho de 1815.

Gomes Freire passou a viver desde então e por muitos mezes fóra de Lisboa, em casa de seu primo Conde de Bobadella.

(Continua).

PENSIONATO ACADEMICO

SITUADO NO APRASIVEL, SAUDAVEL E HYGIENICO BAIRRO

DO

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de COIMBRA, n'um edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, o mais antigo e acreditado Collegio que recebe ALUMNOS EXTERNOS

Direcção e administração a cargo de *José d'Albuquerque*

OFFICIAL DO EXERCITO

TRATAMENTO EM FAMILIA

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Não ter mais de 18 annos. — Ser saudavel e não soffrer de molestia alguma. — Pagar no acto da matricula a verba d'alojamento e todos os mezes até ao dia 3 a da alimentação.

Apresentar para o seu uso, os seguintes artigos: Cama de ferro, de 1,70x0,75, com enxergão e colchão de palha de milho, travesseiro e almofada.

Lavatorio completo. — Mesa de cabeceira, com bacia de cama esmaltada.

Mesa de 0,85x0,45 com gaveta e chave, uma cadeira, um candieiro de petroleo com bocal de 8' um tinteiro, um cabide, uma estante de parede com duas prateleiras de 0,65, uma garrafa de barro para agua e um copo de vidro.

Um corbeter d'algodão, dois de lã, seis lençoes, quatro fronhas para travesseiro, quatro para almofada, dois lençoes de banho, seis toalhas de rosto, seis toalhas para pés, duas colchas, oito guardanapos, uma sacca para roupa a um par de calçado de trazer por casa.

Escovas para fato, cabelo e den-

tes, um copo esmaltado, dois pentes sendo um de alizar outro fino, uma thesoura d'unhas, uma argola para guardanapo. Todos estes artigos devem ser marcados com as iniciaes do pensionista e numero de matricula no pensionato.

Alimentação — 13\$300 réis mensaes

Almoço — Sopa e um prato ou dois pratos, chá e torradas.

Lunche — Pão com fructa ou queijo ou com doce.

Jantar — Sopa, dois pratos, vinho e sobremeza. — Doce ás quintas e domingos.

Ceia — Chá e torradas.

ALOJAMENTO — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto, conforme a sua capacidade e tamanho. — Preço do alojamento, 25\$000 réis.

Esta importancia só é restituída por falta de cumprimento d'esta proposta.

ESTUDO — E' vigiado durante a sua duração.

O pensionato possui dois explicadores com longa pratica - PREÇOS MODICOS CONVENCIONAES

BANHOS DE ASPERSÃO E IMMERSÃO

DIAS DE FERIADO — Passeios, visitas e excursões educativas

OBSERVAÇÕES

1.^a — Não é permittida a saída do pensionista sósinho, a não ser para as aulas salvo com prévia autorização das familias.

2.^a — O pensionato possui um magnifico jardim para recreio dos pensionistas.

3.^a — Quando o tempo o permitta, haverá passeio em seguida ao jantar, sendo os pensionistas devidamente acompanhados, e tendo n'essa occasião logar varios jogos educativos.

4.^a — O pensionato informará mensalmente a familia da conducta do pensionista.

5.^a — O pensionato será indemnizado de quaesquer prejuizos feitos intencionalmente ou por descuido dos pensionistas. — O director não responde pelo extravio dos objectos que não tenham sido confiados á sua guarda, o que muito recommenda.

6.^a — Os pensionistas que completarem 18 annos no pensionato, e que queiram continuar no mesmo, podem fazel-o, se o seu comportamento anterior a isso se não oppozer.

7.^a — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das

verbas de alojamento e alimentação já pagas. N'este caso a familia é sempre avisada e informada do que originou tal deliberação, que se torna effectiva no acto da familia se apresentar a receber o pensionista.

8.^a — O pensionato fornece livros, papel, lapis, canetas, etc., pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

9.^a — Alimentação especial e tratamento por doenças são pagas á parte.

10.^a — O pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento da roupa dos pensionistas por 1\$000 ou 1\$500 réis mensaes, conforme a roupa de gomma que usar.

11.^a — Na verba de alimentação está incluída a luz e banho.

12.^a — O pensionato encarrega-se, gratuitamente, da matricula dos seus pensionistas uma vez que lhe seja enviada a verba d'alojamento e a importancia da matricula.

Os pensionistas que as familias, não queiram que vão a ferias podem ficar no pensionato, o qual se conserva aberto todo o anno.

Recebem-se desde já propostas, dirigil-as a **JOSÉ D'ALBUQUERQUE**
Calçada de Santa Isabel — SANTA CLARA — COIMBRA

Roga-se ás pessoas que este annuncio lerem a alta fineza de o transmittirem a outras das suas relações a quem a sua leitura possa interessar.

AGUA DE PIZÕES - MOURA

OC

A melhor de todas as aguas

OC

Apreciada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente **PURA**.
Para uso diario e constante. Refrigerante inequalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.
Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre
Na casa *Gaitto & Cannas*

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.
Preços modicos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$300 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

NOVA CASA DE BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nationaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

CONCESSÃO DA ESPADA

Todas as razões apresentadas até hoje da não concessão da espada aos 2.º sargentos, não são de molde a convencer ninguém, razão porque elles justificadamente continuam deveras magoados e desgostosos.

Tentar convencer que são as trez mil espingardas que em combate fazem falta, a quem não tem, não teve, não pode e nem deve ter a obrigação de fazer fogo, pois lhe cumpre o commando da sua secção, a correcção das alças, o vigiar e assegurar a disciplina dos fogos, tarefa sempre difficil para evitar o consumo superfluo de munições, a quem cumpre animar e incitar os seus subordinados, e ver o que se passa alem da linha de fogo para frisar os objectivos a visar, é não querer dar rasão a quem a tem, é não querer attender aquelles que mais se sacrificaram pela democracia, os verdadeiros apóstolos da caserna, emfim, d'esse bello ideal, é não dar o que muitas vezes nos tempos idos e já depois de 5 d'Outubro, lhe fizeram acalentar a esperança de lhes ser concedido.

Não é preciso lançar em rosto o que se fez á classe dos sargentos, porque o que se lhe fez, não foi uma esmola, foi um dever, foi uma recompensa da perseguição infamissima, dos vexames que essa classe, como nenhuma outra, vinha soffrendo desde 31 de Janeiro de 1891.

E' facto que alguma coisa se lhe concedeu.

Mas não só de pão vive o homem, e é nesta ordem de ideias que os 2.º sargentos, rapazes cheios de vida, de brio e degnidade se offendem com a não concessão da espada.

Affirmar que d'essa concessão resultaria o augmento d'um carro de companhia, é não ter previamente calculado o pezo que supporta uma viatura de duas rodas, é não ter visto o pezo da roupa de seis 2.º sargentos, porque de contrario vêr-se-hia que esse pezo cabe perfeitamente no

carro de companhia já existente, sem exceder ou attingir o porte do citado carro.

Esse pezo seria quasi nullo, distribuindo a cada sargento, um sacco de viagem d'um tecido impremiavel com a capacidade aproximada á da mochila.

Os dois motivos apresentados caiem pela base, não teem rasão de subsistir ante o que acabamos de demonstrar.

As vantagens resultantes de tal concessão são innumeradas:

Não fomentava a desunião entre 1.º e 2.º sargentos, que muito ha-de prejudicar o regular andamento do serviço e o bom nome d'essa classe.

Estimulava, fazia augmentar o amor pela vida militar, e essa pequena concessão chamava ao exercito grande numero de rapazes que tendo uma certa cultura intellectual, viriam procurar na carreira pratica das armas um futuro, tendo a certeza que dentro d'um praso relativamente curto, teriam uma posição modesta, mas sob todos os pontos de vista honrosa.

Porque se é facto que a mochila e a espingarda não humilham, são pelo menos muito commodas e se tornam ante a sua inutilidade para o sargento, que ha muito vê que tal armamento e equipamento lhe está distribuido, no intuito unico de o deprimir, ante os seus subordinados.

A concessão da espada, iria tornar bem distincta a classe dos sargentos da dos cabos e soldados, com manifesta vantagem para a disciplina, pois da parte d'estes haveria mais respeito e acatamento voluntario e natural.

O sargento ficaria mais liberto, menos opprimido e em combate estaria menos fatigado, e portanto em melhores condições para o desempenho dos diversos serviços de que pode ser encarregado.

Muitas outras vantagens existem que deixamos de citar por

o espaço de que dispomos a isso se oppôr.

Adoramos a disciplina, pois sem ella o exercito não se manteria, mas dentro d'ella e cingidos á lei, vimos pedir e não reclamar ante S. Ex.º o Sr. Ministro da Guerra para que torne extensiva aos 2.º sargentos a concessão da espada.

MEMORIAL

Ao sr. Ministro das Colonias foi enviado o seguinte memorial:

Ex.º Sr. Ministro das Colonias

Nos jornaes da metropole, veem indicadas as bases em que, —segundo a opinião dos membros da commissão respectiva — deve assentar a futura reorganização dos serviços militares das colonias portuguezas.

Ora o signatario conscio de que emprega, dia a dia, todos os esforços tendentes a augmentar a sua instrução professional e de que, como militar e como portuguez, pôde dentro das suas forças concorrer para o bem das instituições militares da sua patria vem por esta forma procurar pugnar por direitos que julga ter e que desejaria vêr respeitados pelas leis que possam vir a attingil-o.

N'esta conformidade, Senhor Ministro, não vendo nas citadas bases qualquer referencia denotando que seja, no futuro, garantido o accesso ao posto de official aos actuaes 1.º sargentos nas condições do signatario, — que é 1.º sargento promovido para a guarnição da India em setembro de 1906, e que portanto pela lei actual (decreto de 14 de novembro de 1901) tem direito á promoção para o quadro privativo das forças ultramarinas, que a commissão pretende seja extinto, e como nas bases da organização a fazer-se garante aos actuaes officiaes do quadro privativo o ingresso no futuro quadro colonial, mediante provas de aptidão, julga sêr de inteira justiça que lhe seja tambem permittido a entrada n'esse quadro (o colonial) desde que seja submettido ás mesmas provas que forem exigidas aos officiaes do quadro privativo em que o signatario viria a ter ingresso se não for extinto

Mas como poderia dar-se que durante o praso que lhe fôr facultado para prestar essas provas, fossem preenchidas por officiaes dos varios quadros do Ultramar e por outros

do exercito metropolitano, as vacaturas que de futuro vierem a existir no quadro colonial, e n'estas condições, difficil, ou mesmo impossivel, seria ao exponente alcançar a promoção.

Attendendo a que em todos os diplomas, em casos analogos, se garantiu aos 1.º sargentos (na occasião existente) o accesso ao primeiro posto de official como se pôde verificar até nos mais recentes (decretos de 4 de agosto de 1898 e 14 de novembro de 1901) e como meio mais pratico de ser attingido tão justo desideratum affigura-se ao esponente sêr necessario que na futura lei se introduza uma disposição da character transitorio, pela qual se reserve aos actuaes 1.º sargentos promovidos nas colonias, uma certa percentagem no numero de vacaturas de official subalterno que venham a dar-se no quadro geral, pelo menos emquanto existirem sargentos que satisfaçam ás condições de promoção que forem estabelecidas e a que atraz se fez referencia.

Finalmente, cumpre o signatario um dever de consciencia não terminar este memorial sem affirmar a Vossa Excellencia, por uma forma cathorica, que tudo o leva crêr que, independentemente d'esta exposição, lhe será feita justiça completa pelo Governo da Republica, visto ser um Governo de equidade; pelo Governo da Republica, que, (como ha pouco affirmou o seu sabio Presidente) não reconhece « nenhum privilegio de localidade de nascimento, de pessoa ou de familia »; por consequencia, só o receio de ser victima de uma lacuna muito possivel de se dar em trabalhos tão complexos e versando assumptos tão heterogeneos, como são os que constam d'uma organização militar colonial, é que leva o mesmo signatario a appellar para Vossa Excellencia, rogando que, ao sêr decretada a nova lei, se attenda á situação do exponente deixando-o em condições que o animem a procurar continuar a ser util ao seu Paiz, prestando-lhe devotadamente o concurso de que fôr susceptivel na marcha triumphal que a Familia Portugueza iniciou na data gloriosa de 5 de outubro.

Nova-Gôa, 26 de julho de 1911.

DOMINGOS LUIZ DE SOUSA PEREIRA,
1.º sargento.

Conferencias

Tem havido todos os sabbados, com bastante regularidade, conferencias ao regimento d'infantaria n.º 23 sobre o culto da bandeira.

Resposta a uma carta

Camarada amigo:

Visto manifestar-me o seu empenho em ouvir a minha opinião sobre a tão alvoroçada questão da espada, eu lh'a vou exprimir.

Antes d'isso devo prevenil-o de que dirigiu mal o enderêço da sua carta. Falta-me competencia e tempo, além de que o assumpto é de veras melindroso para poder ser tratado d'animo leve. Mas, emfim, darei conta das minhas mais accentuadas impressões, com aquella franqueza de que gostei sempre de usar.

Nada de mentir á realidade das coisas.

Em meu entender os sargentos deviam ter armamento e equipamento perfeitamente igual.

Não o entenderam assim, porém, os poderes superiores, fundados certamente em razões de facto.

Seja como fôr, não é menos certo que a celeuma levantada por alguns 2.º sargentos, não passa d'um excesso d'amor proprio; e nenhuma vida é tão ingrata ao amor proprio como a vida militar; ou não fosse preciso possuir nella uma completa abnegação pela propria existencia!...

Assim, os argumentos dos 2.º sargentos enfraquecem perante a força d'este conceito.

De resto, não se trata d'uma questão de futuro, nem que contenda com interesses d'ordem moral ou material. O 2.º sargento ficou apenas a ser o que era.

E de veras critico se torna o facto d'alguns d'elles hostilisarem d'uma forma tão destemperada esta simples benesse, propria do officio, concedida aos seus companheiros de trabalho, e de que elles podem aproveitar num futuro mais ou menos immediato, se a isso os levar a sua força de vontade e o seu amor ao estudo.

Devemos concluir ainda que o caso não é unico nos annos militares. Já foi dito que a Allemanha e a França, onde os exercitos são grandes escolas, se adopta o mesmo systema.

Agora repare nesta comparação. Nós 1.º sargentos, nunca combatemos o facto dos sargentos ajudantes usarem espada; ora a homogeneidade entre estes postos é maior um pouco do que entre o 2.º e o 1.º sargento.

Certamente que esta attitude resultava de não querermos destruir um bem que nos estava reservado e de não desejarmos perturbar a disciplina, com o que afinal só nos prejudicaríamos. Eramos simultaneamente criteriosos e prudentes.

Outro caso que se passa com-nosco, 1.º sargentos d'infanteria.

Pela organização do exercito, ultimamente publicada, fomos altamente prejudicados na promoção ao officialato, e nem por isso o nosso brado de protesto ainda chegou a ser insolito.

Agora o que não pode continuar a tolerar-se, custe o que custar, é o amesquinamento que alguns d'elles fazem incidir sobre nós, como ainda ha dias um bem conhecido insubordinado o fazia num jornal de classe, chegando o desaforo a mandar-nos para a taberna pagar copos de vinho com a espada. E' o cumulo!...

Convença-se, meu amigo, que são estes elementos propios á desordem, ou talvez lunaticos, que hão de prejudicar sempre aquelles que

querem trabalhar na conquista do seu futuro.

Em todos os rebanhos ha ovelhas asquerosas que contaminam o bem estar dos mais.

Escorraçal as, é o dever.

Ultimo esta desprezenciosa palestra, dizendo lhe ser forçoso que todos nos convençamos de que a Republica não se fez para d'ella obtermos a satisfação de todas as nossas aspirações. Então não era uma forma de governo; era um Eden.

D'uma maneira regrada e cautelosa se lhe irá pedindo o que porventura poder dar, sem se lhe exigirem sacrificios.

Creio ser esta a melhor forma de proceder. E' talvez a unica que é logica e humana.

Ficarei por aqui, com muito mais para lhe dizer, mas é que aquelle aphorismo inglez *Time is money* merece-me presentemente cuidada attenção.

Camarada amigo

Coimbra, 20-8-911.

J. A. Gomes

1.º sargento

N. R. — Constando-nos que alguém mal intencionado vem fazendo considerações pouco edificantes pela sahida d'este nosso amigo, da redacção d'*A Voz do Sargento*, vimos afirmar a todo o publico que nos lê, que nenhuma animosidade existe nem nunca existiu entre nós, e que sempre encontrámos neste nosso amigo um verdadeiro companheiro de trabalho.

Apesar de ter declinado o cargo de redactor e administrador, não deixará de nos auxiliar com a sua bella collaboração.

A concessão da Espada ha de ser de futuro a nossa eterna questão de peditorio

Com o nosso incessante pedido e demonstrada razão, o ex.º Ministro da Guerra, ha de chegar á conclusão de que ao 2.º sargento assiste igual direito ao do 1.º, na concessão de regalias; porque são individuos da mesma classe.

Admitte s. ex.ª por um momento que entre o alferes e o tenente se estabelecia tão flagrante desigualdade, como se estabeleceu na classe dos sargentos?

Haveria por ventura alguma coisa que a justificasse? Não. Calar-se-hiam elles?... E' muito possivel que não; ainda que a sua prudencia quizesse tocar o cumulo da obediencia.

S. ex.ª, como todos os officiaes do nosso exercito comprehendem perfeitissimamente que a mochila e a espingarda de nada nos serve, quer na paz quer na guerra. Mas com especialidade na guerra, aonde só serve de embaraço.

Desde que a secção, o pelotão, a companhia, etc., entrou em acção de fogo, o sargento, jámais se tornou a incorporar na fileira ou faz uso da sua arma.

A sua missão n'essa occasião é de tanta responsabilidade que, desde que n'elle se não encontrem aquelles, ainda que pequenos, conhecimentos da arte da guerra, o podem conduzir a ser fuzilado no proprio campo da batalha, depois de pela sua falta de boa acção conduzir os seus subordinados á chacinha das balas inimigas.

De longe vinha esta almejada aspiração dos sargentos em geral!

Não era nem é para se envaidecer que os sargentos pediam que lhes fosse permitido o uso da espada. Era unica e simplesmente por conhecerem a inutilidade da espingarda e ainda tambem por saberem que os seus effeitos os vinha collocar no logar social a que tem jus; se tal direito a Republica lhe deseja reconhecer.

O 2.º sargento ficou livido de espanto como tambem ficou o 1.º, ao verem tão grande excepção n'uma regalia, que elles julgam de todas a mais importante. E sem d'vida alguma, havemos de concordar, que a missão do 2.º sargento, é a mesma que a do 1.º, com pequenissima differença.

Os deveres do 1.º sargento como os do 2.º estão bem claros nos regulamentos, como bem clara está a responsabilidade que a cada um lhes cabe, no cumprimento dos seus deveres e obrigação de terem conhecimentos sufficientes para desempenhar funcções de postos immediatos com accentuada capacidade.

Uma simples analyse nos dá o perfeito conhecimento, de qão grande é o pezar do 2.º e 1.º sargento em não ser extensiva a todos o uso da espada e tanto mais ainda quanto é certo, que foi sempre esta classe uma indivisivel: companheiros de lucta e de trabalho commm; vivendo no mesmo qu-rito, comendo á mesma meza e commungando nos mesmos ideaes. Dividiam entre si as privações e as dôres da sua grandeza d'alma, sem desgostarem os seus chefes, que é a mais elevada caracteristica de militares disciplinados e de que se pôde ufanar a Patria portugueza.

Talvez de futuro tenha-mos de lembrar com saudade, o grande espirito de camaradagem d'hoje. Pois que, pela distincção agora feita ao 1.º sargento, este yae se de pouco em pouco esquecendo da lealdade do 2.º, e chega a ponto de ser nulla a amisade que existia n'esta pequena familia militar; porque o uso do cachimbo faz a bocca torta.

Não quero dizer com isto que o 1.º sargento seja um antagonista do 2.º, antes pelo contrario, tem sido até hoje, um amigo inseparavel de trabalhos e canceiras, que só estes sabem avaliar dentro da sua esphera d'acção, que é por assim dizer, a mesma.

Mas futuramente, uns de espada outros de mochila, hade-se apoderar d'elle, ainda que contra a sua vontade, um bocadito de desdem pelo segundo, o que não succederia se todos armassem e equipassem da mesma forma, como vestem e calçam.

Embora a imprensa nos tenha sido adversa na nossa incansavel conquista e tenha entrevistado sumidades militares, s. ex.ª o Ministro da Guerra, depois de cogitar bem sobre tão digna e justa aspiração resolverá, temos a certeza, a sentença a nosso favor, isto é: fazendo-nos a concessão da espada, por que é, e ha de ser de futuro, a nossa eterna questão de peditorio.

Eguulando-nos aos nossos camaradas, 1.º sargentos, não os descontenta a elles, e a nós faz-nos a merecida justiça; porque s. ex.ª sabe bem quanto a Republica deve desde tempos immemoreaes a tão prestantes cidadãos-militares.

Algumas vezes toldaram elles a paz monarchica em favor da Republica, que lhes rendeu saborearem as reclusões de além mar, serem

postos fóra das fileiras e inutilisál-os para a vida militar e civil.

Temos a certeza que, se s. ex.ª mandasse ouvir a opinião dos varios chefes e commandantes militares, não nos restava duvida alguma que ella nos era favoravel na maior parte.

A varios temos nós ouvido dizer, que, desde que ella foi dada ao 1.º sargento, razão nenhuma é capaz de justificar o motivo porque é vedada ao 2.º.

Apenas s. ex.ª o Ministro da Guerra tomou conta da sua respectiva pasta, resolveu logo a favor de sargentos e equiparados, uma questão por elles tão activamente encetada e debatida, que os caturras da monarchia nos não queriam reconhecer o direito, apesar de no seu espirito estar bem arreigada a justiça que nos assistia; foi ella o auxilio do rancho.

Comtudo, funcionarios militares, não tiveram pejo algum em dizer que a nossa reclamação, sempre fundada em principios justos, não devia ser attendida!

Mas a Republica esquecendo o mal para attender o bem, deu a Cesar o que era de Cesar.

E com a espada ha de succeder-nos outro tanto, depois que s. ex.ª compulsar as nossas reclamações, embora a imprensa não queira ser favoravel e auxiliar-nos em tão ardua missão.

Os seus argumentos não tem fundamento, e depressa caem pela base.

Para justificar os nossos, temos os varios regulamentos militares de onde se não pôde fugir sem atropello.

Argumentam varios jornaes que só na França e na Allemanha, o 1.º sargento usa espada, e foi a exemplo d'estas nações que se concedeu ao nosso.

Ora isto não serve de norma para que tal medida se não extenda ao 2.º sargento, e tanto assim, que ha mais paizes onde a usam, e tambem o 2.º sargento.

Se nós fossemos sempre a adoptar na nossa nação o que as outras fazem, ainda hoje cá tinhamos a força e a prisão perpetua. E comtudo estas barbaridades foram já banidas pelos monarchicos.

Algum dia, a titulo de experiencia, Portugal ha de ir na vanguarda de outras nações em algumas cousas justas, e esta que vimos defendendo affigura-se-nos ser uma de ellas.

Só quando o sargento entrar na fileira e fizer uso da espingarda, como faz o soldado, os nossos technicos militares deixarão de reconhecer o nosso direito á espada.

Mas enquanto houver exercitos, regulamentos tacticos e guerras em paizes regidos por immortaes Republicas, o nosso pedido deixa de ser justo para ser justissimo!!!

Vizeu, 16-8-911.

UM 2.º SARGENTO.

Subscrição aberta pela VOZ DO SARGENTO para os festejos em Coimbra do anniversario da Republica

Antonio Rodrigues..... 500
Luiz Rodrigues Jacob..... 500
José Alves da Silva..... 500

Somma e segue.... 1500

Já se encontra em Vizeu o nosso amigo José Augusto Monteiro, alferes d'infantaria.

PRIMAVERAS GENTIS

Dourae a terra, ó Phebo refulgente,
Encham-se os prados e os jardins de flores;
Que toda cheia de galas e esplendores,
A gentil Primavera se apresente;

Que primaveras lindas, gentilmente,
Faz hoje a minha amada, os meus amores,
Que tudo hoje em requintes de primores
Se mostre de alegria resplandescente.

E eu que na terra, só a ella vejo,
Nada sei, digno d'ella, que lhe dar,
Tudo mesquinho ao pé do meu desejo,

Grande, só a minha alma, para a amar,
Oh! Mas essa, já eu tive o ensejo,
De cheio de prazer, lh'a offertar.

CORREIA D'ALMEIDA.

Liberdade, Igualdade,
Fraternidade

Houve quem levantasse a voz neste jornal pedindo aos collegas uma significação exacta d'esta trindade de palavras.

A significação que deu quem fez o pedido, é a verdadeira; mas o assignante esqueceu-se de verificar se algum governo constituído pôde ou não executar o imperativo d'essas palavras que synthetizam uma doutrina sublime que levou Jesus ao Golgotha e faz pulsar de esperanças os que gostam de Tolstoï, Kropotkine, Gorki e outros.

O governo não poderia, pois, adoptar, como não adoptou, tal divisa. Se o fizesse não teria razão alguma de existir.

Ordem e Trabalho é, segundo o diz o *Diario do Governo* n.º 2, de 7 de Outubro de 1910, a divisa da Republica.

Essa grinalda de palavras que foi invocada e que appareceu aqui e além, não é mais que uma homenagem inconscientemente prestada ás gerações do porvir, que mais felizes do que nós, hão de ver a execução d'esse ideal sublime que se resume em Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

E' na Humanidade livre que unicamente poderemos encontrar o que hoje tanto nos encanta.

Como podemos ter Liberdade se ha leis antigas e modernas que nos prohibem certas e determinadas acções?

Como podemos ter liberdade se todos os dias as folhas governamentais encham os codigos de novas determinações, passando hoje a ser immoral o que d'antes era indiscutível moral e vice-versa?

Como podemos ter liberdade se existem exercitos para fazerem cumprir a execução das leis?

Será possível haver liberdade sem que seja mais ou menos coarctada?

Como poderá também haver igualdade se a constituição das modernas e antigas sociedades em tudo estabelece diferenças?

Não ha tantos postos de desigualdade do corneteiro ao general?

Não ha tanta desigualdade do aspirante de qualquer secretaria ao director geral?

Não ha tanta desigualdade do regedor ao ministro?

Não ha tanta desigualdade do mendigo ao opulento?

Não vemos em qualquer parte os pobres, os desherdados morrerem de miseria e de fome ao lado dos abastados a quem a vida sorri?

Não vemos muitos miseráveis sem terem a quem vender a força dos seus braços dormindo nos portaes bem perto ás vezes de grandiosos palacios?

Será possível haver igualdade quando tantas desigualdades são mantidas pelas armas?

Fraternidade é o complemento do verdadeiro sentido da Liberdade e Igualdade e como estas não existem, é indiscutível a sua não existencia.

Quando na humanidade inteira não houver reis, nem thronos, nem governos, nem leis, nem juizes, nem padres, então poderemos encontrar sem sophismas nem mentiras, a realisação do imperativo das palavras: — Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Nenhum decreto cercearia a liberdade individual ou communista.

Nenhum batalhão se opporá a que a propriedade deixe de ser apanagio de privilegiados e volte para a collectividade a quem unicamente deve pertencer. Então a humanidade inteira viveria tranquilla no mesmo plano social.

Mas estas felicidades veem longe. O cumprimento da trindade — Liberdade, Igualdade e Fraternidade, resume-se numa formula só.

Procure advinha-la o sr. José Maria Boléo Cesario e reconhecerá que é inutil procurar em qualquer governo a solução do enigma que a Esphinge da Revolução Franceza deu a decifrar á humanidade inteira.

CARLOS VICTOR.

Tivemos ha dias o prazer de cumprimentar nesta redacção, o nosso amigo e assignante sr. Annibal de Lemos Guardado, digno solicitador em Pombal.

Recebemos também a amavel visita do nosso amigo e assignante, sr. dr. João dos Santos Apostolo, distincto advogado na Louzã.

Foi collocado no regimento de infantaria de reserva 23, o nosso amigo e assignante Manuel Augusto Pedro, sargento ajudante.

INFANTERIA

SEM FAVOR

E' sem favor, mas com justiça, que aos infantes cumpre pugnarem pelos seus interesses, sem comtudo prejudicarem a ordem e disciplina, que é o verdadeiro Deus de todos os exercitos.

A infantaria, ferida nos seus legitimos direitos, não se tem manifestado porque ama em absoluto a causa democratica trazida a Portugal.

Só quem pertence a esta arma pôde conhecer e avaliar bem o desgosto que em todos se nota, sem que, um só, ao menos, se evidencie.

O procedimento assim, simplesmente demonstra que a infantaria (ao contrario do que se disse), está mais ou menos satisfeita com o actual regimen.

O que a infantaria não vê com bons olhos é o acto de voragem que a commissão organisadora da reforma do exercito tentou contra ella; — mas isso nada importa!...

A paciencia... tem limites!

O dia que a infantaria reconhecer que os actuaes poderes não pensam em attenuar o prejuizo que a reforma do exercito lhe veiu causar em relação ás outras armas, esse dia será então o de juizo no paiz.

Mas estou plenamente convencido que tal se não dá.

A infantaria conta com elementos de bastantes conhecimentos para, dentro da ordem e da legalidade, demonstrar a s. ex.ª o sr. ministro da guerra, qual a maneira correcta e digna que s. ex.ª terá para resolver o grave problema enigmatico deixado pela commissão.

Num exercito democratico como o nosso vae ser, não devem existir paixões, mas sim amor pela Patria.

Não sacrificar o Paiz, pela ambição de subir. O dever de todos é estabelecer quanto possível a igualdade, evitando sempre a rivalidade, que é a mãe da discordia.

A reforma do exercito só traz desigualdades, que carecem, com urgencia serem remediadas, pois tal como está, não pode continuar a haver a rigorosa disciplina.

Os tenentes de infantaria podem amanhã concorrer em serviço com capitães, que no posto de tenente lhe eram muito mais modernos; os sargentos ajudantes e 1.º sargentos que contam antiguidade de posto para alferes, respectivamente desde 99 e 902, continuam a permanecer nos mesmos postos, enquanto que, os de artilheria e de engenharia, sendo 1.º sargentos de 903 e 906, já se encontram promovidos a alferes.

Mas ha mais: na companhia de saude temos alferes, que sahiram 1.º sargentos em 908, na administração militar vamos ter alferes que sahiram 1.º sargentos já este anno, caso a promoção não vá recahir nos sargentos ajudantes de infantaria, que de direito lhe pertence.

O nosso modo de ver é: Por pretexto algum, desigualdades d'esta natureza não devem existir num pequeno exercito, como o nosso.

E' pela Republica que todos devemos trabalhar, para assim enaltecermos o nosso paiz.

Igualdade pois, que é a divisa da Republica.

Coimbra, 12-8 911.

M. J.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importância de um trimestre dos srs. José Reynaldo Oudinot, sargento ajudante de infantaria 7; Herculano Pereira Osorio, alferes de infantaria 20; Evangelista Vieira do Amaral, 2.º sargento e José da Silva Martins, 1.º cabo de infantaria 12, Pinhel; José Fernandes, Custodio Cerqueira Moreirinhas, Gaspar d'Almeida, 2.º sargentos e Alberto Gonçalves Sousa, 1.º sargento, todos de infantaria 12, Guarda; José do Nascimento Ferreira, carpinteiro, José Alves, selieiro, de cavallaria 7 e Duarte da Fonseca, 2.º sargento da guarda fiscal, todos de Almeida; Guilherme Francisco Gravata, 2.º sargento da guarda republicana, Lisboa; Joaquim Manuel Prata, 2.º sargento reformado, Aveiro; Secundino Senna, Raul Vieira Fonseca e Silva, 1.º sargentos, Manuel João Affonso, sargento ajudante, e José Luiz de Carvalho, 2.º sargento, todos de infantaria 19; Joaquim dos Reis Monteiro, 2.º sargento da guarda republicana, Lisboa; e Julio Cesar Quaresma, musico de 5.ª classe de infantaria 23; José Luiz, 1.º sargento, Carlos Manuel Pires, Manuel Mendes da Rocha e Maximiano Marques, 2.º sargentos, todos de artilheria 2, Figueira da Foz; João Baptista, Anselmo da Motta Lobo, Alberto Joaquim Correia, 1.º sargentos de artilheria 4, Amarante; Joaquim Ferreira Mata fome, sargento ajudante, José Silvestre, 1.º sargento, Joaquim Cabrita, Pedro de Jesus Senso, e Augusto Emiliano Gonçalves Bravo, 2.º sargentos, todos do grupo de artilheria da guarnição n.º 5, Elvas; Manuel Antonio Vieira, 1.º sargento, Mariauo Leonardo Rama, Alexandre Magno Dias dos Reis e José Antonio dos Santos, 2.º sargentos, todos de caçadores 4; José d'Almeida, mestre de corneiros, Adelino Augusto de Moraes, carpinteiro, José Marques, espingardeiro, Isidoro Martins da Silva, correeiro, Jeronymo Ribeiro, sargento ajudante, Augusto Simões da Silva, Frederico Ferreira de Jesus, Manuel Boaventura, João Baptista Felix, Antonio Bernardo de Figueiredo, Francisco Sampaio, Bernardino Nunes Pereira, Antonio Vieira da Rocha, 1.º sargentos, Antonio da Costa Martins, José Augusto Pinto de Azevedo, Luiz Esteves da Costa, José Ribeiro, 2.º sargentos, todos de infantaria 14; José Silvestre e Alfredo Augusto da Silva, musicos de 1.ª classe, Albino José Ferreira, corneteiro de infantaria 21.

Jornaes

Terminou a sua publicação o jornal *Avalanche*, e reapareceu *A Rotunda*, que se publica em Evora.

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc. Preços modicos.

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade.

(CONTINUAÇÃO)

E' forçoso meus RR. e P. P. Hr. referir dois factos da vida de Gomes Freire que, se lhe deram desgostos serios e innegavelmente contribuíram, indirectamente, para o assassinato official que a Nação Portuguesa praticou na pessoa de um dos seus melhores filhos, é certo tambem que imparcialmente considerados, qualquer d'elles não revela senão que Gomes Freire era um militar pundonoroso e cheio de brio, e que pela tarda de Portuguez tinha a mais activa e nobre consideração, não transigindo com facto algum que pudesse, mesmo ao de leve, manchar a honrosa farda que vestia.

O primeiro facto diz respeito á campanha do Roussillon, sobre a retirada de Ceret que desgostou profundamente os brios de Gomes Freire d'Andrade como attentatoria do decoro militar, e repetido pela fuga do exercito alliado sem combater no ataque de la Muga, que além do desaire tanto contribuiu para a victoria do exercito francez!

Uma série de desaires d'esta ordem, cujas causas Gomes Freire considerou como faltas de brio e decoro do commando em chefe e de seus superiores hierarchicos alliados á incoherencia e incompetencia dos commandos hespanhoes que entre si discutiam estes insuccessos desgraçados, pesaram e recahiram no general João Forbes pela condescendencia e contemporisação que este tinha com os generaes hespanhoes.

A parte official que João Forbes deu para Lisboa ao governo em 24 de novembro de 1794, fez romper as hostilidades entre este general e os officiaes superiores Gomes Freire e Manuel Ignacio Martins Pamplona Côrte Real, allegando offensa injustificada e indicando estes officiaes como cabeças da insubordinação e indisciplina, que reinavam no exercito alliado pelo insuccesso constante das batalhas, e ainda pela parte dada por João Forbes para Lisboa em 20 de novembro de 1794 em que dizia: — « que o fogo da artilharia obrigára as tropas portuguezas a tomar uma direcção differente da que naturalmente tinham a tomar, e com tanta mais razão quanto mais séria começava já a ser a desinquietação das referidas tropas por causa d'aquelle fogo!» Gomes Freire teve estas expressões por offensivas para a sua honra e calumniosas, não só para si como para toda a divisão auxiliar. Deu isto causa a que Gomes Freire escrevesse a João Forbes uma carta desabrida, de aexpressões vehementes de protesto.

Estas hostilidade pessoas entre João Forbes e o coronel Gomes Freire estenderam-se ao ajudante de campo de João Forbes, Luiz Carlos Claviere, a quem Gomes Freire desafiou para se bater em duello, dirigindo ao governo de Lisboa um requerimento de protesto contra essas falsas accusações e pedindo para ser julgado em conselho de guerra.

João Forbes tambem representou ao governo e deu ordem a Gomes Freire para se recolher á sua barraca.

O governo resolveu esta questão dando liberdade a Gomes Freire e censurando João Forbes. As indisposições pessoas ficaram, e n'essas indisposições tomou parte inportante D. Miguel Pereira Forjaz, tambem ajudante de campo de João

Forbes, como se verá dos acontecimentos que vou referir e que influiram bastantes annos depois no assassinato de Gomes Freire.

Por sua parte Gomes Freire não esqueceu a affronta de João Forbes e publicou em 1795 um livro em francez — *Memoria sobre a retirada de Ceret*, que sem duvida fez verter sangue a feridas mal cicatrizadas!...

Durante o anno de 1806 Gomes Freire publicou um livre em portuguez *Ensaio sobre o methodo de organizar em Portugal o exercito, relativo á população, agricultura e defesa do Paiz*.

Este ensaio, pela epocha em que foi escripto, parece ser um pronuncio de proximos acontecimentos que bem custosos e humilhantes foram para Portugal! Mas diga-se com verdade: — *um paiz que sempre viveu de alianças vergonhosas e covardes, não tinha a esperar senão humilhações degradantes!* Foi o que se deu com a intervenção da Inglaterra, nossa alliada, nos destinos do paiz.

Ao mesmo tempo essa publicação revela um presentimento, pela escolha da divisa adoptada por Gomes Freire:

Dulce et decorum est pro Patria mori.

(Horatio, ode 2 L.³)

Como vimos, Gomes Freire esteve ausente da Patria desde 1808 até 1815; embora assoberbado por serviços de campanha no estrangeiro, a sua alma não deixava de acompanhar a marcha dos acontecimentos que se davam em Portugal, e d'entre elles, fructo d'essa alliança, sobresae o degradante documento official assignado por William Carr Beresford, que ainda hoje faz córar o soldado portuguez e causa fremitos de indignação aos menos sensíveis em amor patrio.

Documento — Ordem Geral do Marechal Commandante em chefe do Exercito Portuguez, publicada na legislação portugueza:

«Havendo-se dignado Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, de confiar ao Marechal Beresford o commando em chefe dos seus exercitos, julga elle do seu dever, ao entrar no dito commando, dirigir-se e patentear a todos os seus Companheiros d'armas os seus sentimentos n'esta occasião.

«Marechal commandante em chefe, mediante o emprego que occupava no Exercito enviado por Sua Magestade Britanica para auxiliar nos admiraveis e prodigiosos esforços que os Portuguezes fizeram para restaurar a liberdade e independencia, tão injustamente atacadas, teve occasião de estudar e conhecer a fundo a indole e character militar d'esta Nação; e bem que esteja persuadido de haver-lhe dado mais clara prova da vantajosa ideia que d'ella fórma, na accitação que acaba de fazer do referido commando em chefe do Exercito Portuguez, e esteja tão intimamente convencido das disposições e talentos militares inherentes aos Portuguezes, aos quaes qualquer ensino e uniformidade na sua direcção, bastarão para mostrarem que elles são hoje o que sempre foram, — senão os melhores, ao menos eguaes aos mais valorosos e intrepidos da Europa; e por isso o Commandante em Chefe procurará com a maior applicação e desvelo dar a estas qualidades aquella efficacia e energia que ellas costumam adquirir quando são auxiliadas por uma disciplina bem regulada. (!)

AGUA DE PIZÕES - MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRESA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo. Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre Na casa Gaitto & Cannas

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Mais esclarecimentos. — Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Todos os portuguezes verdadeiramente amantes da sua Patria, devem hoje estar mais satisfeitos.

Por sobre um regimen, que cahiu de pôdre, um regimen novo se ergue, risonho e promettedor.

O bom povo portuguez, é e será, d'ora ávante, senhor dos seus destinos, para sua felicidade e grandeza d'este Portugal, tanto tempo dominado, por seu mal, pelo absurdo principio da hereditariedade, á sombra do qual alguns parasitas, egoistas e deshumanos, lhe sugavam a vitalidade, em detrimento d'um povo inteiro, que finalmente comprehendeu o ludibrio de que era victima e n'um gesto brioso, sacudiu o jugo que o affrontava e asphyxiava nas suas aspirações legitimas de povo que quer viver feliz, honrado e livre, á luz da Verdade e guiado pelo Bem.

Um Povo, que dentro e fóra das fronteiras do seu paiz, se impõe pela sua força moral, é, sem duvida, um povo ao qual

póde estar reservado o mais alto dos destinos, se não afrouxar no caminho, que gloriosamente encetou em 5 de Outubro de 1910, proclamando a Republica, e que o levou triumphantemente á eleição do Presidente em 24 de Agosto de 1911, data memoravel, por representar a Nação na plena posse legal da sua soberania, que lhe permittiu pelos seus representantes na Assembleia Nacional Constituinte, depois de approvada a Constituição, escolher e eleger o seu Chefe, que até aqui lhe era imposto, como era da lei fundamental do Estado, derogada de facto e de direito, no dia em que o rei, accusado pela sua propria consciencia, e não tendo quem o defendesse, do povo, do exército e da armada, justamente revolucionados, cheio de temor, fugiu precipitadamente!

Este facto eloquente da fuga d'um rei e da eleição d'um Presidente encerra sobretudo uma lição moral.

MALES DA REPUBLICA

N'este momento, só quem não andar envolvido ou interessado nas luctas politicas da Republica póde ser imparcial e desapassionado ao analysar o caminho por onde tem seguido o grupo de homens, que o povo elegeu para dirigir os destinos da nação.

A independencia de um exame profundo só pertence com justiça a esses, que são simultaneamente os que nada pretendem dos governantes; áquelles que nunca procuraram nem encontraram senão no seu trabalho a manutenção da sua vida e da dos seus.

Todos os demais cidadãos, quaesquer que sejam as suas categorias officiaes, ou o seu modo de vida particular, hão-de sempre peccar por inducção ou partidatismo, por sectarios ou facciosos.

Para obter garantida e sã uma observação que seja o espelho fiel do que tem sido estes 10 mezes da Republica, não devemos recorrer a estes nem aos que são completamente alheios a tudo quanto se passa no seu paiz. Aquelles são suspeitos, estes quasi criminosos. Ouçamos os verdadeiros patriotas independentes, que se guiam em todos os actos da sua vida pelos dictames da sua consciencia.

O que nos apontam elles em primeiro lugar, como factor importante para o affrouxamento da Republica? A desunião de homens de valor no partido republicano, a quem está confiada a segurança da Patria e da Republica. Depois? A investidura de *mandantes* em quem ninguem reconhece direitos para governar. A imposição de grupos que se intitulam *revolucionarios* para apavorar o governo, este ou aquelle ministro.

Estes são os topicos de que enferma a Republica. Outros ha de caracter benigno que o tempo ha-de fazer desaparecer, mas aquelles difficilmente se hão-de corrigir.

Nos dias em que se justificava a inquietação do paiz, pelo echo da revolução, tambem se justificava a existencia aberta, e de todos sobejamente conhecida, de varias associações da carbonaria. Hoje só uma deve haver, com recrutamento reservado, cauteloso, escolhido e de confiança e cujos membros devem ser ignorados do publico.

Os alistados nos batalhões voluntarios, cujos cidadãos são dignos do mais patriótico applauso, devem dar por finda a sua missão de associados nos referidos batalhões e cada um de per si, procurar instruir-se nas carreiras de tiro para, como todos os demais cidadãos, serem uteis á Republica quando chamados a pegar em armas para a sua defeza.

Só esta instrucção é pratica e proveitosa.

Isto feito, remediados os males que em principio ficam apontados e posta em execucao a constituição politica da Republica, voltará a normalidade que é indispensavel haver para que um paiz progrida.

Senão, não.

B. S. FERNANDES.

Armamento e equipamento dos sargentos

O 2.º sargento tem em certos casos continencia igual á de General e não tem direito a usar o armamento e equipamento dos seus camaradas 1.º sargentos?!

A epigraphe d'este artigo seria materia sufficiente, para a nossa tão justa pretensão e defendida causa, ser attendida pelo Exército Democratico Portuguez.

Mas nós, os 2.º sargentos, vamos justificar o motivo porque o epigramma assim e a razão porque esta deve ser attendida sem mais delongas.

Nem oito nem oitenta!

Nem ao 2.º sargento, como ao 1.º, se deve dar continencia de soldado

quando em passeio ou serviço de fachina, igual á de General, nem ao 1.º sargento a espada sem que se dê ao 2.º.

Do 2.º sargento ao General, é tão grande a differença, como a distancia que vae do polo Norte ao polo Sul!

Do 2.º sargento ao 1.º é, por assim dizer, perfeitamente confundivel: o que adiante vamos provar.

Entre o 1.º e o 2.º sargento não póde, por principio nenhum, haver distincção, se não em vencimento e graduação. O que se fizer fóra d'isto, é um desastre!

Os sargentos em geral, usufruíram sempre em commum, as poucas regalias de que até ha pouco estavam de posse; doadas pelo Clero, Nobreza e Povo burocratico, tendo á frente os seus Reis immortaes; que baquearam em 5 d'outubro com o grito de revolta da plebe esfarrapada, a quem esfolavam, como o magarefe ao submisso carneiro; embora essa hediondez seja em beneficio da sociedade.

Se ha reparo em que o 2.º sargento d'um exercito republicano use uma espada igual á do 1.º sargento do mesmo exercito, mais reparo deve haver ainda que elle tenha honras eguaes ás dos seus Generaes, em alguns casos!

Hoje não vem o 2.º sargento pedir que lhe seja concedido o uso de armamento e equipamento de que fazem uso os officiaes do seu exercito; mas sim, aquelle de que fazem uso os seus camaradas, 1.º sargentos; embora elle seja igual ao dos officiaes.

Os 1.º sargentos nunca pediram mais para elles de que para os 2.º, porque foram sempre companheiros de lucta pela democracia.

De longe vinham uns e outros defendendo este sublime ideal, e não crêmos mesmo que elles um dia pensassem, sequer, fazer de nós escalão para subir!

Marcharam sempre a par, para a conquista d'alguma pequena regalia que só viam no seio da Republica! Mas oh doce illusão! Maldito par foi este! Escangalhou se, não no caminho, que levaram a cabo, mas no final, quando todos aguardavam o obulo com ávidos olhares.

Viram effectivamente, vir a Republica com o regaço cheio, e todos pulavam de contentes, bem dizendo dos maus boccados que passaram. E como ella é a Igualdade e Fraternidade personificada, não duvidaram um momento sequer da boa divisão de partilhas.

A divisão começou pelos mais graduados, dentro da classe, é claro; quando chegou ao fim d'estes, terminou. Estava esgotado o orçamento das espadas!

Triste illusão foi a dos 2.º sargentos, em geral. Não ha duvida!

Lastimam-se, e mais ainda hoje do que nos tempos da monarchia! Mais porque depois de ter soado aquelle hodierno ha tanto esperado ficaram no mesmo holocausto em que barbaros sem nome os tinham mergulhado, desde os tempos da idade media; mais porque viram dentro da sua classe, dos seus proprios irmãos, aureolar uns de gloria e outros amortalhal-os!

Triste illusão a dos 2.º sargentos, em geral!

Triste e bem triste é dizel-o, que do nada que aos proprios 1.º sargentos deram, não foi sem dôr, sem amargura, sem sacrificio, acompanhado da tarja luctuosa, que são os 2.º sargentos, seus camaradas, seus cooperadores em conquistas de regalias a que se julgavam com direito!

Era mais facil fazer acreditar o 2.º sargento do exercito d'esta infeliz Patria, no grande valor da espada de Carlos Magno; nas aberrações de Platão; na paragem do Sol por Johová; na força herculea de Sansão; na transmigração das almas, etc., de que o convencerem dias antes da concessão fatal que lhe ia ser pela Republica, applicada desconsideração que nunca houve nem já-mais haverá!

Vamos compulsar essa alluvião de regulamentos espalhados por tão collossal e confusa legislação militar. Queimemos com socego as pestanas dos olhos á luz da verdade. Cogitemos sobre a materia n'elles expendida e que vamos nós encontrar de differença entre 1.º e 2.º sargentos? Nenhuma.

Todos são sargentos n'essa grande variedade de diplomas; não ha obrigações distinctas nem responsabilidades selectas. A parte o regulamento para o serviço dos corpos do exercito, que impõe ao 1.º sargento a responsabilidade da escripturação, etc., para com o commandante da companhia, mas que tambem é remunerada com 60000 réis mensaes a mais do ordenado do 2.º sargento!

Não é só ao 1.º sargento, que este regulamento impõe tal responsabilidade na parte que lhe diz respeito; impõe-se tambem ao 2.º, sem remuneração alguma além do seu vencimento, quando o substitue nos seus impedimentos, ou, na companhia não ha 1.º sargento, como muitas vezes succede, e com especialidade agora, com a actual reorganização do exercito, onde são, por lei, obrigados trez 2.º sargentos em cada regimento, a responder por companhia, como se fossem trez 1.º sargentos de facto.

Ha quem argumente que o 1.º sargento passa de futuro no novo regulamento tactico, a commandar um pelotão, e que por isso se lhe deu espada!

E quem commanda aquelles onde os trez 2.º sargentos respondem como se fossem 1.º?...

Commandam-nos estes de mochila ás costas! E' assim a Egualdade, a Fraternidade e a Justiça fica para outra occasião.

Affirma-se tambem com argumentos ôccos, que, dando-se a espada aos 2.º sargentos, não só ficavam mudas mais de 3:000 espingardas, como tambem se tinha de augmentar o trem de combate!... Esta é muito fina!...

Emquanto ao primeiro argumento respondemos que tão mudas eram as dos 1.º como dos 2.º sargentos, e mudas continuam a ficar, emquanto as não distribuirem a quem ellas de facto pertencem, que são os soldados.

Já mais de uma vez se tem dito e continuará a dizer, que, desde que uma força, seja qual for o seu effectivo, entre em combate, o sargento pôde deitar a espingarda fóra, porque de nada lhe serve; e mais ainda, se houver official commandante, este não dispensa a sua atenção nem de lhe impôr a responsabilidade que tão grave momento reclama.

Emquanto ao segundo, não era mais um carro que se tivesse de augmentar, o que julgamos não ser preciso desde que as viaturas sejam o que devem ser, que a Republica deixa descontentes os seus 2.º sargentos e aquem tanto deve, como o prova a seguinte doutrina da O. do E. n.º 12, de 28 de dezembro de 1910, portaria da 5.ª Direcção, 1.ª repartição, que entre varias determinações á commissão nomeada para tratar da melhoria da situação das praças diz: «...attendendo aos relevantes serviços por elles prestados ás instituições e á Patria para cujo engrandecimento tanto tem contribuido!» — Isto é de pasmar!

Mais adiante diz ainda: «...os meios que julgar mais adequados para melhorar, quanto possivel, as condições economicas da vida dos sargentos e outras praças do exercito, não só augmentando-lhes os vencimentos e concedendo-lhes outras regalias como tambem modificando convenientemente o que se acha preceituado sobre alimentação, armamento, equipamento e aquartelamento de sargentos, etc.» — Isto é de pasmar!...

Armamento e equipamento!... de quem? Dos 1.º sargentos só, ou de todos?...

Isto é de pasmar! Com tanta fatura no papel e tanta omissão na realidade!...

22 - 8 - 911.

C.

A ESPADA

Uma boa intenção, por melhor inspirada que seja na razão da justiça, ou por mais bem formada que haja sido no espirito recto de quem a formule, está sujeita na pratica a contingencias de varia especie.

Quem dicta a lei a uma classe necessita, antes de a fazer, envolver o seu espirito na vida d'essa classe; comprehendel-a, sentil-a, estudal-a.

A restricção do uso da espada aos 1.º sargentos do exercito lançou na classe dos sargentos um mal estar, que se não perturba a disciplina, pôde ser o pômo de discordia nesta grande familia, que viveu sempre unida na mais amigavel das camaradagens. Não vem para o caso pequenas questiunculas, que tambem ha nas outras classes e até com mais frequencia.

Segundos e primeiros sargentos, vivendo uma vida commum e equalando-se em direitos, quer na alimentação, quer no uniforme, quer no alojamento, souberam sempre conservar entre si uma conducta de camaradagem, tão digna e tão nobre que só se extinguiu quando a promoção a official os separava.

Na vida do quartel e fóra d'este, em serviço ou em passeio, nos exercicios e nas campanhas, nunca houve a minima parcella de desigualdade no seu viver. O equipamento e o armamento tambem eram eguaes. O sacrificio (é bem um sacrificio inutil) de transportar a mochila, era tambem o mesmo.

Quem escreve estas linhas não acredita que o uso da espada, restricto aos 1.º sargentos, venha ser causa a inimidades dentro da classe, mas crê unicamente, que nem todos os seus camaradas tenham esperança que se estenda até elles o uso d'esse artigo e procedam impensadamente para alcançar egual direito, como por infelicidade já aconteceu em Lisboa e noutras partes.

Reflectidamente, devo dirze que a espada não devia ser concedida aos sargentos, porquanto nem os 1.º nem os 2.º consideram o uso d'esse artigo como necessario nem como util. A espada é um objecto de luxo unicamente. O proprio official não a leva nas campanhas coloniaes, porque lhe é um estorvo na marcha e no campo da batalha. Só devemos, pois, trabalhar para que nos seja concedido o que é reconhecidamente util e proveitoso. A concessão, porém, do uso da espada aos 1.º sargentos, colloca os 2.º num plano de menos consideração, que só por elles teve quem os separou d'esta regalia.

Francamente não sabemos a que attribuir a ideia da restricção. Como estímulo a chamar o 2.º sargento áquelle posto, não é, porque o futuro e o augmento de vencimento serão sempre os factores mais importantes que hão de servir de incentivo para que o 2.º concorra aos exames para aquelle posto.

Ainda como recompensa da cooperação importantissima que na implantação da Republica teve a classe dos sargentos, justo é dizer que foram os 2.º sargentos que mais trabalharam pelo novo regimen, que mais abertamente se expozeram a combater dentro da propria monarchia e que até mesmo mais foram castigados por conspirarem. Não se retira a nenhum 1.º sargento o direito de affirmar que tambem se sacrificou pela Republica, mas em maior numero foram os 2.º sargentos.

A ideia de fazer na classe dos sargentos distincção de equipamento e armamento pôde ser reconsiderada. Trabalhemos por isso, mas com tino, com prudencia, com argumentos, com união e sobre tudo com uma persistencia e uma energia a que não deve faltar a cooperação de um só sargento. Só assim se conseguem as grandes coisas.

B. S. FERNANDES.

ASSUMPTOS MILITARES

Afim de ter maior desenvolvimento o ensino e aptidão profissional das praças alistadas em harmonia com a nova lei de recrutamento, evidente se torna que sejam introduzidas algumas disposições no regulamento das escolas para as praças de pret, relativamente aos professores e ás materias dos cursos das mesmas escolas regimentaes.

Assim, para dirigir o curso de habilitação para 1.º cabos, em vez do extincto quadro de capellães militares, será nomeado um sargento ajudante e nas unidades onde o não ha, será nomeado um primeiro sargento, preferido aquelles que já tenham o curso da escola central, afim de evitar perturbações, tendo n'um e n'outro caso um segundo sargento por cada grupo de 15 praças, nomeado por escala e sob proposta do director da escola regimental para o auxiliar.

Quando o numero de alumnos matriculados no referido curso seja superior a 30, será o curso desdobrado em duas turmas e terão a duração de hora e meia cada turma. Nos mezes de incorporação haverá apenas uma turma.

A matricula d'este curso será obrigatoria para todos os mancebos que por occasião do seu alistamento souberem lêr e escrever e bem assim todas as demais praças que tenham exame do 1.º e 2.º grau como tambem para aquelles, que sendo analphabetos, completem o curso de instrução elemental.

Para os effectos da matricula do referido curso, o official superior ou commandante de qualquer unidade independente, mandará formular diariamente durante o tempo da incorporação, uma relação dos mancebos alistados que será diariamente entregue ao director da escola regimental que juntamente com o professor do curso de habilitação para primeiro sargento e de um subalterno nomeado pelo commandante do corpo vá successivamente examinando e ao mesmo tempo classificando-os em grupos que hão de constituir o curso de instrução elemental e de 1.º cabos.

Os mancebos que por occasião do seu alistamento apresentarem certidão de exames do 1.º e 2.º grau ou de outras disciplinas de cursos superiores, constituirão um grupo especial e serão immediatamente submettidos a exame logo que tenham recebido a instrução militar da parte especial do mesmo curso, visto não precisarem da parte geral tambem do referido curso.

As restantes praças que necessitarem receber mais instrução serão submettidas a exame logo que os professores os julgarem habilitados.

Praça alguma será dispensada da frequencia do curso de 1.º cabos tenha ella muitas ou nenhuma certidões de exames, tendo em attenção a parte especial do referido curso.

Em seguida nos exames do curso de instrução militar, digo elemental e de 1.º cabos, o director da escola regimental promoverá para que as mesmas praças depois de approvadas sejam matriculadas nos cursos seguintes, sob proposta do director da escola, que será publicada na ordem regimental logo que termine qualquer curso, evitando assim de as mesmas praças, para se matricularem terem de requerer conforme a sua classificação e grau

OS COVEIROS DA PATRIA

Amo-te, ó Patria minha, mais que a vida,
Por ti soffro tormentos, que me abrazam;
Ao vêr que a pouco e pouco, mais te arrazam,
Os coveiros teus, ó Patria decahida.

Cavae, coveiros, não cesseis a lida,
A presa prepara, que já se casam,
As aguias e os leões, que não se atrazam,
P'ra o banquete infernal da Patria querida.

Cavae, profundae mais ainda, cavae,
Cavae a erva negra do paiz;
Depois dizei: o que lá vae, lá vae;

Tinha de ser, foi Deus que assim o quiz;
E mentis insensatos, se Ella cahe,
E' para só a enterrar quem tanto diz.

Lisboa, 1903.

CORREIA D'ALMEIDA.

de instrucção em que ficaram appro-
vadas.

O professor do curso de habilita-
ção para 1.º cabos terá, além das
obrigações como professor do refe-
rido curso, o ensino da alinea f do
curso de habilitação para 2.º e 1.º
sargentos, devendo elle proprio de
ordem do director da escola, exec-
utar o ponto de escripturação para
nos exames de 2.º e 1.º sargentos
depois de escolhidos pelo jury de
que tambem fará parte, mas só n'esta
materia pois que, a sua classificação
será por este arbitrada.

Os sargentos auxiliares serão dis-
pensados de todo o serviço, em har-
monia com o artigo 29.º do regula-
mento das escolas para praças de
pret e terão a gratificação diaria de
100 réis.

O professor do curso de 1.º ca-
bos terá a gratificação diaria de 200
réis e todas as recompensas a que
se refere o artigo 58.º do mesmo
regulamento.

Não serão incluídos na percenta-
gem os alumnos que apenas preci-
sarem de receber a parte especial
para poderem ser admitidos a exa-
me, e que constarão de grupos espe-
ciaes.

(Continua.)

CASIMIRO RAMIRES.

PLACARD

Tencionando mandar imprir,
no proximo mez de Setembro,
as cintas para a *Voz do Sar-
gento*, pedimos aos nossos assi-
gnantes a fineza de nos indicarem
as suas verdadeiras moradas, pa-
ra assim podermos organizar um
trabalho tão necessario.

Aos nossos assignantes do Ul-
tramar, que ainda estejam em de-
bito, pedimos a fineza de mandar
satisfazer, para regularidade da
nossa escripturação.

Recebemos e muito agradecemos
a importancia de assignaturas por
um anno, dos srs. José Augusto
Monteiro, alferes de infantaria, Vi-

zeu; Antonio Correia Alemão, 1.º sar-
gento de infantaria, Antonio Rodri-
gues e José Gonçalves Branco, 2.º
sargentos de cavallaria, Forte D.
Luiz de Bragança; João Evangelista,
2.º sargento de cavallaria, Evale;
José Martins Lopes Ribeiro, 2.º sar-
gento de cavallaria, Lubango; Ma-
nuel Augusto da Costa Monteiro,
2.º sargento de infantaria, Dame-
quero; Adelino Soares da Costa, 2.º
sargento d'infantaria, Forte Roça-
das; Bazilio do Rosario Moutinho,
2.º sargento da companhia de sau-
de, Lubango; Ismael Correia dos
Santos e José da Conceição do Nas-
cimento, 1.º sargentos de infantaria,
Luiz Manuel d'Azevedo, Ernest-
to Augusto, Alexandre Antonio do
Nascimento, 2.º sargentos de infan-
taria, José da Camara, 2.º sargento
de artilharia, todos da Chibia.

A de um semestre dos srs. Anni-
bal de Lemos Guardado, solicitador
em Pombal; João Hirminio Barbo-
sa, 2.º sargento de infantaria 8; An-
tonio Augusto Carvalho e Vascon-
cellos, 2.º sargento reformado, Por-
to; Manuel Fernandes, 1.º sargento
de infantaria, D. P. U; José Au-
gusto Gonçalves, 1.º sargento de in-
fantaria, Lisboa; Amandio da Luz
Ramalho de Barros, 2.º sargento de
infantaria 8; Francisco Maria da
Silva, 1.º sargento de cavallaria 6;
Augusto Nunes Thiago, 1.º sargento
de infantaria 35; Vicente da Silva
Alves, 1.º cabo de infantaria, Chi-
bia; e a de trez trimestres do sr.
João Alvares Lourenço, 1.º sargento
de infantaria, Libollo.

A de um trimestre dos srs. Am-
brozio Augusto Simões, 2.º sargento
d'infantaria 22; Christovão Pereira,
2.º sargento d'infantaria 17; dr. João
dos Santos Apostolo, advogado na
Louzã; Pedro dos Santos e Silva,
2.º sargento da companhia de sub-
sistencias; Carlos Beja da Silva, sar-
gento ajudante; David J. Fernandes
Moreira, 1.º sargento; José Faria
d'Oliveira, sargento ajudante de ca-
çadores n.º 2; Alcídio Lopes d'Al-
meida, aspirante a official d'infante-
ria 5; Carlos Gomes Fernandes,
José d'Oliveira Bello, 1.º sargentos,
Joaquim d'Assumpção Dias Fiusa,
João Pedro Diognes, Antonio Joa-
quim Henriques, Mamede Augusto
Arvellos Formosinho e Francisco
Teixeira, 2.º sargentos d'infantaria
n.º 16; Francisco Antonio Marques
e Manuel Joaquim Magro, 1.º sar-
gentos d'infantaria 2; Braz Antunes,
1.º sargento, e José Gonçalves Ne-

greiros, 2.º sargento da guarda fis-
cal, Porto; José das Neves Con-
ducto, 2.º sargento d'infantaria 17;
Julio Pereira Machado, 1.º sargento
d'infantaria 20; Antonio Osorio Mar-
tins de Figueiredo, Arthur da Silva
Videira, 2.º sargentos d'engenharia;
José Martins, 2.º sargento da guar-
da fiscal, Olhão; Luiz Cesar Ro-
drigues, José Maria Nunes d'Assis,
Francisco Bastos de Mattos, José
Luiz da Cruz e Guilhermino Rami-
res, 1.º sargentos, Henrique d'Ass-
umpção Villa Verde, Alvaro José
Vaz, 2.º sargentos, e Manuel Mi-
randa Branco, sargento ajudante de
infantaria n.º 10; Henrique Pedrosa
d'Aguiar, 2.º sargento d'infantaria
n.º 28; Gaito & Cannas, Imprensa
Academica, Valentim R. dos San-
tos, Antonio Caetano, Cortinhas &
Ferreira, João Gomes dos Santos,
Antonio Ribeiro das Neves Macha-
do, Coimbra; Bernardino Correia,
1.º sargento do D. R. n.º 18; Sala
dos sargentos, Antonio José Pires,
1.º sargento, José Correia, 2.º sar-
gento d'infantaria 6; dr. José Maria
Nunes Leitão, Porto; Seraphim Do-
mingos Pereira, 1.º sargento; Anto-
nio Olivio Carvalho Salles, Domín-
gos Affonso Gonçalves, 2.º sargent-
tos da guarda republicana, Porto;
Julio Antunes d'Assumpção Faria,
1.º sargento, Escola Central.

Foi promovido a alferes para o
quadro auxiliar da administração
militar, o nosso amigo e condiscipulo
José Manuel dos Reis, encar-
regado da succursal da manutenção
militar em Bragança.

As nossas felicitações.

Subscrição aberta pela VOZ DO SARGENTO para os festejos em Coimbra do anniversario da Republica

Transporte.....	12500
Felix Carneiro da Silva...	800
Gervasio Albano Baptista de Sousa.....	500
Somma e segue....	22800

Foi collocado em infantaria n.º
32 o nosso amigo e assignante, sr.
alferes Arthur Martins Dionysio.

Pôz termo á existencia, enforcan-
do-se em Benguella, o nosso assi-
gnante Bernardo José Penedo, mu-
sico de 3.ª classe.

Ignoram-se os motivos de tal re-
solução.

LAGRIMAS EVOLADAS

I

A morte da pomba

Ella voava sob um ceu azul e
limpido, pondo por sobre nós uma
mancha branca, alabastrina, cortan-
do a aragem.

E como nós invejavamos a mei-
ga pombinha!...

Alegre e jovial como a doce des-
preocupação do justo, ella singran-
do o ar com as suas azas, tendo em
cada arvore uma habitação e na
Natureza uma mãe complacente e
divina, que a toda a hora lhe dirigia
afagos e carinhos no remurejar sua-
ve da folhagem!

Voar sempre, alegrando-nos os
olhos extasiados, mas cruel ao mos-
trar-nos o seu poder de, ao contra-
rio de nós, poder do alto louvar a
Natureza que ali se reflectia na ma-
ravilhosa paisagem que se desenro-
lava na amplidão da nossa vista.

Lá de baixo, do valle, onde o
milharal reflectia a sua côr verde—
que diz esperança—chegavam os
ultimos sons d'uma garganta divi-
nal, como divinal era a joven cam-
poneza que assim atirava ao ar uma
canção bella e espirituosa, mesmo
assim, sem os atavios perfeitos da
arte.

E a pombinha voava, voava sem-
pre, inspirando-nos uma grande in-
veja de não podermos, como ella,
voar assim tambem.

Subito uma detonação se ouviu
secca, rapida e medonha, echoando
em todas as direcções e logo imme-
diatamente um silencio que nos fa-
zia gelar, mesmo aquella hora em
que um sol ardente incendia sobre
as nossas cabeças.

Inerte pelo espaço se vê um cor-
po branco semelhante a um grande
flocos de neve, e a nossos pés rola
morta a candida pombinha, cuja
sorte nós invejavamos de voar atra-
vez do espaço infindo...

E lá de baixo do valle já não che-
gam as canções da camponeza, que
ainda ha pouco atirava do ar a sua
canção bella e espirituosa.

ACCACIO SERRA.

Ao nosso amigo e assignante sr.
Antonio Ribeiro das Neves Macha-
do, as nossas felicitações pelo seu
anniversario.

Está entre nós, pertencendo a in-
fantaria 35, o nosso amigo e assi-
gnante Augusto Nunes Thiago, 1.º
sargento.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA

Nesta typographia executam-se com perfeição e
rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como:
Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos,
programmas, recibos, facturas, bilhetes para esta-
belecimentos, talões, mappas, papel timbrado, en-
veloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMOTOS

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade.

(CONTINUAÇÃO)

«E universalmente reconhecido que os Portuguezes são leaes ao seu soberano, obdientes ás auctoridades legittimas que o representam, e soffredores das privações e incommodos que os Exercitos as mais das vezes experimentam. O patriotismo, energia e enthusiasmo, de que acabam de dar as mais evidentes provas; a gloria que adquiriram no Roussillon; os derradeiros successos nas fronteiras do Norte e Nordeste, attestam a sua resolução, valor e intrepidez; qualidades, que os tornam dignos dos seus antepassados e tão famosos como elles.

«Portanto, Portuguezes, ninguem desenvolve melhores disposições para serdes a melhor tropa; e convencido d'esta verdade, o Marechal Commandante em Chefe se vê com o maior prazer identificado com a Nação Portugueza: Elle é um official Portuguez, e aos Portuguezes confia a sua honra e sua reputação, bem seguro de que lhe não de ser vantajosamente restituídas (!!!)

«O Marechal Commandante em Chefe julga necessario protestar-vos, que elle considerará sempre como um dos seus mais importantes deveres o fazer realçar o merecimento onde quer que elle appareça; e que a unica recommendação para elle attendivel será, o zelo, a intelligencia, a actividade, o valor, e o patriotismo; qualidades, que encontram n'elle sempre um decidido e activo Protector. (!!!)

«O Marechal e Commandante em Chefe chama a attenção de todos os officiaes, generaes e subalternos, sobre o estado actual e melhoramento do Exercito; e convencido de que o melhor methodo de introduzir nos corpos militares a disciplina e exacta observancia dos deveres — é o exemplo dos officiaes, espera que elles não fallarão aos seus soldados com uma tão importante e necessaria lição!

«Espera com impaciencia, o Marechal Commandante, a primeira occasião de vizitar e inspecionar assim os differentes corpos que se acham já em campanha, como todos os demais do exercito; e aproveitará todas as occasiões de promover a satisfação, decoro, e vantagem dos officiaes e soldados, que se lhe confiaram. (!) Quartel General, Lisboa 15 de março de 1809.»

Outro documento da mesma epocha.—«Tendo mostrado a experiencia desde o principio da revolução francesa, &, &, Hei por Ordenar:

«1.º Desde a data do presente Decreto e em virtude d'elle, todo o cidadão é auctorizado a denunciar vocalmente ou por escripto, debaixo da sua assignatura ou sem ella, perante qualquer magistrado, juiz da inconfidencia, intendente geral da policia &, as suspeitas, factos verbaes ou reaes que lhe constem, de qualquer pessoa ou pessoa inconfidente, &

«2.º Quem souber de facto publico verbal ou por escripto em que alguma das auctoridades publicas, ecclesiasticas, civis ou militares, foi infamada de traição, será obrigado, sob pena de ser havido por inconfidente, a denunciar o facto sob pena de ser arcabuzado, &

«O Marechal dos meus Exercitos, &, &, executará e fará executar es-

te Decreto &. Palacio do Governo em 20 de março de 1809. Assignado com 3 rubricas dos governadores do Reino. (!!!)

Não admira portanto meus RR. e PP. H. r., que Gomes Freire, sabedor das degradantes humilhações a que não podia dar remedio, por que passava o Paiz e especialmente o Exercito Portuguez, tal era a ruina moral dos espiritos subservidos em todas as classes sociaes submettidas ao capricho e vontade de um governo estrangeiro ou aporuguesado soffresse e partilhasse da desventura da Nação que elle tanto amava, como podeis vêr pela seguinte carta por elle escripta e assignada antes de regressar a Portugal.

Carta de Gomes Freire dirigida a seu primo Antonio de Sousa Faloão, em 2 de janeiro de 1815; — «O teu sermão, bem longe de me adormecer, despertou-me! o que a estas horas já terás visto pela minha carta de 20 de dezembro, N.º 8, em que te digo que estou resolvido a voltar quanto antes a Lisboa, no caso que os senhores governadores queiram ter a bondade de auctorisar algum negociante para acceitar um letra de quatro mil crusados, segurando-se-lhe que será paga logo que se me entregue o dinheiro, que se acha no erario, das rendas de minha casa; portanto se fôr deferida a minha supplica, lá me tens por todo o mez de abril.» (Nota: Gomes Freire só entrou em Portugal em 26 de Maio de 1815.)

«Achei muita graça ao teu sonho, e fez me tanta impressão que sonhei outro, na mesma noite, que te vou contar e em que acharás talvez alguma analogia com o que tiveste.

«Sonhei que me achava na China, aonde uma grande provincia tinha sido invadida pelos inimigos; e achando-se esta desprovida de tropas, o imperador chamon em seu socorro os tartaros seus alliados: elles vieram promptamente, e deitaram fóra os taes inimigos dos Chins; e como o imperador tinha tido pouco cuidado no seu Exercito, deram-lhe um cabo escolhido entre elles para lhe organizar e disciplinar as suas tropas: o imperador agradou-se tanto d'este tartaro, que, além de muitas honras e poderes que lhe concedeu, fel-o mandarim, e escreveu-lhe uma carta em que lhe disse «que illustrasse com os seus conselhos os outros mandarins e os animasse;» e portanto pôl-o acima d'elles, do que os mandarins não gostaram; e para lhes fazer pirraça, lembraram-se de mandar chamar á Persia um chim que alli militava, e que elles tinham em conta de tão grande militar como era o tal tartaro; porém este, que era muito vivo, fiado nos seus poderes, que eram os mesmos que algum dia se concediam aos dictadores romanos, armou trempe ao pobre chim, prendeu-o e pôl-o em conselho de guerra; e vendo os mandarins que o tartaro puchava pela sua auctoridade, calaram-se todos muito bem calados, e o pobre chim foi fuzilado, sem que ninguem punisse por elle; e eu, acordado ao estrondo dos tiros, assentei de nunca me lembrar de jogar ás cristas com generaes tartaros, mas sim de dependurar, logo que chegue a Lisboa, a minha espada na parede, para se deixar enferrujar bem á vontade!

«Que me dizes ao sonho? Venha dinheiro, e brevemente terei o gosto de segurar-te que sou teu verdadeiro amigo e primo

Gomes.

(Continua.)

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

AGUA DE PIZÕES—MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inequalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Mais esclarecimentos. — Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continte, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

NÃO CONCORDAMOS

Com a facilidade com que alguns dos nossos collegas dão publicidade a boatos que longe de servirem para prevenir, veem lançar o nosso Povo numa atmosfera de mal estar, numa inquietação continua, que os nossos adversarios exploram a seu bello prazer e os nossos partidarios se veem gregos para dissipar, com manifesto prejuizo para todos os ramos da nossa actividade, desacreditando-nos ante o estrangeiro que dia a dia vae exercendo nas suas visitas a este lindo canto da Europa e fazendo com que muitos dos nossos compatriotas emigrem, na supposição d'uma guerra civil que os apavora.

Incutamos a este Povo confiança, mostrando-lhe a belleza deste regimen, a sua superioridade sobre esse outro que falliu, recordemos-lhe as roubalheiras, os adeantamentos, as traficancias, esse sudario vergonhoso de tranpolinices infames que a monarchia nos legou e que a Republica quer sanear, que a Republica quer fazer desaparecer, mas só isto e dito no comicio publico, por homens que o Povo conheça e considere, e dito ainda em toda a parte e amiudadas vezes.

Incutamos-lhe confiança fazendo-lhe ver que esses traidores, não teem elementos de vida, não teem força, nem a que dá a superioridade numerica, nem a que á o *direito e a razão*, porque defendem uma causa sobre todos os pontos injusta, porque não é do Povo, mas sim d'essa nefasta realza, que cobriu de vergonha, que desceu a mendigar na sombra uma intervenção estrangeira, para lhe garantir a

continuação das suas violencias a seguro da justificada ira popular.

A sua vilania os leva a atacar principios são e justos, porque na chafurda da monarchia estavam cheios de honrarias e proventos que viram desaparecer.

Que essa vil canalha vae vivendo a custa de dinheiro fornecido por quem enriqueceu explorando o Povo trabalhador, escravizando a creança, a mulher e o velho, pela negregada companhia de Jesus que viu desaparecer este rendoso pinhal d'Azambuja, onde facilmente manobrava caçando heranças por mil engenhosas maneiras todas vis, fazendo a esposa e Mãe roubar e abandonar o marido e os filhos, a filha roubar e abandonar os Paes e irmãos.

Façamos-lhe ver tudo isto, citemos-lhe toda essa serie de factos que dia a dia se vinham dando com a protecção infame do governo, façamos-lhe ver que esses traidores compraram a ralé do povo estrangeiro com quem se enquadrilharam para nos vi-rem atacar...

Mas que venham quando quiserem, pois anciosamente ha muito são esperados; mas até lá, o Povo confie no Governo da Republica que velará pela nossa segurança e confie no exercito de mar e terra, porque elle na hora do perigo saberá cumprir o seu dever correspondendo á honrosa missão que o Povo lhe confiou.

Serenidade é o que é necessario.

Nada de boatos aterradores, nem de inquietações injustificadas.

e de que estamos crenes s. ex.º o Ministro da Guerra, cujo character recto ha muito apreciamos, attenderá como fôr de direito.

Já começou a mudança do regimento d'infanteria 23, para o novo Quartel de Sant'Anna.

Um imperduavel erro dos sargentos

Foi muito má a tactica adoptada pelos sargentos em principio da Republica, não conseguiram nada pela sua má orientação na maneira de fallar, escrever e pedir.

Analysando bem a sua obra de propaganda republicana e o desafôro como diziam mal de quem só depois de serem servidos o deviam dizer, tiramos as seguintes conclusões:

1.º — Que o sargento abraçava d'alma e coração o ideal republicano.

2.º — Que a sua limpida consciencia não tinha sido attingida pelo halito putrido do jesuita e que por isso não tinha a escola d'elle (de que tanto carecia para levar a effeito as suas aspirações.)

3.º — Que se não poupava em apontar publicamente os crimes da monarchia, julgando que em Portugal já não havia monarchicos apóz o triumpho da Republica, quando é certo que o paiz estava pejado d'elles, e por elles lhe havia de ser dado o que já em tempo lhe tinham pedido.

4.º — Que foi um imperduravel erro dos sargentos e que tanto contribuiu para o cerceamento das concessões que tinham em intenção fazer-lhe, crearem órgãos de defeza dos interesses da classe, onde tem dado largas á sua expansão, sem saberem que estão ferindo susceptibilidades na mão das quaes está: o quero, posso e mando; e que por isso mesmo nem no tempo da Republica elles chegam alcançar os seus fins.

Meditando bem sobre estas ligeiras conclusões, havemos de nos convencer de quanto ellas encerram de verdadeiro; e tanto assim, que o partido republicano ajuda no ultimo periodo se viu atrapalhado, lutando com grande falta de homens para constituir as suas commissões; freguezias havia aonde não tinha um unico partidario sequer!

Como é que elle agora conseguiu arranjar dentro da unidade republicana tanta gente para os variadissimos cargos de que se compõe o mecanismo politico?!

Evidentemente os aceitou da monarchia, porque os não tinha para completar o seu campo d'acção.

Tudo é republicano, apparentemente, é claro; no fundo, alguns, são retidamente monarchicos.

Os cargos politicos são variadissimos porque se podem contar desde o simples cabo de policia d'aldeia ao mais alto magistrado da nação. Não pôde ser esquecido tam-

bem como elemento cooperador da politica e burocracia, que é tão vastissima n'esta infeliz terra portugueza e de quem está pendente a tripa vazia dos pequenos.

Ora, não é facil transformar rapidamente consciencias habituadas em todos os tempos a restricções, a fazerem de prompto equitativas concessões, pelo facto de terem uma vez sido aspergidas com algumas gottas de elixir republicano, quando não tiveram o indispensavel baptismo.

D'aqui por 50 annos poderá ser que a sociedade portugueza seja republicana como era para desejar, por enquanto é cedo, infelizmente!

Não me recordo quem foi que disse um dia, algures, que os sargentos escusavam de contar com mais cousa alguma, quer do governo provisório, quer das Constituintes!

E assim tem sido.

Os jornaes de ferrenha feição monarchica (republicanos para inglez vêr) estavam agonisantes por dar nos sargentos para baixo, mas nunca se lhe proporcionou o ensejo para isso; aguardavam o mais leve sopro da brisa para nos fustigar a torto e a direito. Porque? Porque elles julgavam que com um contra-ataque monarchico feito no calor da revolução podia produzir para elles o effeito que produziu na Hespanha, quo a Republica teve lá a duração das flores.

Tal não succedeu nem succederia porque cada sargento faria policia por conta propria, tornando-se um verdadeiro espião em favor da Republica, o que os fez desgostar muito e roerem-se de raiva, não occultando o seu odio contra as tropas pequenas!

E tanto isto é verdade, elles não poderem soffrer com paciencia o rancôr que os invadia, que apenas os nossos camaradas de Lisboa foram castigados por terem pedido dentro dos limites da lei que lhe fosse extensiva a concessão de armamento e equipamento feita aos 1.ºs sargentos, attribuindo tal ommissão a qualquer lapso que podesse haver na ordem que a publicava, porquanto os sargentos em geral, estavam crenes de que ella havia de ser extensiva a todos, pois que, a O. do E. n.º 12 de 28 de dezembro de 1910 (2.ª serie) era bem explicita nas suas determinações á commissão na parte que dizia respeito á *modificação de armamento e equipamento dos sargentos*.

Dos sargentos, entendemos nós que, são todos. Ou não?... (isto é portuguez.)

Mas como se deu, infelizmente, a coincidência d'esses nossos camara-

Qual o motivo porque o nosso amigo e collaborador João Machado Toledo foi reformado, nos termos da disposição 6.ª do regulamento das readmissões?!

Consta-nos ter sido victima d'uma flagrante injustiça da qual reclamou,

das serem castigados, os jornaes do *fado-monarchico*, deram-nos logo bordoadas grossas e tiveram então occasião de agarrarem uma pançada de gloria.

Apodaram-nos de indisciplinados e tudo quanto havia de peor!

Só nos não chamaram monarchicos, jesuitas e traidores, com bastante magua d'elles!...

Estamos certos de que se o fossemos seriamos os seus meninos bonitos e nos prometteriam até as pyramides do Egypto. Mas nós não queremos. Preferimos ser martyres da Republica do que heroes da Monarchia, e até que nos chamem protestantes do que *Paivantes*.

D'esses jornaes que vieram em massa affrontar-nos, e dos do Norte, mereceu-nos especial attenção um pamphleto de Vizeu, que em carta de Lisboa, nos desancava sem dó nem piedade, crispando as garras aduncas nas suas victimas d'outros tempos, mas que hoje lhe dizem: — *passa de largo!*

O papellucho estabelecia paralellos entre varios regulamentos disciplinaes: monarchicos e republicanos, como se da Republica já tivessem sido publicados muitos, affirmando por fim serem estes mais rigidos do que aquelles, louvando os acoites, como se de regulamentos militares percebessem alguma cousa!

Tolo! Se fosse uma cataplasma de papas, talvez.

Finalmente, os sargentos tem luctado e continuarão a luctar pedindo que os attendam, mas não o serão tão breve pela má orientação que tiveram de principio.

Disseram mal da monarchia julgando que ella tinha viajado nas azas do vento, quando é certo que ella ainda está no paiz.

Se um dia tomar assento nas cadeiras do poder um homem que olhe para elles com olhos de vêr, poderá ser que tome em consideração os seus justos pedidos, mas para se revestir d'essa coragem tem que primeiro mandar ao diabo as teimosias dos monarchicos.

6-9-911.

C.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Deixou o seu posto o governo provisório depois de 11 mezes d'uma lucta insana, em que a agitação da turba multa social era constante e desenfreada.

Bem fatigados devem estar os cidadãos que o compunham, ao mesmo tempo que se devem sentir orgulhosos pela obra supinamente collossal que realisaram. Não resta duvida a pessoa alguma.

Era talvez impossivel edificar mais e melhor sobre esses alicerces completamente carcomidos, herdados da monarchia.

Não é comtudo desde já que a grandiosa obra ha-de resplandecer em todos os seus aspectos.

O tempo, o melhor mestre da vida, se encarregará de pôr em relevo todo esse quadro de engrandecimento nacional.

Especializando dentro d'estas simples considerações o que se fez pela pasta da guerra, devemos concordar que houve pela

parte d'ella uma enormissima somma de trabalho, que só o pode avaliar bem quem no trabalho encontra o poder e a lei da existencia.

Até ao dia 4 d'outubro pode dizer-se que não havia exercito; existiam de facto quartéis e soldados, mas estes sem preparação civica, sem amor patrio, sem noção alguma da missão dignificante de militar.

Eram homens disciplinados, mas nada mais. Conheciam o regulamento disciplinar e o grave-marche. Não lhes era permitido saber com conhecimento de causa mais do que isso.

Hoje não succede assim.

O soldado é um outro. Pode considerar-se um cidadão a quem se abriram as portas da liberdade (na sua accepção racional) e a quem se illuminou o cerebro com a luz scintillante da razão.

A classe dos sargentos, a classe dos opprimidos, essa elevou-se um pouco ao nivel dos seus merecimentos. Respira, sem duvida, num ambiente bastante diverso d'outros tempos. Diga o que se disser, a verdade é esta e só esta.

E' certo que não está tudo feito, como é certo que em 11 mezes não era possivel remodelar o exercito dos pés á cabeça; o que porém se realisou, é mais do que incentivo para aquelles a quem forem entregues os destinos do exercito não pararem e olharem bem de frente o caminho a seguir.

Deve decerto surgir no futuro a necessidade de submeter á fieira a vastissima obra realisada para corrigir um ou outro defeito e preencher lacunas, que as ha e grandes, mas esta tarefa em nada pode destruir as geratrizes da obra, que foi sobremaneira complexa e elevada.

Nessa empreitada impõe-se como primeira necessidade uma alteração á organização do exercito na parte que diz respeito ás promoções nas diferentes armas e serviços.

Outras questões technicas carecem tambem d'uma meticolosa revisão, que agora neste periodo de maior bonança se podem tratar com outro reparo.

Em conclusão: é vastissima a obra empreendida; falta completal-a, adaptando-a convenientemente ás exigencias que resultarem da sua applicação.

Conseguido este fim, tem o exercito uma enorme étape vencida.

Tendo assumpto urgente a tratar com o nosso illustre collaborador Hemiterio, pedimos a fineza de nos indicar para onde lhe devemos escrever.

Esteve entre nós o nosso amigo Raphael Gamas, 1.º sargento d'infanteria 7.

A MINHA PATRIA

Meu lindo Portugal, berço doirado
De heroes descobridores d'Além-Mar,
De esforçados varões d'esse Passado
Tão bello que ningnem pôde olvidar,

Tiveste e tens um nome assignalado,
E a lyra de Camões soube vibrar,
Em versos d'ouro puro, bnrlado,
As glorias que nos fazem deslumbrar!

Que orgulho eu sinto, patria estremecida,
Agora que te vejo resurgida,
Egrogia, radiante, triumphal!

Oh! tem sempre por lemma a Liberdade,
E diz, com altivez á humanidade,
Que não morre o teu nome, Portugal!

Tavira, Setembro de 1911.

LAURINDA SERYTRAM.

Reorganisação do exercito

Infanteria. — Quadro auxiliar do serviço de administração militar.

Pela nova reorganisação do exercito foram creadas sete companhias de subsistencias, ou antes: foram organisados os serviços de subsistencias do exercito, e com elles, creadas oito companhias, porque a antiga companhia, em nada se vae parecer na organisação moderna, com a sua organisação anterior.

Se a organica é differente, os seus quadros (não nos restam duvidas), deverão tambem ser differentes. Assim, determina o diploma que tracta da reorganisação do exercito que, n'essas companhias haverá um quadro de officiaes auxiliares, os quaes devem ser recrutados nos 1.ºs sargentos do quadro, da antiga companhia de subsistencias, e não os havendo, farão o serviço nas novas companhias, os officiaes do quadro auxiliar de artilharia e engenharia.

Li o diploma no *Diario do Governo*, e não escapou á minha freca perspicacia, tal disposição.

Mas reflectindo, interpretei esta determinação, como me parece a interpretar toda a gente, da maneira seguinte:

«Está bem: — A companhia de subsistencias, não tem para effeito de promoções, quadro proprio, mas sim um quadro de sargentos destacados da arma de infanteria, arma em que elles prestavam e prestam ainda — creio eu — as suas provas publicas, tanto nos cursos, e satisfação dos programmas das escolas regimentaes, como em concursos para o accesso aos postos de 2.º e 1.ºs sargentos.»

Em breve obtive a certeza de que a minha interpretação não tinha sido errada, pois promoviam em todas as armas e serviços, os officiaes para o completo dos quadros determinados pela nova lei, e nenhuma promoção constava para as companhias de subsistencias.

Outras ordens do exercito se publicaram sem que constasse qualquer promoção para as referidas companhias e, só agora na n.º 18, (2.ª serie) de 23 de agosto ultimo, apparece na secção — *Collocações* — «1.º grupo de tropas da administração militar, alferes, o alferes do quadro auxiliar José Manuel dos Reis.»

Não encontrei, porém, na mesma

ordem a sua promoção, o que me levou a crêr, haver lapso, tanto mais que o promovido, apesar das promessas que parece lhe tinham sido feitas, não acreditava, ou pelo menos fazia vêr isso.

Mas essas duvidas e essas esperanças de não vêr promovido a alferes um 1.º sargento da mesma arma, mais moderno que um avultado numero de sargentos ajudantes e 1.ºs sargentos, desvaneceram se-me, com a sua promoção de facto.

Resta-me uma esperança, e essa — não tenho duvida alguma totnar-se — á realidade, pois que s. ex.ª o ministro não hesitará fazer-nos justiça, pois tem sido sempre a sua norma de proceder.

E é a de que os sargentos da antiga companhia de subsistencias incluídos ainda no numero dos sargentos de infanteria, como tal sejam considerados e a promoção a alferes do quadro auxiliar das companhias de subsistencias, seja feita pelos sargentos ajudantes e 1.ºs sargentos de infanteria que acceitem a promoção, e esta por antiguidades dos que desejarem, garantindo-se-lhe a antiguidade anterior em relação ao 1.º sargento de *infanteria* ultimamente promovido.

Todos os sargentos d'infanteria satisfazendo ás condições de promoção ao officialato, tem os mesmos direitos que o sr. José Manuel dos Reis, pois a sua situação na companhia de subsistencias era occasional.

Nunca houve concursos, pelo menos que eu saiba, para a admissão de qualquer sargento na companhia, nem consta havel-os ainda.

Uma simples transferencia, que geralmente se fazia a pedido do interessado. E não era para desprezar tal collocação, especialmente os 1.ºs sargentos, pois a não ser o que respondia pela companhia, todos os outros, embora sobrecarregados com trabalho material, não tinham a responsabilidade moral e trabalho intellectual, que é exigido ao 1.º sargento que responde, sendo além d'isso gratificados.

Deixemos estas pequenas considerações, feitas sem intenção de menosprezar qualquer camarada, mas tão sómente no intuito de demonstrar que a collocação de qualquer sargento, na antiga companhia de subsistencias, puramente occasional, obedecia a circumstancias particulares e não a meritos especiaes.

Continuarei no proximo numero.

AINDA O VOTO!

CAMARADAS:

E' com indivisivel satisfação que vejo nos jornaes, termos sido incluídos no recenseamento eleitoral, em que os semi-analfabetos, ou todo aquelle que sabia lêr pouco ou escrever mal, são considerados cidadãos, enquanto que nós, triste era dizel o, continuavamos como d'antes, apesar do 5 de outubro.

Como d'antes? Que digo eu?

Peor, mil vezes peor, porque enquanto antes acceitavamos apparenemente os factos consummados, não podiamos trabalhar com enthusiasmo, ainda que a occultas, pela redempção da nossa patria querida; enquanto que agora... trabalhamos livremente.

Oh! monarchicos alegre-vos com a nossa obra, pela qual muitos como eu, com vaidade o digo, foram pre-

... e deportados, mas nunca, nunca, ouvi bem, cantas victoria, porque os mesmos que puzeram o vosso monarcha além fronteiras, vos porão a vós, se aproveitando vos do descontentamento que ainda entre vós lavra, tentardes o ensurgimento da vossa preciosa constituição.

Lembrae-vos ainda, oh! monarchicos, que me lêdes, que não ha muito que um famoso republicano disse: — *Hoje trabalho pela Republica a quem darei a vida, se tanto fôr preciso, porque só n'ella vejo a remissão da minha patria e amanhã contra ella e por ella, se vejo que ella periga.*

Pois bem, camaradas, uma vez que a fuzilaria de 5 de outubro não conseguiu pôr fóra, com o ultimo monarcha o regimen de excepções, vamo-nos impôr, não comploés ou indisciplina não, isso nunca, porque o que hontem nos honrava, nos rebaixaria e aviltaria hoje, mas pela força moral, e para isso é preciso dedicado estudo e desenvolver o nosso jornal, para assim depois podermos discutir n'elle, segundo os recursos intellectuaes de cada um, tudo o que lesando-nos nos nossos interesses de cidadãos d'uma patria livre, possa redundar em prejuizo da **Patria e da Republica!**...

Aqui fica o alvitre.

Timor, 2 — 5 — 1910.

AGOSTINHO LEONARDO RODRIGUES
2.º sargento de artilheria.

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

Recebemos e muito agradecemos a importancia das suas assignaturas por um anno, dos srs. Alberto Abreu Couceiro, 1.º sargento d'infantaria, Capelongo; Cezar Augusto Monteiro, 2.º sargento enfermeiro, Huilla; a de um semestre, dos srs. José Serra da Silva, 1.º sargento d'infantaria 17; Abel Augusto Lopes d'Almeida, 2.º sargento d'infantaria 19; e a de um trimestre dos srs. Jayme Antonio Neves, 2.º sargento d'infantaria 35; Francisco Gomes Malaca, 2.º sargento d'artilheria 3; Antonio Lopes d'Azevedo, 1.º sargento d'infantaria 15 e Raphael Gamas, 1.º sargento d'infantaria 7.

LITTERATURA

LAGRIMAS EVOLADAS

II

MATER DOLOROSA

Ella espraia a vista pelo horizonte amplo, pela immensidade do oceano.

— Mãe, tenho fome!...

Em volta, formando um circulo, 4 creanças, seus filhos, pediam de quando em quando, em voz debil, com que saçar a fome que se desenhava nitidamente nos seus rostos macerados, nas suas faces lividas de cera.

Alterosas montanhas d'agua se formavam além, para virem morrer na praia, espalhando a sua espuma branca e saltitante, que formava um enorme contraste com a negridão d'aquellas 5 almas atribuladas que ali padeciam os horrores da fome e a ausencia do esposo querido e pae carinhoso.

Branças gaivotas andavam em continuos vaivens por sobre a limpidez azulada do mar, batendo as azas e espadanando a agua que assim, solta em gottas e arremessada ao ar, se assemelhava a milhares de rubis esbatidos pela luz rebrilhante do sol.

Elle tinha embarcado n'um navio veleiro, como tripulante, farto de viver na miseria e arrostar com as injustiças d'um destino perfido.

Ainda na vespera do dia da partida tinha unido de encontro ao peito a esposa querida e os filhinhos estremecidos, com esperança n'um futuro mais desafogado e feliz embebido em chimeras, em phantasias, na doce visão de sonhos d'ouro, que lhe diziam ser além-mar realisaveis.

E depois...

— Mãe, tenho fome!...

O mesmo lamento, vagamente repercutido, já de si tenue, mas que o bramir das encapelladas ondas tornava ainda mais fraco.

E o sol desaparecia lentamente, deixando sobre as aguas um rasto luminoso e vermelho, como a recordar o sangue de tantos e tantos infelizes que ali tinham morrido, uns casualmente, outros em combates fracticidas e insanos de vaidades contra vaidades.

Noute cerrada.

Farta de esperar, a desventurada caminha, silenciosa e taciturna, para a sua miseravel habitação, n'uma dôr horrivel, um desespero ardente, em que a põe a cruel duvida da sorte do ente que lhe é querido.

Mãe, tenho fome!...

Sempre aquelle lamento, atirado em vão, emquanto a acompanhavam, mal se arrastando com debilidade.

Ella, a esposa e mãe dolorosa, esperava o dia ajoelhada em frente d'um crucifixo que pendia da parede, illuminado por uma frouxa lampada de azeite, que mal espalhava a sua luz pelo rosto palido do Redemptor.

A aurora palida rompe, e com ella os clarões resplandecentes do sol.

A' porta da misera habitação tres pancadas soam, e um carteiro acaba

de chegar com uma carta que a desventurada abre e lê rapidamente.

Um grito estridulo se ouve, e no mesmo instante rola um cadaver pelo chão.

Aquella carta era o ultimo adeus do esposo querido e pae estremoso que, longe, muito longe, tinha morrido na lucta pela sua vida e dos seus.

E a desventurada não pudera resistir áquelle golpe tão fundo!

E o grito eterno das creancinhas ingenuas:

Mãe, tenho fome!...

AGACIO SERRA.

Nota do auctor. — No ultimo artigo por mim publicado neste jornal appareceram algumas gralhas, talvez devido ao adeantado da hora.

Entre ellas, ha duas que não podem ficar sem rectificação, pois que são dois verbos empregados em tempos que não formam sentido.

Fica portanto aqui a rectificação: Onde se lê: «Voar sempre, etc.», deve lêr-se: «Voava sempre, etc.», e onde se lê: «ella singrando os ares, etc.», deve lêr-se: «ella singrava os ares, etc.»

Tem estado em Coimbra o nosso amigo e assignante sr. dr. João dos Santos Apostolo, digno notario na Louzã.

No domingo á tarde desencadeou-se sobre esta cidade uma formidavel trovoadá.

Na estação de Coimbra B, onde tivemos occasião de apreciar este phenomeno, havia bastantes curiosos, que admiravam o espectáculo surpreendente do fuzilar do relampago e o ribombar do trovão.

Choveu torrencialmente, não havendo noticias de desastres a lamentar.

Como deve ser ministrada e qual deve ser a instrucção das praças inferiores do nosso exercito?

Camaradas:

Aqui teem uma pergunta que homens de reconhecida intellectualidade teem formulado em todos os tempos e a quem ainda nenhum respondeu cabalmente, nem jámais responderá; e isto pela razão de se não poder pôr entaves ao progresso, que dia a dia mais nos assombra.

Dito isto vou submitter á apreciação de todos os illustres camaradas que me lêem, o que penso neste sentido, pedindo a todos o favor de dizerem o que se lhe offerecer sobre o assumpto, e como da discussão é que nasce a luz, no dizer do ditado, é muito provavel que alguma coisa consigamos para bem do exercito, da Patria e da Republica.

Como mui bem disse um nosso illustrado camarada num dos numeros d'este nosso semanario, pela nova lei de recrutamento vamos ser muitas vezes obrigados a ter de nos defrontar com individuos de todas as camadas sociaes; e, por consequencia, com muitos que contam na sua bagagem litteraria, saber sufficiente para ir para entre os restantes seus camaradas, criticar actos a que involuntariamente muitas das vezes damos azo, pondo-nos assim

a ridiculo perante aquelles que em todos os casos nos devem julgar superiores a si, quer intellectual quer professionalmente.

Ora, é para obviar a taes inconvenientes que nós (conhecedores como nenhum outro, dos bastidores da caserna), sabendo darem-se, precisamos de nos instruir, principalmente os que, como eu, teem uma instrucção muito reduzida, isto não só para o nosso bem commum, mas ainda para o nosso bem particular e para a disciplina, sem a qual não pôde haver exercito.

Só pela instrucção, camaradas meus, conseguiremos deixar de ser automatados d'uns, escarneos d'outros; impôr-nos aos nossos superiores e termos jus emfim á admiração de todos que confiam os seus filhos ao exercito.

Só assim é que nos podemos orgulhar, porque só então poderemos desempenhar cabalmente a difficil e espinhosa missão que nos está confiada — a educação do soldado.

Timor, 25-5-911.

Agostinho Leonardo Rodrigues,
2.º sargento d'artilheria.

(Continua.)

Recepção

O 2.º sargento do 18, hoje tenente, sr. José Ribeiro, que se portou como heroe na madrugada de 31 de Janeiro e que hoje se acha aggregado a esta divisão militar, foi ha dias de visita a Oliveirinha depois de 20 annos de exilio.

Preparou-lhe a terra natal uma calorosa recepção, tendo sido convidados varios revolucionarios d'aquella época, partindo tambem para alli o sr. tenente Cesar Caldeira, bem como varios oradores republicanos, a pedido do nosso amigo sr. Diamantino Diniz Ferreira.

CARTA

Sr. director da *Voz do Sargento*

Tendo visto publicado no *Seculo* de 24 de junho ultimo, um pedido ao ex.º Ministro da Guerra, para que os 2.ºs sargentos promovidos a 1.º no Ultramar, não sejam admitidos no exercito da Metropole por irem prejudicar os 2.ºs sargentos d'esse exercito, com o que concordo plenamente, peço a v. a fineza de publicar n'ese jornal o seguinte pedido, que tambem faço ao illustre Ministro da Marinha e Colonias, para que os 2.ºs e 1.ºs sargentos do exercito Metropolitano não tenham passagem ao Colonial no posto immediato, como até agora se tem feito, e com prejuizo para os individuos d'esta classe em serviço nas tropas Ultramarinas, e então — se assim se fizer valerá a pena o sacrificio que nós os europeus fazemos em permanecer nas colonias por 25 ou mais annos, pois que até o thesouro lucrará bastante, não só com as multiplas viagens d'esses sargentos e officiaes de vinda e regresso de dois em dois annos, mas com o demasiado augmento de vencimentos de estes ultimos.

Muitas mais razões teria para allegar, mas parece-me que estas são mais que sufficientes para justificar o meu pedido, reservando as restantes para outra occasião, se tanto fôr preciso.

Macau, 18 — 8.º — 911.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no aprasivel, saudavel e hygienico bairro

DO

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de COIMBRA, num edificio com muito ar e muita luz a 5 minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, o mais antigo e acreditado Collegio que recebe ALUMNOS EXTERNOS

Direcção e administração a cargo de **JOSÉ D'ALBUQUERQUE**
Official do Exercito

Tratamento em familia — CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Não ter mais de 18 annos. — Ser saudavel e não soffrer de molestia alguma. — Pagar no acto da matricula a verba d'alojamento e todos os mezes até ao dia 3 a da alimentação.

Apresentar para o seu uso, os seguintes artigos: Cama de ferro, de 1,70x0,75, com enxergão e colchão de palha de milho, travesseiro e almofada.

Lavatorio completo. — Mesa de cabeceira, com bacia de cama esmaltada.

Mesa de 0,85x0,45 com gaveta e chave, uma cadeira, um candieiro de petroleo com bocal de 8', um tinteiro, um cabide, uma estante de parede com duas prateleiras de 0,65, uma garafa de barro para agua e um copo de vidro.

Um cobertor d'algodão, dois de lã, seis lençoes, quatro fronhas para travesseiro, quatro para almofada, dois lençoes de banho, seis toalhas de rosto, seis toalhas para pés, duas colchas, oito guardanapos, uma sacca para roupa e um par de calçado de trazer por casa.

Escovas para fato, cabello e den-

tes, um copo esmaltado, dois pentes sendo um de alisar, outro fino uma thesoura d'unhas, uma argola para guardanapo. Todos estes artigos devem ser marcados com as iniciaes do pensionista e numero de matricula do pensionata.

Alimentação, 15\$500 réis mensaes

Almoço—Sopa e um ou dois pratos, chá e torradas.

Lunche—Pão com fructa ou queijo com doce.

Jantar — Sopa, dois pratos, vinho e sobremeza. — Doce ás quintas e domingos.

Ceia—Chá e torradas.

ALOJAMENTO—Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto, conforme a sua capacidade e tamanho. — Preço do alojamento, 25\$000 réis.

Esta importancia só é restituída por falta de cumprimento d'esta proposta.

ESTUDO—E' vigiado durante a sua duração.

O pensionato possui dois explicadores com longa pratica: Mario Gomes da Silva, official do exercito e Guilherme d'Albuquerque

PREÇOS MODICOS CONVENCIONAES

DIAS DE FERIADO—Passeios, visitas e excursões educativas

OBSERVAÇÕES

1.^a—Não é permittida a saída do pensionista sózinho, a não ser para as aulas, salvo com previa auctorição das familias.

2.^a—O pensionato possui um magnifico jardim para recreio dos pensionistas.

3.^a—Quando o tempo o permitta, haverá passeio em seguida ao jantar, sendo os pensionistas devidamente acompanhados, e tendo nessa occasião logar varios jogos educativos.

4.^a—O pensionato informará mensalmente a familia da conducta do pensionista.

5.^a—O pensionato será indemnizado de quaesquer prejuizos feitos intencionalmente ou por descuido dos pensionistas. — O director não responde pelo extraviio dos objectos que não tenham sido confiados á sua guarda, o que muito recommenda.

6.^a—Os pensionistas que completarem 18 annos no pensionato, e que queiram continuar no mesmo, podem fazel-o, se o seu comportamento anterior a isso se não oppozer.

7.^a—O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnização alguma das

verbas de alojamento e alimentação já pagas. Neste caso a familia é sempre avisada e informada do que originou tal deliberação, que se torna effectiva no acto da familia se apresentar a receber o pensionista.

8.^a—O pensionato fornece livros, papel, lapis, canetas, etc., pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é in tuito seu negociar com os pensionistas.

9.^a—Alimentação especial e tratamento por doenças são pagas á parte.

10.^a—O pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento da roupa dos pensionistas por 1\$000 ou 1\$500 réis mensaes, conforme a roupa de gomma que usar.

11.^a—Na verba de alimentação está incluída a luz e banho.

12.^a—O pensionato encarrega-se gratuitamente, da matricula dos seus pensionistas uma vez que lhe seja enviada a verba d'alojamento e a importancia da matricula.

Os pensionistas que as familias não queiram que vão a ferias podem ficar no pensionato, o qual se conserva aberto todo o anno.

Recebem-se propostas desde já, dirigil-as a **JOSÉ D'ALBUQUERQUE**

Calçada de Santa Isabel — SANTA CLARA — COIMBRA

Roga-se ás pessoas que este annuncio lerem, a alta fineza de o transmittirem a outras das suas relações a quem a sua leitura possa interessar.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.

Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente **PURA**.

Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa **Gaitto & Cannas**

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc. Preços modicos.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

VIVA A REPUBLICA!

Deve ter deixado de ser uma utopia para os descrentes e mal intencionados a Republica Portugueza, que acaba de ser reconhecida como tal pelas potencias da Europa, como já o havia sido pelas da America, sendo as avançadas d'aquella a Suissa, bello Povo por quem sentimos tanta admiração e a França, que mais uma vez manteve as suas velhas tradições de correcção, amabilidade e distincta fidalguia, reconhecendo a nossa Republica, no proprio dia da nomeação do 1.º Presidente.

Ao largo! vis traidores! Essa corrupta monarchia que defendeis, apesar de conhecerdes todas as suas infamias, todas as suas vilanias, não desapareceu só de Portugal, foi riscada dos mappas, deixando por isso de existir para toda a Europa, para

todo o mundo, que dia a dia vem reconhecendo o nosso direito e a razão que nos assiste.

Estavamos sendo roubados, desacreditados, enxovalhados ante o mundo civilisado por uma camarilha, que tinha á frente um imbecil e cretino, uma creança sem dignidade pessoal, sem instrucção, sem vontade sua, um verdadeiro boneco de cordelinhos, nas mãos d'essa depravada quadrilha que tanto prejudicou Portugal com a sua protecção escandalosa á *seita negra!*

PORTUGAL é livre!

A aurora de 5 de outubro, jámais se extinguirá!

Trabalhem, pois, todos os que se prezam como portuguezes, para que as gloriosas tradições d'este velho Povo se mantenham.

CIVISMO

Para quem a Patria merece a superior consideração das coisas grandes, que devem ser amadas e defendidas a troco da propria vida, a palavra civismo tem um logar supremo e respeitado na convicção de um patriotismo puro e fiel.

As lições de civismo aprendem-se desde os bancos da primeira escola até que os rebates do ultimo quartel da vida nos vem annunciar o termo da jornada por este mundo. Em todas as etapas se aprende e se ensina. Em todas as lições ha sempre um conhecimento novo, mais um attributo, mais um laço que nos prende ao exemplo dos nossos concidadãos, mais uma noção que nos enriquece a alma de patriota e que nos faz mais bella e desejada a existencia dentro da nossa Patria.

Mas isto são theorias para os que collocam os seus interesses pessoais superiormente aos da Patria; trópos de impostura para valer aos olhos dos outros o que se não vale a si proprio.

As provas de civismo em Lisboa são bem comparadas ás que devem haver em Marrocos, que dizem atrazado os que aqui julgam civismo unico e fabuloso escrever-se *cidadão* no envelope da carta e *saude e fraternidade* no fim da escripta.

Não causa estranheza o estagnar d'estes principios, porque os homens que hoje prendem a atenção de todo o paiz, e a sua respectiva imprensa, andam n'uma rebellião constante que imprime no animo do povo, já saturado de tragedias d'esta ordem, uma nota triste e irremediavel.

O povo, em logar de assistir diariamente ao testemunho de uma con-

ducta de civismo que o conduza a interessar-se nas questões patrias, vê a disputa e a discordia entre quasi todos os homens que lhe tinham merecido cma confiança illimitada — e descrê.

Em logar de encontrar conjugados todos os esforços patrioticos no sentido de elevar o paiz ao nivel de uma moralidade absoluta que mereça fóros de civilisação aos olhos do estrangeiro, vê ainda a accentuada tendencia de proseguir nos velhos costumes dos partidos, dos blócos, dos pleitos pessoais, dos odios, de toda essa vil engrenagem em que succumbiu o velho regimen, cujo reflexo volta a toldar a luz dos cerebros, os pensamentos honestos e patrioticos de quem não quer tomar parte na lucta e só quer o bem da Patria e da Republica.

Senhores do Congresso Nacional:

Lembrae-vos que o povo lê em vós como n'uma cartilha aberta, segue-vos como o cão fiel segue o dono, imita-vos nas contendas, copia os vossos pensamentos, ainda os peiores, e transporta a ideia do bem e do mal a todos os recantos onde vive e labuta. Vós sois o exemplo, sois o mestre, elle o espião inconsciente que reproduz mal e avoluma a gravidade do que não deveis dizer nem fazer.

Para crear um dique que seja um obstaculo permanente e seguro á reproducção do mal, não deveis dar senão os bons exemplos, supprimir rixas, evitar contendas e, sobre-tudo,

Unir-vos.

Esta é a primeira lição de civismo que lhe podeis dar.

Se não fôr de vós o exemplo, de mais ninguém o será. A geração que agora vive só se inspira na vossa conducta, porque não sabe inspirar-se em si propria. A independencia

que engrandece todas as ideias e todos os pensamentos hade ser patrimonio das gerações futuras, por que então todo o cidadão hade saber lêr e hade saber ser, de facto, um bom cidadão.

Agora, porém, dae vós o exemplo.

B. S. FERNANDES.

Os amanuenses do Secretariado Militar e as excepções da lei

Não comprehendemos que n'um regimen que adoptou por divisa a Igualdade, a Fraternidade e a Justiça ou outra que quizerem admitir, mas que se não desvie d'aquella, faça excepções nas suas leis, em logar de derruir todas as que se acham ainda de pé, edificadas por uma monarchia que foi saccudida de Portugal pela sua imposição autocrata e renitente em processos d'esta natureza.

A Republica, quando na opposição combatteu sem treguas a Monarchia, por ella ser eximia em leis de excepção, sem que as necessidades do momento ou estacionarias as pedissem, mas porque muitas vezes queria favorecer este ou aquelle n'uma propicia occasião, com prejuizo manifesto de classes futuras.

Não deve a Republica seguir tão manhosos quanto indignificados processos legislativos, porque denotam herança da pedagogia monarchica que nunca soube mais que fermentar a rebellião na familia burocratica-inferior ou proletaria do paiz, que, com as grossas bagas do seu amargurado suor a sustentava no bastão do poder, mostrando-lhe com impudico amor as algemas inquebrantaveis da sua força invensível, que

tanto atemorizava esta plebe faminta e ultrajada.

Como se explica, como se pôde admitir, e como poderá passar em duas Camaras, uma lei de excepção, como a que a reorganisação do exercito ultimamente publicou, (O. E. n.º 11, 1.ª serie, de 26 de maio ultimo, art.º 188.º, § 1.º, a) b) c) d), §. 2.º; art.º 189.º e 190.º) com relação aos amanuenses do Secretariado Militar?!

Admittindo apenas aos concursos para officiaes do mesmo secretariado só os que contem 3 annos de serviço até á data da publicação da dita reorganisação?!

Ora valha-nos São Borromeu. Não pôde ser!...

A Republica fez-se para todos e não para meia duzia de engraçados.

Como se explica que os actuaes amanuenses sejam tão beneficiados e os futuros não gosem de identicas regalias ficando alli embarrados para a eternidade, como beco sem sahida?!... Não pôde ser!

Como se explica que aos amanuenses do Ministerio das Finanças fosse supprimida a cathogoria respectiva para serem levados á de 3.º officiaes, só com o fito de lhe poder ser dado sem grande reparo a pequenita quantia de 600\$000 réis annuaes?!...

E os amanuenses do Ministerio da Guerra que são precisamente os do Secretariado Militar, os deixassem com os 400\$000 réis annuaes que lhe deu o João Franco?!...

E para elles não protestarem contra semelhante desigualdade de vencimentos entre individuos da mesma cathogoria, se lhe deu sahida para o quadro dos officiaes respectivos, com manifesto prejuizo dos 1.º sargentos e sargentos ajudantes do exercito, e ainda dos futuros amanuenses?!... Não pôde ser!

Não pôde ser porque nós appellamos para as Camaras dos Deputados e Senadores da Nação com o fundamento de que tal medida é uma lei de excepção e que não ha nada que a justifique, porque em toda a sua origem se apresenta com grave e concreto prejuizo das classes inferiores do exercito e dos proprios amanuenses vindouros.

Accaso obedeceria esta democratica medida tambem a razões de tactica e organica? Se assim é, está bem. Mas falta quem nos diga onde é que ella está, como faltou quem dissesse com acertada razão onde ella estava com relação a armamento e equipamento dos 1.º sargentos com omissão dos 2.º

A nosso vêr o amanuensado do Secretariado Militar não devia ter sahida para o officialato do exercito, mas sim para outros ministerios, como civis, que o são; caso lhe não queiram dar a melhoria de vencimento que deram aos seus collegas amanuenses — 3.º officiaes, das restantes secretarias do Estado.

Estas disposições iniquas da lei faz-nos lembrar o tempo da monarchia: — *governe-se quem poder!*

O cidadão dr. Antonio José d'Almeida disse ha dias no parlamento: «a obra do Governo Provisorio precisa de ser toda revista com meticolosa attenção e retocada, porque sahio com grandes erros, e em geral muito defeituosa.»

Isto é axiomático.

Evidentemente demonstradas estão as suas grandes mazellas, pois que, a Republica fez se para todos e não para meia duzia de favorecidos.

Muito cegos andam aquelles que desejarem trilhar o caminho dos erros passados e não attendam as reclamações que se fundam em principios justos e indestructiveis.

Hoje não sabemos a quem pedir! A quem reclamar! A nossa bússula desorientou-se desde que lançaram nas trevas as nossas mais sacrosantas aspirações e justiça, e por quem tanto trabalhamos; atiravam-nos para o perigo sem nunca o medirmos, mesmo nos lances mais perigosos dos tempos remissos da monarchia; acariciavamos o lombo da espingarda que havia de servir a vida dos sequazes-realistas, dos delapidadores d'esta ditosa Patria nossa amada, e por quem os sargentos da mochila e os sargentos da espada dão o ultimo alento, a ultima gotta do seu sangue rubro e portuguez; porque elles constituem em grande parte o exercito do gôrro vermelho, que mais se salientou não só no preparo da revolução como no seu triumpho, por isso desejamos que ella se lembre de nós.

12 — 9 — 911.

VIVA A PATRIA LIVRE!

(Das paredes de uma prisão)

Emquanto na terra existirem homens, hão de haver ideias; e emquanto houverem ideias, haverão revoluções.

Mas... desmoronae o enorme castello de paixões politicas; levanta os opprimidos de sob o esmagador peso do feudalismo que ainda impera; rasgae de luz as trevas da ignorancia; abri vastos horisontes

ao commercio, industria e agricultura; unifica quanto possivel a vontade do povo a vossa e a do governo que vos rodeia, pelo amor, pela verdade e pela justiça; use a maxima liberdade prudente; e vereis então como a nova patria se ha de erguer para sempre, sobre o pedestal glorioso que os nossos valorosos antepassados lhe formaram!

Procedendo assim, a Patria e os seus filhos não esquecerão o vosso nome.

Não sou intelligente nem politico; mas já que a injustiça dos homens até aqui me conduziu, eis o que vos aconselho.

João Ferreira de Carvalho

Professor

BREVES CONSIDERAÇÕES

Quer-me parecer que seria d'uma grande efficacia proceder-se a uma reforma completa na escripturação do exercito, mas esse trabalho encaminhado no sentido de a simplificar bastante e de lhe eliminar o superfluo, que é em demasia.

E' uma medida que se impõe por muitas razões, sobresahindo entre ellas a da economia, e a de aproveitar melhor os factores — actividade e tempo — de que tanto se carece para tornar mais fecunda a instrução militar, que especialmente nos quadros graduados, é um tanto pobre e deficiente.

Não exagero nem fujo á verdade em toda a sua essencia, fazendo esta allegação.

Quem pelos quartéis tenha feito uma assistencia mais ou menos demorada, confirma necessariamente o que fica exposto, e não deixa de considerar, como eu, que a papelada no exercito é um cancro com todos os seus resultados perniciosos.

E' explicavel que em materia administrativa se adoptem todos os processos indispensaveis para a legalisar e evitar fraudes, embora esses processos tenham que ser muitos e fastidiosos.

Mas, mesmo assim, convenço-me de que se poderá reduzir muito o que hoje existe sobre esse ponto, e amoldar as suas normas a um sistema mais regular e consentaneo.

O que não couber dentro da alçada administrativa, merece ser corrigido e extremamente simplificado, sem que deixe de assentar em bases intuitivas.

Exterminar todos os documentos e formulas de significação nulla, é, talvez, por onde se deva começar.

Será pois d'um grande interesse estudar o assumpto, e procurar-lhe a solução precisa, para que o exercito se vá desvencilhando dos anachronismos que ainda lhe affectam a existencia, tolhendo-lhe os movimentos necessarios para a sua gymnastica evolutiva de saneamento e progresso.

J. A. Gomes.

Separação do Estado das Igrejas

Não temos a necessaria competencia para entrarmos na discussão d'esta materia, porque, para tal fazer, era-nos necessario possuir pelo menos uma formaturinha; mas como a todos nós nos é licito, dentro da legalidade e depois de erguido o pendão da ordem, manifestarmos as nossas ideias sobre qualquer assumpto que implique o bem estar

da patria, eu como filho do povo, venho hoje pedir licença ao nosso amigo e director da *Voz do Sargento*, para que neste jornal de classe alguma cousa se diga sobre a lei que deve servir de base para o engrandecimento da Republica e portanto da patria, a lei de separação.

Esta lei que politicamente serviu de pedestal para que trez grupos de deputados, julgando-se senhores e mandões, manobrassem a seu modo e prazer, dentro da casa mais sagrada que o paiz possui, sem que houvesse o menor respeito pela consciencia d'aquelles que alli os levaram!

Os referidos tres grupos (Fé, Esperança e Caridade), formando uma só pessoa distincta, não tiveram em mira senão combater um homem que mais se sacrificou pela causa republicana, que mais trabalhou como ministro, para o engrandecimento do paiz. Este homem tem causado assombro ao mundo culto e é na Europa considerado como um dos mais habeis, pelo que constitue uma gloria para nós portuguezes.

O bloco, juigou que combatido o auctor da lei de separação, este ficava completamente aniquilado.

Puro engano.

Este homem, á medida que os seus inimigos o combatem, a sua importancia vae-se tornando tanto maior.

O povo tem nelle uma verdadeira fé.

O povo quasi que o considera insubstituivel, e, para o provar, bastam as manifestações espontaneas que por todas as partes do paiz lhe foram feitas, apoz as declarações medicas o darem livre de perigo.

Homem como este, tão amado e querido pelo povo, não é facil ser politicamente derribado, e se o fosse... seria por tempo ephemero.

O povo que vela por aquelles que tanto trabalharam, não deixará cair na lama... um homem que tanto enalteceu o seu paiz e que continuará a enaltecel-o!

Aquelles a quem pela cabeça lhe não passou, que a Republica seria um facto, são exactamente os que no sua maioria romperam contra o auctor da lei da separação.

A lei da suparação deve manter-se como está pelo menos por um anno.

Se depois na pratica se reconhecer a conveniencia de modificá-la, estou convicto de que o seu proprio auctor concorrerá para que essas modificações se façam; mas antes não, porque modificar a lei é modificar-lhe a sua essencia.

Depois temos o povo que a appoia, e não respeitar o povo não é bom.

O bloco, como representante da nação deve evitar a discordia no paiz, pois ella só pode agradar aos inimigos (Paivantes) e ainda a ou que estão á espera da ultima moda.

A divisão do partido republicano, já não é boa, mas já que ella se deu ao menos que se mantenha a harmonia necessaria para que a Republica não soffra ainda algum abalo.

Coimbra 16 9 911.

Um admirador do grande estadista

Temos presente a revista illustrada *Bussaco-Luso*, que vê a luz da publicidade nesta aprasivel instancia.

E' seu director o sr. Henrique Cerveira, a quem agradecemos a amabilidade da deferencia e com quem gostosamente vamos permutar.

LITTERATURA

A ALGUEM

Oh! como é triste a vida, meu amor,
Sem vêr fulgir na minha noite escura
O luzeiro divino, encantador,
Do teu olhar de célica doçura!

Esp'ranças, lédos sonhos de ventura
Levou-m'os esse olhar fascinador...
Só tenho, n'esta vida de amargura,
A tristeza, o pezar, o tedio, a dôr.

Nas horas de cruel isolamento,
Revôa para ti o pensamento
Qual phalena gentil buscando a luz...

E tu vives talvez já desdenhando
A saudade que eu vivo acalentando
D'este amor que me fere e me seduz.

Tavira — Agosto de 1911.

LAURINDA SERYTRAM.

AS MULHERES E O AMOR

A Mademoiselle Julia Silva Mendes.

Era n'uma noite de verão, amena e luarenta, bafejada por um brando zéphiro que arrastava consigo o suave perfume das magnolias em flôr.

A lua projectava no mar uma longa esteira prateada.

Na sua janella debruçava-se a bella Julieta, como se esperasse o seu Romeu.

Por fim elle appareceu a enviar-lhe presa a uma fita azul uma carta, sellada com um beijo d'amor, que ella recebeu nos labios côr de rosa.

Que palavras ternas conteria aquella carta escripta com o fogo d'amor das 18 primaveras?

E' difficil descrevel-o.

Juravam, por certo, um amor eterno, um amor que só a morte extinguiria e... quem sabe? talvez ainda d'além tumulo se podessem amar!

Ella jurou desobedecer aos paes se elles tentassem contrariar o seu amor; elle jurou fugir com ella e irem os dois viver n'uma casita de campo muito branca, muito ridente, que tornaria a sua felicidade ainda mais completa!

Levantar-se-iam de manhã muito cedo e viriam cumprimentar o sol, os campos floridos e as avesinhas saltitando de flôr em flôr.

A' noite, debaixo do arvoredado, escutariam nos braços um do outro o cantar do rouxinol e o correr da agua no ribeiro; como iam ser felizes! Como os seus corações se comprehenderiam!

Depois outro beijo, e toda a noite pensariam um no outro. Que projectos de futuro, que doce amor, que paz, que tranquillidade!

Passaram-se dois mezes.

Todas as noites novos projectos, e novas reduções na sua vida de casados.

Mas um dia, oh! infelicidade; apparece outro Romeu que lhe jurou tambem o seu amor, e o primeiro foi esquecido, desprezado cruelmente!

Casaram-se.

Nos primeiros tempos tudo correu bem; mas depois a primeira nuvem appareceu no horisonte.

O marido não era o que ella tinha idealizado; achava-o frio, triste, abatido.

E então chorou com saudade o seu primeiro amor! Esse sim, esse amava-a sinceramente.

Recordou-se tristemente das suas promessas de que iria cumprimentar o sol, os campos floridos e as avesinhas saltitando de flôr em flôr, e só então se lembrou que esse bello sol se escondia, que os campos floridos na primavera eram agrestes e resequidos as suas flôres no inverno, e como as avesinhas saltitando de flôr em flôr, assim o seu amor tinha saltitado de coração em coração!

Depois sorriu, mas esse riso era amargo e provocava o seu arrependimento por ter despezado quem tanto a tinha amado!...

N'um bello dia de verão Julietta estava sentada no seu jardim lendo os jornaes da manhã e deliciando-se de vez em quando em olhar para a pequenina Rosa, sua filha, que era o seu unico enlevo, a unica coisa que a prendia ao mundo.

Mas ao mesmo tempo lembrava-se d'aquella noite de verão amena e luarenta, bafejada pelo brando zéphiro que arrastava comsigo o suave perfume das magnolias em flôr, em que ella esperava o seu primeiro amor. Fazia dois annos. E que saudade immensa! Lembrava-se como se fosse hoje.

Mas de repente deparou-se-lhe uma noticia cercada por uma vinheta negra, leu:

«Hoje, pela manhã, foi encontrado morto o nosso amigo ***. O infeliz suicidou-se dando na cabeça um tiro de revolver.

Crê se que os motivos que o levaram áquelle extremo foram uns amores não correspondidos.»

Não poudo lêr mais. O jornal cahiu-lhe das mãos, e soltou uma gargalhada que gelaria o sangue de quem a ouvisse. Depois deitou a correr pelo jardim sem se importar com a creança que a olhava afflicta.

N'um canteiro ao pé do lago arancou algumas flôres, que despedaçou depois, ao mesmo tempo que soltava estridentes gargalhadas!

Estava louca!...

Ao menos esta comprehendeu, se bem que tarde, o que era amar...

Figueira da Foz, Agosto de 1911.

Eduardo Augusto F. Tudella.

A solução do problema economico impõe-se

De tudo se tem tratado, menos de administração.

E' triste dizel-o, mas é uma verdade.

Ainda bem que o actual governo parece querer enveredar por caminho differente e tanto assim é, que, ha dias, s. ex.^a o Ministro das Finanças, se a memoria me não falha, propoz e muito bem, que nem todas as leis promulgadas pelo governo provisório tivessem completa execução, mórmente aquellas que importando augmento de despesa mais contribuem para o desequilibrio orçamental.

E' uma medida altamente sympathica, moralisadora e patriótica esta, que faz honra ao seu auctor; porquanto, a solução do problema economico, é uma necessidade que se impõe e que prevalece a todos as outras.

E' necessario que todos se convençam d'isto e que os eleitos do povo, principalmente, secundem o governo n'esse sentido, não lhe exigindo a conservação de determinadas leis anti-economicas, ao mesmo tempo que querem vêr o orçamento equilibrado; isto é, não lhe exigindo senão o que fôr justo e sincero.

Se não se pozér de parte, nos limites do rasoavel, *politiqices, interesses, pessoas, egoismos e vaidades*; se não trabalharmos todos para o bem commum, para a solução do problema referido, demonstraremos mais uma vez ao mundo civilisado que não sabemos administrar, que sómente sabemos comer com egoismo e esbanjar, o que devemos legar aos nossos vindouros.

Uma patria livre, integra e prospera.

Com a reorganisação do exercito, essa *peste* que me propoñho apreciar de fugida sobre o ponto de vista economico e moral, termino por hoje as minhas considerações feitas *à vol d'oiseau*, deixando para outro dia, se o tempo me não faltar, a continuação do assumpto — *Infanteria* (descontentes) que os dirigentes d'este jornal, n'uma missão altruista, tiveram a benevolencia de publicar.

Como ia dizendo, uma reorganisação do exercito eivada de defeitos e anti-economica como a actual é, que tanta celeuma levantou no seio da commissão que a estudou, tendo cada membro opinião differente sobre as bases em que devia assentar, é um trabalho condemnado por sua natureza, que nunca devia ter sido decretada sem ser presente ao parlamento.

Esta lei deve ser tanto quanto possivel e desde já sustada.

A sua execução não se impõe e a criação de novo quadro e o augmento desnecessario d'outros, sobretudo na administração militar, trazem ao paiz encargos que contribuem para o desequilibrio financeiro que é indispensavei evitar.

HEMITERIO.

Subscrição aberta pela VOZ DO SARGENTO para os festejos em Coimbra do anniversario da Republica

Transporte...	300
Carolino José.....	300
Somma e segue...	300

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'A *Voç do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de trez trimestres do sr. Manuel Maria da Costa, 2.º sargento da guarda fiscal, Villa Nova de Gaia; de um semestre do sr. Joaquim Estacio Branco, 2.º sargento de engenharia; e a de um trimestre dos srs. Manuel da Silva Piedade, tenente, João da Costa Garret, 1.º sargento, de infantaria 23; Julio de Carvalho Vidal, 1.º sargento de infantaria 18; Henrique Herminio Branco, 2.º sargento d'infantaria 21; Manuel Joaquim dos Santos, 2.º sargento d'infantaria 35 e João da Silva Diniz, 2.º sargento reformado, Povoá do Varzim.

AVISO

Obra tutelar e social do exercito de terra e mar

Por ordem de S. Ex.^a o Presidente do Conselho Tutelar e Pedagogico do Exercito de Terra e Mar, e para conhecimento das familias dos candidatos a alumnos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito de Terra e Mar e do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, se faz publico o seguinte:

Está aberto concurso até 30 do corrente para 120 vagas de alumnos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito e para 21 vagas de alumnas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho.

A's primeiras podem concorrer os filhos das praças, sargentos e officiaes do quadro permanente e reformados do Exercito Metropolitano e de Armada, dos 9 aos 13 annos de idade. A's segundas podem concorrer as filhas dos sargentos e officiaes nas anteriores condições, dos 7 aos 12 annos de idade.

Os requerimentos dirigidos a S. Ex.^a o Presidente do Conselho Tutelar e Pedagogico do Exercito de Terra e Mar, serão feitos pelos paes ou tutores, e indicarão: nome, filiação, naturalidade, idade e morada do candidato, grupo a que concorre, e todas as allegações que o requerente julgar convenientes.

As preferencias para a classifica-

ção dos candidatos são, por sua respectiva ordem, as seguintes:

- a) Serem orfãos pobres de pae mãe, sem terem ascendentes obrigados aos alimentos, ou parentes ou amigos que queiram tomá-los ao seu cuidado;
- b) Serem orfãos de pae cuja mãe seja reconhecida como impossibilitada de prover á sua educação, por incapacidade physica, mental, ou ainda por pobreza;
- c) Serem orfãos de pae, sendo a mãe immoral ou criminosa;
- d) Serem orfãos de mãe, estando o pae impossibilitado physica ou mentalmente de os educar;
- e) Serem irmãos de mais cinco menores de 14 annos incompletos e os paes pobres;
- f) Terem revelado extraordinaria aptidão para as sciencias, artes, commercio, industria ou agricultura, não podendo os paes educá-los para a carreira em que manifestaram vocação;
- g) Serviços distinctos do pae;
- h) Menor graduação do pae.

Para o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, dentro de cada uma d'estas alineas, serão preferidas as candidatas filhas dos subscriptores.

As vagas para que se abre concurso são divididas pelos seguintes grupos, segundo o preceituado na respectiva lei:

1.º grupo: *Extremamente pobres*. — A elle podem concorrer somente os orfãos da alinea a) e os menores das alineas b), c), d), e) e f), cujos paes sejam extremamente pobres. Não pagam pensão; o enxoval, e as despesas ordinarias e extraordinarias pelo Conselho Tutelar e Pedagogico do Exercito de Terra e Mar.

2.º grupo: *Pobres*. — A elle podem concorrer somente os menores das alineas b), c), d), e) e f). Pagam uma pensão annual igual a metade do vencimento ou pensão mensal dos paes; o enxoval e as despesas ordinarias e extraordinarias são fornecidas pelo Conselho Tutelar e Pedagogico do Exercito de Terra e Mar.

3.º grupo: *Semi-porcionistas*. — A elle podem concorrer os filhos dos officiaes, sargentos e praças, ou as filhas dos officiaes e sargentos. Pagam annualmente uma pensão igual ao vencimento ou pensão mensal dos paes; o enxoval ou o apresentam á entrada do candidato no estabelecimento, ou lhe é fornecido pelo Conselho Tutelar e Pedagogico, e pago pelos paes e 24 prestações mensaes, isto quando estes comprovem a sua pobreza. Todas as despesas ordinarias e extraordinarias são pagas pelos paes ou tutores.

4.º grupo: *Porcionistas*. — A elle podem concorrer os filhos dos officiaes, sargentos e praças, e as filhas dos officiaes e sargentos. Pagam as seguintes pensões annuaes:

Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito — 1.ª secção: Ensino complementar, 144000 réis.

Idem — 2.ª secção: Ensino primario superior e technico, 180000 réis.

Instituto Feminino de Educação e Trabalho — 1.ª secção: Ensino complementar, 90000 réis.

Idem — 2.ª secção: Ensino technico, 120000 réis.

(CONTINUA.)

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no aprasivel, saudavel e hygienico bairro

DO

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de COIMBRA, num edificio com muito ar e muita luz a 5 minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, o mais antigo e acreditado Collegio que recebe ALUMNOS EXTERNOS

Direcção e administração a cargo de **JOSE D'ALBUQUERQUE**
Official do Exercito

Tratamento em familia — CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Não ter mais de 18 annos. — Ser saudavel e não soffrer de molestia alguma. — Pagar no acto da matricula a verba d'alojamento e todos os mezes até ao dia 3 a da alimentação.

Apresentar para o seu uso, os seguintes artigos: Cama de ferro, de 1,70x0,75, com enxergão e colchão de palha de milho, travesseiro e almofada.

Lavatorio completo. — Mesa de cabeceira, com bacia de cama esmaltada.

Mesa de 0,85x0,45 com gaveta e chave, uma cadeira, um candieiro de petroleo com bocal de 8', um tinteiro, um cabide, uma estante de parede com duas prateleiras de 0,65, uma garafa de barro para agua e um copo de vidro.

Um cobertor d'algodão, dois de lã, seis lençoes, quatro fronhas para travesseiro, quatro para almofada, dois lençoes de banho, seis toalhas de rosto, seis toalhas para pés, duas colchas, oito guardanapos, uma sacca para roupa e um par de calçado de trazer por casa.

Escovas para fato, cabelo e den-

tes, um copo esmaltado, dois pentes sendo um de alisar, outro fino uma thesoura d'unhas, uma argola para guardanapo. Todos estes artigos devem ser marcados com as iniciaes do pensionista e numero de matricula do pensionista.

Alimentação, 13\$500 réis mensaes

Almoço—Sopa e um ou dois pratos, chá e torradas.

Lunche—Pão com fructa ou queijo com doce.

Jantar—Sopa, dois pratos, vinho e sobremesa. — Doce ás quintas e domingos.

Ceia—Chá e torradas.

ALOJAMENTO—Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto, conforme a sua capacidade e tamanho. — Preço do alojamento, 25.000 réis.

Esta importancia só é restituída por falta de cumprimento d'esta proposta.

ESTUDO—E' vigiado durante a sua duração.

O pensionato possui dois explicadores com longa pratica: Mario Gomes da Silva, official do exercito e Guilherme d'Albuquerque

PREÇOS MODICOS CONVENCIONAES

DIAS DE FERIADO—Passeios, visitas e excursões educativas

OBSERVAÇÕES

1.^a—Não é permittida a saída do pensionista sózinho, a não ser para as aulas, salvo com previa auctorição das familias.

2.^a—O pensionato possui um magnifico jardim para recreio dos pensionistas.

3.^a—Quando o tempo o permitta, haverá passeio em seguida ao jantar, sendo os pensionistas devidamente acompanhados, e tendo nessa occasião logar varios jogos educativos.

4.^a—O pensionato informará mensalmente a familia da conducta do pensionista.

5.^a—O pensionato será indemnizado de quaesquer prejuizos feitos intencionalmente ou por descuido dos pensionistas. — O director não responde pelo extravio dos objectos que não tenham sido confiados á sua guarda, o que muito recommenda.

6.^a—Os pensionistas que completarem 18 annos no pensionato, e que queiram continuar no mesmo, podem fazel-o, se o seu comportamento anterior a isso se não oppozer.

7.^a—O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnização alguma das

verbas de alojamento e alimentação já pagas. Neste caso a familia é sempre avisada e informada do que originou tal deliberação, que se torna effectiva no acto da familia se apresentar a receber o pensionista.

8.^a—O pensionato fornece livros, papel, lapis, canetas, etc., pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é in tuito seu negociar com os pensionistas.

9.^a—Alimentação especial e tratamento por doenças são pagas á parte.

10.^a—O pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento da roupa dos pensionistas por 10000 ou 10500 réis mensaes, conforme a roupa de gomma que usar.

11.^a—Na verba de alimentação está incluída a luz e banho.

12.^a—O pensionato encarrega-se gratuitamente, da matricula dos seus pensionistas uma vez que lhe seja enviada a verba d'alojamento e a importancia da matricula.

Os pensionistas que as familias não queiram que vão a ferias podem ficar no pensionato, o qual se conserva aberto todo o anno.

Recebem-se propostas desde já, dirigil-as a **JOSE D'ALBUQUERQUE**

Calçada de Santa Isabel — SANTA CLARA — COIMBRA

Roga-se ás pessoas que este annuncio lerem, a alta fineza de o transmittirem a outras das suas relações a quem a sua leitura possa interessar.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

AGUA DE PIZÕES—MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo. Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc. Preços modicos.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUESComposto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

UNIÃO

Carta aberta ao illustre collaborador da "Voz do Sargento", Bento da Silva Fernandes.

PRECLARO CIDADÃO:

Se eu tivesse a honra de o conhecer pessoalmente, dar-lhe-ia um abraço onde se consubstanciaria toda a sinceridade d'uma grande admiração, toda a idolatria que se deve ao patriotismo nobre, santo e puro.

Sim, cidadão!

Eu não vou render homenagem áquelles que, acobertados por um manto verde e vermelho e sombreados pela arvore florecente da Liberdade, lançam a desordem e promovem a desmoralisação da Republica.

Tambem jámais me curvarei reconhecido ante aquelles que, em rasgos d'oratoria facil e fascinante, conseguem ganhar o culto popular, que, na sua ingenuidade de eterna creança, os acreditam, para levarem mais tarde com o latego do desprezo.

Venho render culto ás sãs doutrinas d'um grande prescruador, d'um grande educador, d'um patriota humilde, mas sincero, que sendo, talvez, do povo, vive em seu seio desconhecido mas a quem a cobertura do anonymato brilha mais de que o verniz lustroso da vaidade e da lisonja exageradas.

Não o magoem, cidadão, estas palavras d'um humilde que tem seguido insistentemente e observado attentamente as doutrinas expostas por o cidadão neste jornal, e que traduzem absolutamente o meu modo de pensar.

O ultimo dos seus artigos publicados neste jornal e que tem

por titulo: «Civismo», escripto numa singeleza que encanta e fala ao coração do patriota, do amigo da Republica, veio estreitar mais e mais os elos que ao cidadão me prendem, desde que comecei a ler os seus artigos, ás vezes escriptos numa ironia causticante que traduz claramente o desprezo em que o cidadão, como eu, tem os pessoalistas despresadores dos sagrados e intangiveis principios patrioticos, que devem sempre actuar vivamente em nossa alma, que se devem conservar immarcessiveis, emquanto por sobre este torrão pulsar um coração portuguez.

Depois, cidadão, o seu artigo está cheio de verdades, de razão; está puramente logico.

Elle critica correcta mas energeticamente as discordias que levam á desunião, e nisso está, principalmente, o seu valimento para com a minha pessoa, que declara estar ligada ás suas doutrinas aberta e incondicionalmente.

Se eu fosse amigo do cidadão, dar-lhe-ia, repito, um fraternal abraço, mas como nem sequer tenho a honra de o conhecer pessoalmente, aqui deixo traduzida humildemente a sympathia que nutro por todos que, como o cidadão apregoam a União na Republica, como a estrada aberta mais ampla para a sublime trilogia lemmatica republicana: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Coimbra, 1911.

ACCACIO SERRA.

A VIDA DO QUARTEL

Ha um anno apenas que appareciam nas inspecções militares rostos macilentos, tristes e preocupados por um pensamento unico — ficar livre da sorte.

Hoje apparecem risonhos, alegres

e cheios de boa vontade manifestada por diversas formas.

D'antes, nas aldeias mais incultas as mães choravam ao verem tristes os filhos que partiam.

Agora encontra-se espalhada a animação e manifesta-se um certo regosijo quando vão as levas dos quartéis.

N'estes existe um movimento de entusiasmo e todos os soldados sentiriam indiscriptivel contentamento se uma ordem do Ministro da Guerra os enviasse á fronteira.

E' que no tempo da monarchia era insupportavel a vida militar.

O 115 da Municipal lançou o terror do quartel nas povoações mais incultas.

Os suicidios repetiam-se e os desalentos tinham uma causa constante que ninguem ousava declarar.

A vida dos quartéis merecia mais alguma attenção da opinião publica, porque quasi a totalidade dos homens válidos da nação alli passava dois annos e formava durante esse tempo a corporação do exercito portuguez.

Todas as corporações têm quem as defenda e podem defender-se dos que lesam os seus direitos.

A corporação das praças de pret, não tinha ninguem extranho que fallasse por ella verdadeiramente, e nenhuma d'essa classe ousava fazê-lo, porque incorreria nas penas bem severas do regulamento disciplinar.

Em Junho de 1910 um cabo da Companhia de Telegraphistas de Praça, addido ao batalhão de caçadores 5, publicou no *Seculo* umas queixas contra o mau estado da caserna dos addidos.

Essa caserna era um monturo de lixo, as camas cahiam de velhas, não tinham lençoes e as mantas esburadas, tinham um cheiro insupportavel!

O cabo queixou-se dizendo pura e simplesmente a verdade.

Pois foi obrigado a desmentir-se, teve baixa de posto, e saboreou, na amargura d'um isolamento da Casa da Reclusão, vinte dias de prisão correccional!

Ninguem commentou esse facto, nem sequer foi conhecido do publico.

O pobre cabo, soldado depois, viu deante de si todos os horrores d'uma inquisição diabolica, e o trapo de lã com que á alvorada molhava os frios lagados do isolamento, pegou-lhe a lingua ao céu da bocca!

A severidade barbara com que os officiaes puniam as praças de pret, chegou a ser revoltante e aviltadora para a sociedade que isso consentia.

Já não me refiro ás penas applicadas a algum desgraçado que en contravam com um jornal de feição republicana. A esses podia dizer-se que o medo da hydra, o papão sinistro da verdade que os apavorava, lhes fazia perder o equilibrio moral e tornava-os despotas d'uma tyrannia requintada.

Mas causavam dó as penas applicadas ás simples infracções de disciplina.

Os commandantes distribuiam a esmo prisão disciplinar e correccio-

nal, quando ás vezes, com razão, não deviam reprehender.

Depois o pensar do soldado era para os officiaes um enigma e olhavam no de revez.

As mesquinhas luctas de interesses não tem defensores por sympathia, e os officiaes, por instincto de conservação queriam dominar o soldado pelo terror, pelo medo, pelas desconsiderações continuas, pelas oppressões successivas, que tornavam a vida militar despresivel e odiada.

O effeito d'essa maneira de dominar, viu-se em 4 e 5 de Outubro de 1910.

O despotismo official, não teve quem pugnassem com elle e viu-se obrigado a aperrar as pistolas, não tanto por medo dos inimigos como pelo receio dos que o cercavam.

E hoje os soldados ao ouvirem falar em pretensões monarchicas, alliam ao amor da Republica o desejo de afogar em sangue os que além da fronteira, representam o velho estado de coisas e a vida antiga dos quartéis.

Aproveite o exemplo o officialismo que ainda hoje tem esse methodo de dominar e siga com moderação e prudencia no trato dos seus subordinados, para não ter quem lha obedeça por medo mas sim rodeado d'amigos que o defendam e ajudem com valentia e dedicação, quando a Patria lhe exigir qualquer serviço.

Montemor-o-Velho, 17—9—911.

Carlos Victor.

O armamento e equipamento

Sargentos de espada e sargentos de mochila

Uma das questões que mais tem preocupado o espirito dos sargentos é a que nos serve de titulo a este pequeno artigo — *sargentos de espada e sargentos de mochila* — com especialidade na arma d'infanteria, onde tal odiosa distincção mais se faz sentir e salientar de maneira tal a ponto de paisanos e toleradas chegarem ao apuro de apuparem os sargentos nas ruas e praças publicas com o epitheto de: *sargentos da mochila*!

Diga-se franca e imparcialmente: a que abedeceria, que razões levariam os legisladores a procederem tão deshumanamente com os 2.^{os} sargentos?

Com sinceridade o dizemos, que não sabemos porque a Republica nos mantenha no estado desprimoroso em que a Monarchia nos deixou.

O sargento lucta sem descanso para que seja attendido, e se tem

sido insistente no pedido, a razão é fácil de explicar: — primeiro, porque lhe foi prometido em todas as reuniões de membros republicanos onde o sargento era sempre acceite e bem recebido, nas discussões que n'essas reuniões tivessem de haver, e em que havia de ser sempre postas em destaque as barbaridades da Monarchia, tinham sempre como remate final o prometimento da eliminação da mochila; em segundo lugar deram a espada aos 1.ºs sargentos sem atenção para com os 2.ºs, lançando no olvido os prometimentos d'uns e as esperanças d'outros.

Ora não deve ser assim que os homens da democracia e que mais se evidenciavam no tempo das reuniões secretas, falem á sua palavra, de prometimento a quem tanto os ajudou.

O sargento pede porque lhe foi prometido, e continua a pedir porque viu favorecer com essa distincção os seus camaradas 1.ºs sargentos com exclusão dos 2.ºs. Por consequencia o que é prometido é devido.

Se a eliminação da mochila acarretasse dispendio á Fazenda Nacional, o sargento seria o primeiro a concordar que se não devia estabelecer tal medida.

Mas se não ha e já se favoreceram alguns, favoreçam-se todos, porque é mais bonito, acabando-se assim com tão odiosa distincção entre individuos da mesma classe.

Apezar de os nossos modestos semanarios e os varios jornaes diarios do paiz estarem constantemente á chicotada á Monarchia, pondo-lhe os pódres a descoberto, salientando os seus costumes inquisitoriaes (no que só lhe fazem justiça), o sargento chega-se a convencer do contrario, que nem tudo que a Monarchia fez era mau; poisque, elle ainda é e será conservado na posse da mochila que ella lhe legou, e não por isso a Republica achou má essa sua accertada medida, visto que ainda não deu ordem para que elle deixasse de a trazer ás costas.

E conforme o sargento se convence, se convenceram tambem os chefes da Republica.

19 — 9 — 911. C.

UM GRANDE MAL

Impassivel tenho assistido ao desenrolar d'esta fita animatographica, em cuja projecção têm apparecido quadros comicos e dramaticos, applaudidos por uns, pateados por outros, e ainda indifferentes ao maior numero.

Foi ao lado d'estes que enfileirei; e por isso, com tristeza o digo, as minhas observações fazem desanimar o maior crente de uma proxima regeneração da classe.

Entre os muitos males que a affectam, sobresaem um, que não escapa ao menos perspicaz. Elle transparece no menor acto, no menor gesto, nas palestras, e ainda, infelizmente, nos escriptos levados pela imprensa, por esse paiz fóra.

Sem difficuldade se escreve e publica o que o cerebro nos dicta; mas raras vezes elle se subordina á consciencia; porque um grande numero diz o que lhe convem sem respeito algum pelo que sente.

E assim, quando muitos procuram alcançar o seu bem estar, sem attenção pelo bem estar alheio, quando as ambições mais exigentes se impõem para o conseguimento dos seus fins, quando os caprichos exi-

gem a sua satisfação imperiosamente, quando até a bajulice serve traiçoeiramente de arma de combate, isto caminha, não para o ideal com que os revoltosos de 5 de outubro sonharam, mas para a desmoralisação que ingenuamente lhes pareceu ter terminado na manhã d'aquelle dia.

Desde então que a minha alma de portuguez, ciosa pela independencia da sua patria é desejosa de imitar os heroes que com a sua espada, o seu saber, e o seu inconfundivel amor patrio, escreveram a historia que nos legaram, via na sua frente uma escuridão impenetravel a tolher-lhe os passos que hesitante dava.

Hoje, com o reconhecimento official da Republica Portugueza pelo mundo civilisado, creio sem clausulas, que desapareceu esse peza-dello que quasi nos suffocava.

Porém, um grande mal nos tortura ainda.

O seu tratamento será facil; mas, para que a cura seja radical, é necessario que termine a crise de caracter que nos envolve. Sejamos francos e sinceros no que dizemos e feis no cumprimento dos nossos deveres.

Eduquemo-nos em principios justos e instruamo-nos sufficientemente, e então os direitos correspondem aos deveres.

18 — 9 — 911.

Zé Manel.

Suspensão do superfluo augmento de ordenados

Varias razões levaram o actual ministerio a suspender de prompto e sem mais delongas o superfluo augmento de ordenados á burocracia d'este malfadado paiz.

Essas razões adivinhamol-as nós, sem ser preciso recorrer ás somnambulas mais experimentadas na arte de transportar o futuro ao presente.

Os encargos doados pela Monarchia ultra-larapia aos governos da Republica foram enormes. E tão grandes foram que o thesouro só poderá endireitar a espinha d'aqui por uns bons 20 annos; ainda que a vontade dos seus administradores seja a mais rigida possivel e escrupulosa, quer na arrecadação da receita quer na sua equitativa distribuição, ha de forçosamente levar muito tempo a cura de tão grande lesão.

O Governo revolucionario fez augmentos demasiadamente grandes, naturalmente para satisfazer compromissos tomados no preparo da revolução.

Mas augmentos houve que se tornaram reparados e que aproveitaram só aquelles que já tinham bem compensados os seus descansados trabalhos e altos cargos honrosos.

A burocracia proletaria foi menos feliz na roda da fortuna. Deram-lhe pouco trabalhando muito.

Os cofres magros como estavam não podiam aguentar com tanto mamão. Teve é claro, de reparar este mal a tempo o Governo, de estabilidade do sr. João Chagas, porque do contrario tombava-se o carro e lá tinhamos outra vez Portugal a recuar com mais velocidade de que momentos antes da revolução.

Ora as locomotivas republicanas tiveram sempre por lemma no mundo civilisado rebocar do seu lethargo os paizes depauperados pelos monarchicos de *direito divino*,

collocal-os a par dos que caminham na vanguarda do progresso social.

E é assim que a nossa Republica deve fazer para sua honra e para bem de todo o povo portuguez; o contrario não faz cahir no ridiculo as affirmações de João Franco, o *errante*, ao jornalista Gauthier e outros, a quem dizia: — «Portugal ainda não está em estado de ter parlamento quanto mais Republica.»

São precisamente estas e outras injurias lançadas á probidade dos homens da democracia portugueza e d'este povo generoso e trabalhador que só partiu a grilheta depois de muito sovado pelo sangue Orleans, que o Governo do sr. João Chagas vae desmentir e só o fará com a immediata suspensão do fabuloso augmento de ordenado aos tubarões, e fazendo melhor distribuição pelas classes trabalhadoras, arrancando-as da miseria, que tanto custa a supportar por aquelles que não poupam o corpo ao trabalho e que tão desgraçadamente vivem, pois que, o seu salario não chega a mais do que a enganar o estomago com vegetaes que em nada podem fortalecer uma raça definhada pelo seu organismo empobrecido, defrontando se um sem numero de vezes com a miseria aborrecida que constantemente lhe bate á porta.

E' para estes que os Governos da Republica devem olhar com olhos de vêr. E' para estes que a Republica ainda se ha de fazer, porque para os commendadores, gran cruces, cavalleiros, officiaes da Torre e Espada, etc., já estava feita antes de ser implantada em Portugal.

Uma republica democratica beneficia todo o cidadão que a ella se acolhe e uma Republica aristocratica beneficia só aquelles a quem diz respeito.

O restante povo fica da mesma maneira a usufruir o que usufruia dos seus algozes monarchicos, desde que uma republica não seja genuinamente democratica.

As consequencias d'estes fataes enganos teem dado motivo a novas revoluções populares para deitar por terra as republicas aristocraticas que longe de suavisar o mal e attenuar a fome da plebe faminta, mais lhe augmenta o seu supplicio atroz!

E' assim que as grandes massas das classes proletarias esquecem a lei para attender a necessidade que é a **Revolução**, porque só n'ella vêem a satisfação dos seus desejos.

20 — 9 — 911.

C.

É E NÃO É

Deus!... um mytho, um impossivel!

Deus, se acaso existisse, com um poder tão sobrenatural, tão grande como o que vulgarmente se lhe attribue, com um poder capaz de, com um simples — quero —, demover todos os obstaculos, deveria ser infinitamente poderoso, immensamente grande; e a nossa intelligencia tão finita, tão contingente, poderá formar uma ideia ainda que muito baixa, d'essa divindade tão mystica?

Deus!... um impossivel tão comprovavel como o descalabro do nosso thesouro.

Deus, um ente que é infinitamente justo e permite que os republicanos historicos, os que o eram antes de o serem, sejam perseguidos pelos caciques, hoje mais *democratas* que os exilados d'outrora, um ente que é infinitamente bom e permite sobre a terra uma companhia de

de Jesus, um ente que é infinitamente santo e cria um diabo tão mau como qualquer governo monarchico, é um *é e não é* ao mesmo tempo, nega-se a si mesmo, destroe-se.

Um Deus que nos cria, que prevê *ab aeterno* todos os nossos actos e de cuja previsão nos não podemos afastar um apice que seja, e nos dá ao mesmo tempo o livre arbitrio para procedermos como quizermos, é uma utopia, um inadmissivel.

Um Deus que concede aos reis o poder de governar o povo e consente depois que esses reis baqueiem, que o povo imponha a sua vontade, que se governe a si mesmo, que esse povo reclame para si o que de direito lhe pertence, esse Deus é um absurdo.

J.

Os annos na prisão

(Das paredes d'uma prisão)

2 de agosto de 1875 — 2-VIII-1911

Aqui fiz os meus annos! Assim o quiz a injustiça dos homens. A minha prisão é verdadeiramente revoltante, porque nunca usei de politica.

Todos os partidos eu acolhi e acolherei indifferente desde que sejam honestos na administração do paiz, rectos na distribuição do Direito e defendam sempre a nossa nacionalidade.

Desde 2 de agosto de 1875, esse fatal dia em que pelas 9 horas da noite fui impellido para o mundo, que a minha existencia tem sido cercada dos maiores infortunios. A minha vida, é um verdadeiro manancial enxotavel de elementos para a contextura d'um enorme drama, bem commovedor!

Ouvi-me avesinhas que passaes Junto d'esta prisão, radiantes de felicidade: Mais immensa, que o ar que deslocaes, E' a minha dôr, aqui, sem liberdade!

Como vós, eu não contemplo a natureza, Que ora ostenta mil festões de verdura; Mas só a solidão e a sua tristeza, N'esta pezada vida que tanto dura!

Quartel do 23, 2 de Agosto de 1911.

João Ferreira de Carvalho
Professor

COMMUNICADO

Sr. director, proprietario e editor d'*O Sargento*.

Coimbra, 18 de Setembro de 1912.

Digne-se V. Ex.^a tornar publica a seguinte declaração, no seu joanal:

Plinio Ventura (*Non nemo*) torna publica a sua desistencia da redacção do jornal *O Sargento*, no seu proprio proveito, por sua livre vontade, e sempre isento de lucro algum proveniente da sociedade do mesmo jornal.

Seguiram para Lisboa afim de concorrerem ao concurso para alferes do secretariado militar, os nossos amigos e camaradas d'infantaria 23, Joaquim José Magro e José Augusto Gomes e de cavallaria n.º 8 Francisco Grillo Fevereiro.

Que sejam felizes e que em breve nos obriguem á continencia, é o nosso desejo.

JUSTIÇA

Com uma simples penada em ordem do exercito, o nobre ministro da guerra fundiu a lei mais iniqua que o exercito tinha, pois era ella que trazia acorrentados todos os graduados.

Essa lei mal fadada que tinha por nome — Lei de informação criminal, servia para os despotas subjugarem um ou outro que se não sujeitava ao desempenho de um ou outro papel, que muitas vezes era repugnante.

Na dita lei residia o futuro de um individuo. Duas palavras continha ella, que sendo tão simples de se pronunciarem, tinha militarmente um valor inconsideravel. Essas palavras eram: *Sim, não.*

Se o sujeito estava nas boas graças, tudo corria ás mil maravilhas, porque lhe era chapada na sua respectiva informação um *Sim* em todos os quesitos; se não estava nas boas graças, era-lhe dado nos respectivos quesitos um *Não*.

Terrivel palavra era então o *Não!*

Um *Não* correspondia a uma passagem do corpo, á preterição para a promoção ao posto immediato, e finalmente á pouca consideração que em geral era dada não só pelos superiores, como até ainda pelos proprios camaradas do mal informado.

Emfim, sempre que o commandante de qualquer unidade tinha desejo de se ver livre de um individuo naquellas circumstancias, logo, (como se diz em portuguez), o punha com dono.

Assim se exerciam muitas vinganças no fim de cada anno.

Na mão de um estava o futuro de muitos. Era vulgar ouvir-se dizer, por dá cá aquella palha: — as informações estão á porta.

Hoje, felizmente, essa porta está fechada e cremos que não mais voltará a abrir-se.

M. G.

Tivemos o prazer da visita do nosso amigo sr. Jorge Gaspar de Lemos, distincto olumno da Universidade de Coimbra.

Tendo-nos sido devolvidos alguns jornaes, que mais tarde são pedidos pelos respectivos destinatarios, leva nos a crer que seja excesso de zelo dos srs. empregados dos correios e com especialidade d'alguns senhores distribuidores, que não estão para massadas.

Ficam desde já prevenidos, que a continuar este bello serviço, nada nos demoverá a não chamar para isto a attenção do Ex.^{mo} Director dos correios.

LITTERATURA

SONETO

Os que amam são cegos, colhem espinhos e deixam as rosas.

ARSÈNE HOUSSAYE.

Apenas eu entrei na mocidade.
N'esta quadra risonha e tão florente
Qual mez primaveril resplandescente,
De risos, de perfumes e alacridade,

Eu vejo sempre aberta em minha frente,
Ora em trevas de negra soledade,
Ora cheia de luz e suavidade,
A senda porque anceio ardentemente.

Mas tento em vão transpôr esse caminho,
Pois colho dos rosas agudo espinho
Que o peito dilacera sem temor,

E deixo que outras vão colhendo as rosas...
— Aquellas são risonhas, venturosas,
E eu vivo atrophada pela dôr!

Tavira.

LAURINDA SERYTRAM.

AVISO

Obra tutelar e social do exercito de terra e mar

(CONCLUSÃO)

O enxoval será apresentado á entrada do alumno no estabelecimento.

As despesas ordinarias e extraordinarias são pagas pelos paes ou tutores.

Os requerimentos devem ser acompanhados, conforme as condições, dos candidatos, de alguns dos seguintes documentos:

Certidão de idade do candidato;
Certidão de obito do pae;
Certidão de obito da mãe;
Attestado de que, sendo orphãos, não teem ascendentes obrigados aos alimentos ou amigos que os queiram tomar a seu cargo;

Attestado de que, sendo orphãos de pae, a mãe é incapaz de os dirigir ou educar, por incapacidade moral, physica, intellectual ou por pobreza;

Attestado de que o pae, por motivo de serviço ou incapacidade physica ou mental, não pôde educar o candidato;

Attestado de que teem mais cinco irmãos menores, de menos de 14 annos, sendo os paes pobres;

Attestados que demonstrem ter o candidato manifestado extraordinarias aptidões para as sciencias, artes, commercio, industria ou agricultura, sendo os paes pobres;

Certidão de exame do primeiro grau;

Certidão de exame do segundo grau;

Attestado de extrema pobreza;

Attestado de pobreza;

Declarações dos paes ou tutores, de que se obrigam a pagar as pensões correspondentes ao grupo a que concorrem, em mensalidades pagas adeantadas no primeiro dia útil de cada mez, na Secretaria do

Conselho Tutelar e Pedagogico do Exercito de Terra e Mar;

Declaração dos paes ou tutores de que apresentarão os respectivos enxovaes na data de entrada dos candidatos nos respectivos estabelecimentos, bem como de que se responsabilizam por todas as despesas ordinarias e extraordinarias que os menores façam no estabelecimento;

Se o menor concorre aos grupos dos semi-porcionistas, caso queira pagar o enxoval a prestações, declaração do pae ou tutor de que effectuará esse pagamento nos dias em que fizer o da pensão, e attestado de pobreza que demonstre a urgente necessidade d'essa concessão;

Documentos que comprove a totalidade dos vencimentos ou pensões dos paes;

Copias das notas de assentos ou folhas de matricula dos paes;

Declaração de que a educação da menor candidata do Instituto Feminino de Educação e Trabalho está segura, por ser o requerente subscriptor;

Certidão de vaccina;

Attestado medico que comprove que os candidatos não padecem de doença chronica ou contagiosa;

Todos os documentos que demonstrem serviços distinctos á Patria;

Todos os attestados e mais documentos que comprovem as allegações feitas no requerimento ou que possam constituir motivo de preferencia.

Feita a classificação dos candidatos, será esta publicada no *Diario do Governo*, devendo ser opportunamente fixado o dia para a inspecção medica.

As leis organicas dos Institutos veem publicadas nas *Ordens do Exercito*, n.º 14 e 19 (1.ª serie) do corrente anno.

Todos os documentos juntos ao requerimento devem ser passados pelas auctoridades competentes e devidamente reconhecidos.

Os filhos a que se refere este Aviso são os legitimos e aquelles a quem a lei respectiva conferir direitos iguaes aos dos legitimos.

Todas as informações necessarias poderão ser pedidas, fóra de Lisboa, nas sédes dos corpos ou estabelecimentos militares mais proximos da localidade onde viva o requerente; em Lisboa, na Secretaria do Conselho, Estrada de Bemfica, 376.

Secretaria do Conselho Tutelar e Pedagogico, em 1 de setembro de 1911.

O Vogal Secretario,
Liberato Pinto,
Tenente.

Subscrição aberta pela VOZ DO SARGENTO para os festejos em Coimbra do anniversario da Republica

Transporte...	300
Plinio Ventura.....	300
Somma...	300

Por lapso da composição sahiram no ultimo numero 300 réis em vez de 200, quantia com que o sr. Carolino José, contribuiu para os festejos.

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignnantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignnantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignnantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de um semestre dos srs. Manuel Augusto Pedro, sargento ajudante do regimento d'infanteria de reserva n.º 35; José Francisco Esteves, 2.º sargento do D. R. n.º 10; José Augusto Pereira, 1.º sargento, Antonio Ferreira da Silva, e Antonio da Silva, 2.º sargentos, todos da guarda nacional republicana de Lisboa; Bento da Silva Fernandes, 1.º sargento d'infanteria n.º 2; Francisco Mendes Franco, 2.º sargento enfermeiro, Loanda; Arthur Rodrigues de Sousa, 2.º sargento d'artilheria 4; e de um trimestre dos srs. Patricio Gonçalves, 2.º sargento de cavallaria n.º 11, Braçança; José da Rosa, 2.º sargento d'infanteria n.º 19 e Francisco Grillo Fevereiro, 1.º sargento de cavallaria n.º 8.

Seguiu para Penafiel a recolher ao regimento d'infanteria n.º 32, o nosso amigo e assignante sr. alferes Arthur Martins Dionizio.

Inmensas felicidades é o que desejamos a s. ex.ª

Teve passagem ao grupo de metralhadoras d'esta cidade, o nosso amigo Gaspar d'Almeida, incansavel propagandista da instrucção e autor do methodo de ensinar a ler por meio da escripta.

5 D'OUTUBRO

Para os festejos de 5 d'outubro, tem grande sortimento de bandeiras nacionaes, cujo preço é de 400 a 1000 réis cada uma — ANTONIO GARCIA REGENCIO (*O Salta Vallados*), rua do Paço do Conde. Satisfaz com promptidão todas as encomendas que lhe sejam feitas. As bandeiras medem desde 1 metro a 2^m,70.

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a *Tabacaria União*, Rua da Sophia, Coimbra.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no aprasivel, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de COIMBRA, num edificio com muito ar e muita luz a 5 minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, o mais antigo e acreditado Collegio que recebe ALUMNOS EXTERNOS

Direcção e administração a cargo de **JOSE D'ALBUQUERQUE**
Official do Exercito

Tratamento em familia — CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Não ter mais de 18 annos. — Ser saudavel e não soffrer de molestia alguma. — Pagar no acto da matricula a verba d'alojamento e todos os mezes até ao dia 3 da alimentação.

Apresentar para o seu uso, os seguintes artigos: Cama de ferro, de 1,70x0,75, com enxergão e colchão de palha de milho, travesseiro e almofada.

Lavatorio completo. — Mesa de cabeceira, com bacia de cama esmaltada.

Mesa de 0,85x0,45 com gaveta e chave, uma cadeira, um candieiro de petroleo com bocal de 8', um tinteiro, um cabide, uma estante de parede com duas prateleiras de 0,65, uma garafa de barro para agua e um copo de vidro.

Um cobertor d'algodão, dois de lã, seis lençoes, quatro fronhas para travesseiro, quatro para almofada, dois lençoes de banho, seis toalhas de rosto, seis toalhas para pés, duas colchas, oito guardanapos, uma sacca para roupa e um par de calçado de trazer por casa.

Escovas para feto, cabello e den-

O pensionato possui dois explicadores com longa pratica: Mario Gomes da Silva, official do exercito e Guilherme d'Albuquerque

PREÇOS MODICOS CONVENCIONAES

DIAS DE FERIADO — Passeios, visitas e excursões educativas

OBSERVAÇÕES

1.^a — Não é permittida a saída do pensionista sózinho, a não ser para as aulas, salvo com previa auctorição das familias.

2.^a — O pensionato possui um magnifico jardim para recreio dos pensionistas.

3.^a — Quando o tempo o permitta, haverá passeio em seguida ao jantar, sendo os pensionistas devidamente acompanhados, e tendo nessa occasião logar varios jogos educativos.

4.^a — O pensionato informará mensalmente a familia da conducta do pensionista.

5.^a — O pensionato será indemnizado de quaesquer prejuizos feitos intencionalmente ou por descuido dos pensionistas. — O director não responde pelo extravio dos objectos que não tenham sido confiados á sua guarda, o que muito recommenda.

6.^a — Os pensionistas que completarem 18 annos no pensionato, e que queiram continuar no mesmo, podem fazel-o, se o seu comportamento anterior a isso se não oppozer.

7.^a — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnização alguma das

tes, um copo esmaltado, dois pentes sendo um de alisar, outro fino uma thesouira d'unhas, uma argola para guardanapo. Todos estes artigos devem ser marcados com as iniciaes do pensionista e numero de matricula do pensionata.

Alimentação, 43\$300 réis mensaes

Almoço — Sopa e um ou dois pratos, chá e torradas.

Lunche — Pão com fructa, com queijo ou com doce.

Jantar — Sopa, dois pratos, vinho e sobremeza. — Doce ás quintas e domingos.

Ceia — Chá e torradas.

ALOJAMENTO — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto, conforme a sua capacidade e tamanho. — Preço do alojamento, 25\$000 réis.

Esta importancia só é restituída por falta de cumprimento d'esta proposta.

ESTUDO — E' vigiado durante a sua duração.

verbas de alojamento e alimentação já pagas. Neste caso a familia é sempre avisada e informada do que originou tal deliberação, que se torna effectiva no acto da familia se apresentar a receber o pensionista.

8.^a — O pensionato fornece livros, papel, lapis, canetas, etc., pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é in tuito seu negociar com os pensionistas.

9.^a — Alimentação especial e tratamento por doenças são pagas á parte.

10.^a — O pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento da roupa dos pensionistas por 1\$000 ou 1\$500 réis mensaes, conforme a roupa de gomma que usar.

11.^a — Na verba de alimentação está incluída a luz e banho.

12.^a — O pensionato encarrega-se gratuitamente, da matricula dos seus pensionistas uma vez que lhe seja enviada a verba d'alojamento e a importancia da matricula.

Os pensionistas que as familias não queiram que vão a ferias podem ficar no pensionato, o qual se conserva aberto todo o anno.

Recebem-se propostas desde já, dirigil-as a **JOSE D'ALBUQUERQUE**

Calçada de Santa Isabel — SANTA CLARA — COIMBRA

Roga-se ás pessoas que este annuncio lerem, a alta fineza de o transmittirem a outras das suas relações a quem a sua leitura possa interessar.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente **PURA**. Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo. Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa **Gaitto & Cannas**

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Barbas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc. Preços modicos.